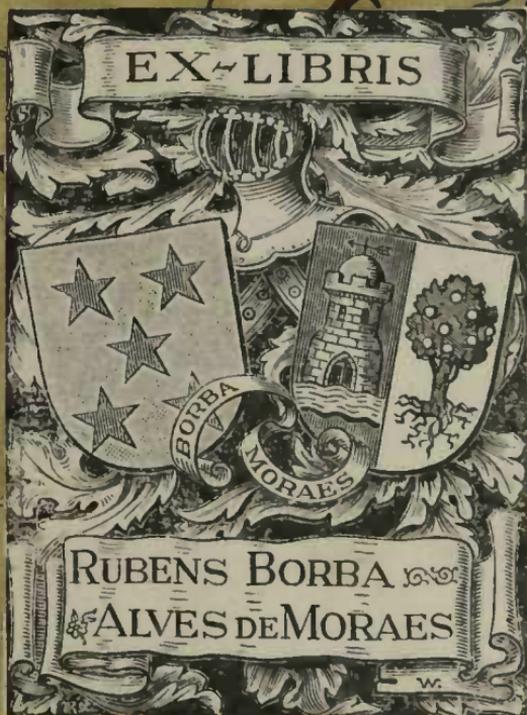


EX LIBRIS
BenediTo L. Peretto



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

(527)

3 vol.
1,500 —

O FORASTEIRO

AU MONDE ELEGANT
A. GENOUD
LIVRARIA - MUSICAS
CAMPINAS

OBRAS QUE SE ACHÃO A VENDA NA MESMA LIVRARIA :

J. de Alencar

TIL, romance brasileiro, 4 v. in-16, br. 4\$000, enc.	6\$000
IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edição. 2 v. br. 2\$000, enc.	3\$000
VIUVINHA e os Cinco Minutos, 2ª edição. 1 vol. broch.	2\$000
enc.	3\$000
O GUARANY, 3ª edição, 2 v. in-4º, encadernados....	10\$000
AS MINAS DE PRATA, romance historico, complemento do precedente. 6 v. in-8, br. 12\$000, encadernado	16\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v.	1\$50,
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo	2\$000
2ª edição. 1 v.....	2\$000
A MAI, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v.....	2\$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 v.	1\$000

Senio

O GAUCHO. romance brasileiro. 2 v in-8 br. 4\$, eno..	6\$000
PATA DE GAZELLA. romance brasileiro. 1 v. in-8 br.	2\$000,
enc.	3\$000
O TRONCO DO IPÊ. romance brasileiro. 2 v. in-8 br.	4\$000,
enc.	6\$000
SONHOS D'OIEO, romance brasileiro. 2 v. in-8º enc.	6\$000
br.....	4\$000

G. M.

DIVA, <i>perfil de mulher</i> . 2ª edição. 1 v. enc.....	3\$000
LUCIOLA, <i>perfil de mulher</i> . 2ª edição. 1 v. enc.....	7\$000

J. Norberto de Souza e Silva

ROMANCES E NOVELLAS. 1 v. br. 3\$000, enc.....	4\$000
BRASILEIRAS CELEBRES. 1 v. in-8º enc.....	2\$000
FLORES ENTÃO ESPINHOS. 1 v. in-8º enc.....	2\$000

Rozendo Moniz

FAVOS E TRAVOS, romance. 1 vol. in-8 br. 2\$000, enc..	3\$000
--	--------

Th. Fix

HISTORIA DA GUERRA DO PARAGUAY, traduzida por A. J. Fernandes dos Reis e annotada por *** 1 v. in-8º enc...	5\$000
---	--------

V. Valmont

O ESPILHO PRUSSIANO, romance historico inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra Franco-Prussiana, traduzida por V. Colonna. 1 v. in-8º br. 2\$000, enc... 3\$000
--

O
FORASTEIRO

ROMANCE BRASILEIRO

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

SEGUNDA EDIÇÃO

TOMO I

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

69, Rua do Ouvidor, 69

AOS LEITORES.

Longe estou de ignorar, que em uma obra ligeira, como é de ordinario o romance, um prologo pecca sempre por demais; tambem não é um prologo longo e pretencioso, que pretendo impôr á reconhecida paciencia dos meus benignos leitores; é uma simples e breve explicação, de que entendi não dever prescindir.

O romance, que agora dou á luz da imprensa, é a minha primeira composição d'este genero: tinha eu sómente dezoito annos de idade, quando o escrevi, cinco annos antes da MORENINHA.

Cedo reconheci as imperfeições e os numerosos defeitos d'este meu primeiro trabalho; guardei-o muito tempo por isso; e quando, desejoso de offerecel-o ao publico, me vinha á idéa o fazer d'elle uma obra inteiramente nova, confesso que logo depois me faltava o animo para destruir com a reflexão do homem de mais de trinta annos a inspiração, embora extravagante, do joven de dezoito.

Eu guardava este meu pobre livro com o amor com que se conserva o anel de cabellos do filhinho roubado pela

morte: este meu pobre livro era como um objecto, que pertencêra á minha juventude já morta para mim, e encerrada no tumulto do passado: estimava-o principalmente por isso, e sómente por isso não desejava tocar n'elle.

Um meio unico havia para conserval-o sempre em sua completa originalidade, era não publical-o nunca: a isso estava resolvido; mas hoje que tive de ceder ás instancias de um amigo, convindo em que este romance fosse enfim impresso, pude apenas casar o respeito, que devo ao publico, com o empenho que eu tinha de não destruir a prenda, que me ficára da idade dos risos.

Assentei, pois, que devia conservar do meu primeiro romance tudo quanto pudesse ser conservado sem grave inconveniente, embora procedendo assim, elle se resentisse ainda muito da insufficiencia, da precipitação, e da incurria de um autor, que só contava dezoito annos.

Tomando esta resolução, limitei-me especialmente a corrigir os defeitos, que mais pertencião á fórma do que á materia da composição: sujeitei-me até ao estylo, que outr'ora adoptára, bem que outro preferiria hoje, e conservei mesmo capitulos inteiros, como os tinha escripto em 1839.

O plano da obra, o arcabouço dramatico, são os mesmos que erão.

Offereço, portanto, ao publico o meu *primeiro* romance, e nunca tive tanta necessidade da sua indulgencia, nem talvez tanto direito a ella, como agora.

Sobretudo, ao ler o — Forasteiro —, não se esqueção nunca os benignos leitores da idade que tinha o autor quando o escreveu.

Rio de Janeiro — 1856.



O FORASTEIRO

I.

O jantar á beira da estrada.

Estrangeiro, quem és tu ?...

Eschylo.

No dia 24 de Junho de 1743 descião da pequena, mas graciosa povoação de Itaborahy, pela estrada que vai ter ao rio Varzea, dous homens, que levavão marcha fortemente ligeira, como que muito tivessem de fazer ainda á luz do mesmo sol, posto que então não pudesse ser menos de uma hora da tarde.

O exterior de ambos indicava que escassa era com elles a fortuna, e que a bom suar compravão o pão, de que se alimentavão, e as vestes que vestião ; mas tambem tudo n'elles parecia

estar dizendo, que o dia, que se ia passando, lhes era caro e festivo.

Posto que um dos dous sujeitos já devesse andar roçando pelos seus cincoenta annos, e o outro apenas pudesse contar seis lustros, erão em ambos iguaes e semelhantes o trajar, os modos e o contentamento.

Erão elles de alta estatura, e até certo ponto parecidos um com o outro: tinham cabellos pretos, bastos, e que talvez fossem bellos, se seus donos os não tivessem ordinariamente em desprezo: as mãos erão calejadas e grandes, assim como os pés, e todas as suas fórmãs abonavão um subido desenvolvimento muscular.

O rosto de qualquer dos dous mostrava-se crestado pelos raios do sol tropical; mas embora se parecessem ambos um com o outro, tinha o mais velho os olhos pardos, grandes, e o olhar doce, a boca rasgada, e um ar de franqueza que o distinguia bastante dos olhos pequenos e vivos, da boca sumida, e da expressão um pouco maliciosa do rosto redondo do mais moço.

Viubão ambos vestidos com estudada semelhança: seus chapéos erão de palha de taquarucú, trabalho em que, muito mais do que agora, primavão então os indios da aldêa de S. Barnabé, situada á distancia de duas legoas pouco mais

ou menos de Itaborahy: trazião compridas vestias de helbute desabotoadas, por sobre cujas gólas debruçavão-se os collarinhos da camisa um pouco aberta no peito: vestião calças de bombazina, e emfim, calçavão sapatos grossos, e rudemente feitos, aos quaes por seu pisar acanhado e irregular mostravão os dous caminantes não estar muito habituados.

Deixárão os dous a povoação de Itaborahy, muito resumida n'esse tempo, descendo pela estrada, que hoje tem o nome de rua do Theatro, e chegando no fim de alguns minutos á margem do rio Varzea, ambos, como de ajuste, se abaixárão, e descalçando os sapatos, os pendurárão na ponta dos bordões, que sobre os hombros levavão; depois arregaçárão as calças até acima dos joelhos com um cuidado admiravel para não amarrotal-as, deixando á mostra suas pernas cabelludas e musculosas: isto feito, vencêrão de um salto o pequeno rio, e livres já dos sapatos, forão mais desembaraçadamente caminhaudo.

Logo depois despresárão primeiro uma estrada que lhes ficava á mão direita, e immediatamente uma outra, que para a esquerda se abria, e proseguirão, como que se dirigindo para atravessar o rio Aldêa no ponto chamado ainda hoje por alguns habitantes do lugar — Campo Redondo.

Posto que corresse o mez de Junho, e o dia estivesse fresco, os dous caminantes começarão a suar da fadiga, que lhes causava a marcha puxada que levavão; e já então principiavão a subir uma collina muito conhecida d'elles e dos seus, e que demora talvez a um quarto de legoa de Itaborahy.

Essa collina, bem que pouco elevada, e apezar de ser arida e toda cravada de pequenas pedras, fazia-se, e faz-se ainda hoje recommendavel por sua feliz posição: ao chegar ao seu cume, o mais bello panorama se desdobrava, do mesmo modo que agora succede, aos olhos d'aquelle que descia para o lado de Itaborahy, ou que de lá vindo, voltava os olhos para o caminho já vencido: a engraçada e nascente povoação apparecia surgindo d'entre os bosques, assentada sobre o cabeça do seu monte, dominando lindos outeiros, e pittorescas planicies, que a cercão como em vassallagem, e que ella risinha e candida os vigia e commanda sobranceira, como do alto do throno de seus esíados.

Em attenção á camada de pedras, que em seu dorso se encastão, esse outeiro era e é ainda actualmente chamado das *Pedras*, posto que alguns mancebos do lugar, levados dos senti-

mentos que experimentavão, quando ao deixar os campos de sua infancia, subindo aquelle outeiro, voltavão para traz os olhos, lhe dessem o nome um pouco poetico de *Collina das Saudades*.

Pois ião por ahi subindo os dous caminhantes, quando ao chegar ao cume do outeiro, disse o mais moço dos dous :

— Sabe o que é mais, tio Anselmo?... digo a vossa mercê, que isto vai a muito puxar !

— Pois para que ides correndo assim?... perguntou uma voz rouca, porém forte, que parecia sair do bosque.

Olhárão os dous para o lado d'onde lhes viera tão inesperadamente aquella voz, e virão logo á entrada da floresta um ancião, que descansava á sombra de uma frondosa arvore.

— Deos nosso Senhor lhe dê muita boa tarde ; respondeu o mais velho dos caminhantes, tirando o seu chapéo, no que foi logo imitado pelo companheiro : perdôe, meu velho, que não o havíamos attendido n'este andar em que imos ; mas é que quem móra, como nós, a tres quartos de legoa da freguezia, e não tem vontade de jejuar, quando o Sr. reverendo vigario o não recommenda, hade, como tambem nós o vamos fazendo, puxar pelos pés para tornar a tempo de ver as cavalladas.

— Pois se não é mais que o medo do jejum, o que vos leva á casa, vinde sentar-vos comigo, bons homens, e partilhareis da minha muito simples refeição.

— Mas, meu velho, é um grande favor que vossa mercê quer fazer a pessoas que lhe são estranhas.

— Estranhas?! e quem vos disse que me sois estranhos?... enganaes-vos; eu vos conheço a ambos: não longe da margem direita do Aldêa habitaes em uma casinha, que foi outr'ora levantada por vosso pae: trabalhaes desde o amanhecer até o pôr do sol: sois tementes a Deos, e amigos do proximo: vós sois o tio d'esse rapaz, que vos estima e respeita, como deve fazer ao irmão de sua mãe, que morreu ha dous annos: vós vos chamaes Anselmo, e vosso sobrinho se chama André.

Os dous caminhantes olhárão um para o outro admirados; e o mais velho d'elles disse ainda:

— É verdade, que tudo isso é tal e qual; eu, porém, não me lembro de ter visto a vossa mercê em parte alguma!

— Nunca me vistes?... exclamou o desconhecido.

Depois sorriu-se com amargor, e continuou falando por entre os dentes:

— Sim... eu vim de fóra... de bem longe...

E exhalou um suspiro doloroso.

— E esta?... como então póde saber tudo quanto nos diz respeito? será muita curiosidade perguntar quem é vossa mercê?

O velho cravou dons olhos brilhantes no rosto de Anselmo, e respondeu com voz pausada e grave:

— Eu sou o *Forasteiro*.

— O *Forasteiro*!... exclamarão ao mesmo tempo o tio e o sobrinho: o *Forasteiro*!...

E ficarão durante alguns momentos olhando espantados para aquelle homem: dir-se-ia, que esse nome, pelo qual se dava a conhecer o velho, tinha em si alguma cousa de mysterioso ou extraordinario.

— Sim, tornou o desconhecido, eu sou o *Forasteiro*: que vos espanta?... assombra-vos por acaso o meu nome?...

— Assombrar... não; mas é que desde quinze dias temos ouvido tanta cousa...

— Comprehando, tornou de novo o desconhecido: ha quinze dias apenas que cheguei á vossa terra, e já cem vezes tem chegado a vossos ouvidos o nome do *Forasteiro*!

— É certo.

— alvez tenhaes ouvido a meu respeito cou-

sas extraordinarias... mentirão-vos: vêde, eu sou um homem como qualquer outro.

— E vossa mercê veio então de muito longe?

— De muito longe!

— E como sabe tão bem, como qualquer de nós, o que nos é concernente?...

O semblante do velho pareceu annuiar-se: elle replicou com rudez e vivacidade:

— Basta de perguntas: eu sei, porque sei.

— Perdôe vossa mercê, que longe estava de o querer offender; disse Anselmo, pondo o chapéo na cabeça, e voltando-se para partir.

— Ficae! exclamou o desconhecido, suspendendo os dous: ficae! hoje haveis de jantar comigo: desculpae a impaciencia e a rispidez com que me tem marcado os annos e a desgraça: eu já fui bom e alegre... fizeram-me porém máo e melancolico: ficae, pois; mas não me pergunteis nada de mim proprio; dos outros ainda bem... de mim, não; porque me fareis lembrar do que fui; e isso é cruel, quando se tem sido feliz, e se é desgraçado!

E o velho mal acabou de fallar tirou de um alforge, que a seu lado estava, uma toalha, que estendeu sobre a relva, e sobre a qual offereceu aos dous lavradores a refeição, para que os convidára, e que, constando sómente de carno de vitella e de

carneiro, pão de milho e vinho, chegava comtudo para os tres.

Depois de alguns momentos de indecisão, e de se olharem ambos meio desconfiados, os dous lavradores fizeram sua oração, sentando-se defronte do velho, encruzárão as pernas e principiárão a comer com evidente demonstração de forte appetite.

André de instante a instante levantara, como a medo, os olhos, e de relampago os fitava n'aquelle homem singular: era este um velho que, pelo que mostrava, deveria contar cerca de sessenta annos, apezar do que uma organização feliz, e um desenvolvimento physico notavel attestavão forças superiores á sua idade decadente: cabellos brancos, brancos, que se dirião um capuz de algodão, cahião de sua cabeça magestosa sobre seus hombros largos: abaixo de sua fronte alta e proeminente, olhos grandes, negros e brilhantes, como os olhos da mocidade fogosa, lampejavão vistas ardentes, e ás vezes terriveis: tinha o rosto de um perfeito oval, mas tão vermelho, como se uma onda de sangue se espraiasse sob sua cutis: seu nariz era proporcional, e sombreado na parte superior pelas sobranceiras bastas e crespas, que ahí se confundião uma com a outra: a boca rasgada e guarneçada por labios eroticos,

que apenas nas commissuras se deixavão cabir como abatidos, escondião duas filas de dentes iguaes e do mais puro esmalte, e que alvejavão ás vezes sinistramente na ironia de seus sorrisos: sua estatura era agigantada, suas mãos não tremião ainda, suas pernas erão ainda firmes; mas o que, sobre tudo, fazia grave, respeitavel e grandioso o aspecto d'esse homem, era sua barba longa e branca, branca, como erão seus cabellos, e longa, que chegava a roçar seu peito!

Simples erão os vestidos do velho: calçava grandes botas de couro de veado, e que franzidas e dobradas em vinte pregas descião abaixo dos joelhos, e por dentro das quaes se ião esconder suas calças azues: vestia um quimão de baeta negra, largo, mas abotoado de cima a baixo: junto d'esse homem estavão depostos um chapéo preto e desabado, um longo ponche da mesma côr, e, emfim, um terçado, que da cintura lhe deverá pender.

Os vestidos do velho que hoje não inspirarião curiosidade, devião parecer extraordinarios no meado do seculo decimo oitavo, época em que ninguem se vestia assim.

Ao começar da refeição, o desconhecido tomára alguns pedaços de carne e pão, bebêra um copo de vinho, talvez para desafiar a boa vontade de seus hospedes; mas pouco depois pareceu esque-

cer-se completamente d'elles. Sentado á sombra da copada arvore, no cume do outeiro, e tendo o rosto voltado para o lado de Itaborahy, elle devasava as rusticas, pequenas, e pouco numerosas casas, que n'esse tempo formavão a povoação nascente : seus olhos estavam embebidos na nova Matriz, que acabava apenas de ser inaugurada, e que assentada no cabeço de seu monte coberto de verde gramma, ella toda branca e nova se diria uma garça interessante abrindo as azas na superficie de um oceano adormecido !

Immovel e extatico o velho mostrava deixar-se levar de mil diversas reflexões, que ninguem poderia adivinhar quaes fossem no segredo do seu silencio : sómente a expressão de sua phisionomia atraíaõava ás vezes as sensações variadas que experimentava : ora brando e franco sorriso annunciava a lembrança do uma época feliz, e mitigava a dureza de seu rosto ; ora nos olhos faiscavão vistas ferozes, e seus labios convulsivamente tremião, sacudidos pela recordação de uma affronta, ou pela inspiração de uma vingança.

Quando os lavradores estavam já terminando o seu rude jantar, o desconhecido involuntariamente deixou escapar um longo suspiro, e uma grossa lagrima rolou por sua face : então, como se quizesse encobrir aquelle signal de dôr e de

saudade, enxugou com rapidez a lagrima, que lhe escapára, e voltando-se de repente para seus hospedes, disse :

— Uma bella festa... o povo alegre e satisfeito... e logo mais festas ainda : não é assim ?

— Sem dúvida ; e boa razão temos nós para alegrar-nos ; posso dizel-o a vossa mercê.

— Tambem o sei.

— A historia da nossa Matriz não é tão simples como talvez a vossa mercê pareça...

— Quereis que vol-a conte?...

— Mas é que tendo vossa mercê chegado a esta terra ha tão pouco tempo...

O velho interrompeu Anselmo, e disse :

— Não é esta já a terceira vez que se levanta a Matriz da vossa parochia ?

— Como?... pois vossa mercê tambem sabe!

Parece que o pensamento do desconhecido era tornar-se cada vez mais admiravel aos dous simples lavradores : e por isso talvez, lhes foi repetindo a mesma historia que elles lhe pretendião contar.

— No anno de 1679, disse elle, o curato de Itaborahy entrou na independencia da freguezia de Santo Antonio de Sá... ha mais de meio seculo, ha sessenta e quatro annos que isso se passou ; nenhum de vós tinha nascido ainda : mas vossos paes vos contarão a historia de vossa terra.

Anselmo fez com a cabeça um signal de approvação ; o velho continuou.

— Servio primeiramente de Matriz á nova freguezia a capella de Nossa Senhora da Conceição, que se vê ainda hoje, mas quasi abandonada, a algumas braças da margem esquerda do rio Iguá: não foi isto assim ?

— É verdade ; mas depois...

— Depois... oh! sim, depois commetteu-se um erro, querendo-se fazer um bom serviço: tinham invocado a Santa Mãe de Deos para Padroeira da nova freguezia... mudárão-lhe a invocação; devião lembrar-se, que não ha Santo que valha a Mãe de Deos, nem mesmo S. João Baptista !

— E o mais é, que tem vossa mercê toda razão ! balbuciou tristemente Anselmo.

Com effeito, proseguio o desconhecido ; vendo que a capella de Nossa Senhora da Conceição era em extremo pequena, um homem honvo que fez edificar outra mais espaçosa, consagrada a S. João Baptista, e situada n'aquelle mesmo monte, em que hoje tendes o vosso templo, e para a qual se mudou a Matriz da nova parochia.

— É verdade ; e esse homem...

— Chamava-se João Vaz Pereira.

— Tal e qual !... disse Anselmo boqui-aberto !

— Mas ainda depois, esse mesmo homem, ao

ver que cahia em ruínas essa primeira capella, que doára, mandou erguer outra vinte braças distante da primeira.

— Tem vossa mercê contado a historia da nossa terra, como se tivesse nascido e morado entre nós !... faltou sómente dizer-nos, que agora...

— Agora, disse o desconhecido interrompendo o lavrador, agora vós todos, ricos e pobres, embora mal coadjuvados pela governança do paiz, tendes levantado um bello e magestoso templo para servir de Matriz á vossa parochia, e hoje que o consagrastes ao Santo do cordeiro, exultaes de prazer e de regosijo, porque tendes na vossa Matriz um tabernaculo de paz e uma fonte de alegria e de esperanças : não era isto que me que-rieis dizer?...

— Tal e qual !

— E a manhã de hoje, proseguio o desconhecido, foi votada á religião ; houve sumptuosa festa no templo reedificado ; um sacerdote vos fez ouvir a palavra de Deos, e sabistes da casa santa com o coração cheio de fé e de felicidade !

— Foi assim ; não ha dúvida nenhuma...

— A tarde será ainda de festa ; mas não de solemnidade religiosa : vós a dedicaes ao prazer e aos divertimentos publicos : tereis de ver vossos mais dextros mancebos correr o jogo das cava-

lhadas. No entanto tudo se move e se prepara ; os cavalleiros animão e ornão seus ginetes, e ainda uma vez examinão seus vestidos e suas armas, e ouvem os conselhos de seus paes, que em seu tempo tambem lidárão nos mesmos jógos ; vossas damas tremem dentro do coração pelos cavalleiros de seus olhos, e dentro do coração ou ás escondidas promettem ornar o altar das Santas de sua devoção com as mais lindas flores do prado, para que os seus escolhidos tirem uma argolinha de ouro para lhes offerecer : a curiosidade tambem agita o povo ; vós todos ardeis por ver vossos mancebos, e segundo vossas sympathias, já de prevenção vos decidis uns por Paulino, a quem chamaes — o *Esquivo* — ; porque inda não houve bella que o captivasse, posto que muitas tenham tentado conseguil-o, como dizeis.

— Oh ! pois então vossa mercê sabe tudo?...

— Outros por Adolpho — o *Ruivo* — alcunha que deve a seus cabellos côr de fogo.

— Tambem esse?...

— Outros ainda por Jorge — o *Triste* — como o chamão alguns, porque o vêem sempre abatido ; ou Jorge — o *Filho do Onça* — como o designão muitos, fazendo reverter sobre elle a má reputação de que goza seu pae.

— Mas embora lhes dêem todos esses nomes,

observou Anselmo, não ha ninguem que não inveje a gloria que lhe está reservada: eu vou dizer a vossa mercê...

— Para que, se eu posso dizel-a a vós mesmos?... ha ahi em uma *fazenda*, na margem do Varzea, uma moça bella e encantadora, que é o amor de vós todos: cresceu a vossos olhos e tem um altar em vossos corações; o seu nome é Branca: é sobrinha e pupilla de um rico senhor, que se chama Raphael, o qual a destina para esposa de Jorge: o mancebo não deu um passo para isso... a moça ignora ainda, que se decide assim do seu futuro: Raphael e Claudio Goes — o *Onça* — tem tudo determinado entre si.

Os dous lavradores ouvião espantados aquelle homem desconhecido, e recém-chegado de estranhas terras, que tanto sabia de tudo e de todos do seu lugar: o *Forasteiro* sem dúvida para fazer garbo de seus conhecimentos ia continuar, quando foi interrompido pelo rinchar de um carro, que subia o outeiro.

N'aquelle tempo conhecia-se no interior do Rio de Janeiro dous unicos meios de viajar para aquelles que o não querião fazer a pé: um era o cavallo, e outro o carro puxado por bois: destinava-se o segundo particularmente para conducção das senhoras.

O carro que vinha subindo o outeiro era tirado por seis possantes bois, trazendo adiante como dianteiro um escravo, negro, que os guiava, e mostrando-se em pé sobre o cabeçalho do carro outro como carreiro, que animava os bois com seus gritos, chamando a cada um dos seis por um nome particular, e ás vezes castigando os mais preguiçosos com a aguilhada.

Dentro do carro, que estava forrado e coberto de esteiras do paiz, e que se defendia do sol pela parte anterior e posterior com cortinas de chita, vinha sentada uma respeitavel senhora, já velha, cercada de mocambas decentemente vestidas.

Um gentil mancebo acompanhava o carro cavalgando um formoso cavallo baio.

Tanto o desconhecido como os dous lavradores cumprimentarão a velha e o moço, que passavão.

Quando o carro ia já descendo o outeiro, o desconhecido disse aos dous:

— E aquelle carro, que além se vae sumindo, deixou um desgosto ao vosso povo: a velha Constança, que n'elle se retira, é uma nobre senhora Itaborahyense, e não quiz assistir ás cavalhadas, porque ellas são dirigidas pelo Sr. Raphael, seu figadal inimigo; mas o povo ardia por ver entre os cavalleiros, que hoje devem correr, o

joven que lá se foi acompanhando a resentida e obstinada velha.

— Ah! vossa mercê também conhece o Sr. Leonel?...

— Se conheço o Leonel!... exclamou o *Forasteiro* com ardor; se conheço o engeitado do Aldêa?... Perguntaes-me se conheço o bemfeitor, que mata a fome do peregrino, e que cobre a nudez do pobre?... aquelle, a quem vós todos abençoaes?... o joven destemido, que se sorri á borda do abysmo?... o engraçado extravagante, que repete em voz alta todas as suas innocentes loucuras?... o genio benéfico e modesto que esconde todos os donativos, e consolações que espalha?... o rico, que abraça o pobre?... o homem generoso, que defende a donzella desvalida, e que protege o velho sem amparo?... oh!... se o conheço!!!

— É assim! é assim mesmo!... exclamou batendo palmas André, que fallava pela primeira vez.

— São passados apenas quinze dias, proseguio o *Forasteiro*, vinha por solitaria estrada caminhando um triste velho, quando quatro salteadores cahem sobre elle... o combate era desigual... o velho ia succumbir... de repente ouve-se o tropear de um cavallo que corria á desfilada...

apparece um joven cavalleiro, que acode ao grito da victima, e que de improviso arroja-se contra os malvados, que fogem covardemente.

— E esse joven...

— Esse joven animou o velho, acompanhou-o até perto d'estes lugares, e sem querer ao menos dizer como se chamava, desapareceu em seu feroso cavallo: ah! vós o adivinhaes, bons homens; exclamou o *Forasteiro* com os olhos cheios de lagrimas: vós o adivinhaes, esse joven era elle...

— O Sr. Leonel?...

— Sim, era elle; e o velho... era...

— Quem?

— O *Forasteiro*.

— Era vossa mercê?!!

— É verdade: era eu.

— Bravo, o Sr. Leonel!... viva o Sr. Leonel!... bradou André, atirando ao ar o seu querido chapéo de palha.

— Por tanto, continuou o velho enxugando as lagrimas; esse mancebo é digno do amor de todos vós... Quanto a mim... não vos importa isso.

— Sabe uma cousa, tio Anselmo?... disse André: não posso mais ver com gosto as cavalladas.

— Cala-te lá, rapaz; respondeu-lhe o tio; não

é bom te intrometteres na conversação dos mais velhos.

N'esse momento ouvio-se o toque dos tambores que annunciava que em breve começariam as cavalhadas. Anselmo e André erguêrão-se.

— É tempo, disse o *Forasteiro* levantando-se tambem : é tempo : ide.

— E vossa mercê não vem?

— Não sei.

— Depois das cavalhadas teremos uma mesa franca dada pelo Sr. Raphael; se vossa mercê quizesse...

— Não! não! bradou com rispidez o velho.

A colera pareceu accender-se por um momento no rosto do desconhecido : os dous lavradores retirárão-se apressados ; mas não havião ainda avançado muito, quando o *Forasteiro* lhes perguntou, gritando :

— O' lá, amigos : quantos cavalleiros suppondes que tomarão parte nas cavalhadas?

— Dezoito, com toda a certeza, respondeu Anselmo.

— Estaes enganado ; tornou o *Forasteiro*.

— Como ?

— Haveis de contar vinte.

Depois sumio-se pelo bosque.



II.

As cavalhadas.

Virão todos o rosto a d'onde havia
A causa principal do reboiço,
Eis entra um cavalleiro que trazia
Armas, cavallo ao bellico serviço.

CAMÕES — *Lusíadas*.

Os dous lãvradores não se tinham enganado: o rufar dos tambores annunciava com effeito, que chegára a hora em que devião ter começo as cavalhadas.

A povoação de Itaborahy, então apenas nascente, se compunha n'essa época de umas dez ou doze pequenas cazinhas, algumas das quaes cobertas de palha, que é o tecto privilegiado do pobre, e de mais tres ou quatro casas mais espaçosas e menos rudes pertencentes a alguns dos principaes habitantes da nova parochia; mas

a necessidade de accomodar a multidão que acodira para gozar as festas, fizera com que se improvisassem ruas de barracas, que emprestavão ao modestissimo povoado um aspecto verdadeiramente gracioso e aprazivel.

O povo da nova parochia concorrêra com enthusiasmo, e o das vizinhas com viva curiosidade para assistir á cerimonia da benção da Matriz, e á festa de S. João Baptista, orago de Itaborahy : a manhã do dia 24 de Junho, que era o que se estava passando, fôra consagrada a essas duas solemnidades religiosas, e ninguem tivera uma censura que fazer nem uma falta que lamentar n'ellas, tão brilhante e sumptuosa fôra a sagrada festa celebrada no novo tabernaculo do Senhor.

Satisfeito o dever religioso, o povo esperou com anciedade a hora das *cavalhadas*, que era o primeiro dos divertimentos publicos, que tinham de executar-se na tarde e noite d'aquelle dia.

Pouco depois das tres horas da tarde começarão a rufar os tambores e a tocar as trombetas, e a multidão curiosa foi deixando a povoação e descendo pela estrada, que depois se veio a chamar — *rua da Ladeira* — e que se chama hoje — *rua da Carioca*.

Posto que diante da nova Matriz se estendes- se um campo insufficientemente dilatado, para

que n'elle livesse lugar o jogo popularmente conhecido com o nome de — cavalhadas, — não julgáráo dever servir-se d'elle, porque achando-se a povoação assentada no cume de uma collina, o terreno era naturalmente desigual e ladeirento; preferirão pois para theatro do brinco guerreiro uma planicie, que se estende entre os dous insignificantes corregos chamados do — *Lava-pés* — e do — *Quarto*, — e que ainda hoje conserva o nome de — *Campo do Rocio*.

Ahi tinha-se preparado uma estacada completamente circular, guarnecendo o campo destinado aos cavalleiros: a estacada abria-se em dous pontos fronteiros um do outro, os quaes tinham recebido a denominação de *porta do oriente*, e *porta do occidente*, conforme a posição de cada uma: essas portas tinham de um lado um grande barracão, onde se devião recolher os cavallos que do sobreselente trouxessem os cavalleiros, e do outro um tablado alto, que seria occupado pelos tocadores de charamelas, tambores e outros instrumentos marciaes.

Em torno da estacada os homens ricos e importantes do lugar e das circumvisinhanças haviam mandado levantar estrados, palanques e cadafalsos, cada qual mais vistoso e elegante, para commodo proprio e de suas familias: um gran-

de espaço livre e aberto defendido apenas pelo parapeito da paliçada ficava reservado ao povo.

Dentro em pouco esses estrados e cadafalsos, assim como o campo adjacente á estacada foi sendo invadido pelos espectadores: era um espectáculo interessante e curioso, o que apresentava toda essa multidão que se lançava como uma torrente pela encosta da collina.

De mistura com uma chusma de mancebos folgasões e alegres moças, via-se o grave e rustico agricultor de mediocre fortuna conduzindo cauteloso e desconfiado sua familia, que toma o aspecto de uma fila de soldados; porque o velho marcha adiante, vem logo depois a mulher, segue a esta a filha mais velha, e depois uma a uma as outras filhas, que se succedem, segundo as idades, e depois ainda uma a uma as mucambas que fechão o prestito.

Em quanto aqui este outro lavrador, pobre e honrado, muito contente de seu trajar dominigueiro, que se resume em longa vestia e calças de belbute e bombasina, se curva sobre os taboleiros das doceiras, e reparte doces e confeitos, que compra, com as sobrinhas e as afilhadas, que trazem vestidos de durante, e algumas mais felizes, vestidos de cabaia, e a cabeça tão cheia de flores naturaes, como o pescoço de rosarios e

bentinhos ; vê-se mais além, ou já orgulhosamente sentado no palanque um nobre e elegante figurão da terra : traz na cabeça um chapéo de tres bicos, e uma cabelleira de bueres, repartidos os cabellos no alto da cabeça, apolvilhados, e com alguns anneis atados nas extremidades e pendendo sobre as espadoas ; a casaca e os calções, que veste, são de velludo encarnado, se o collete é de velludo azul, ou se este é encarnado, são aquelles pelo contrario azues : as casacas tem os punhos revirados e presos por grandes botões de metal ou de madreperola, ou de vidro, e as casacas agaloadas ; a gravata ou é de simples babados, ou por um requinte de tafularia rematão-se os babados com borlas, uma das quaes se vai prender graciosamente em uma das casas do collete, o qual pela sua parte é longo, e desce até os quadris ; as ricas fivelas dos calções, um espadim atirado bem para traz, os magnificos grilhões de um ou melhor ainda de dous relogios, meias primorasas, e sapatos altos com salto encarnado, completão este trajar afidalgado.

Notavão-se ainda passeando ostentosamente por entre o povo, ou tambem sentados nos seus vistosos cadafalsos, alguns officiaes de Ordenança e de Terços diversos, como de Itapocará, a que pertencia Itaboraby, de Santo Antonio de Sá, e

São Gonçallo : todos com suas longas fardas verdes forradas de encarnado, com os colletes d'esta côr, e os calções da côr das fardas, as meias brancas, e com botins pretos e justos os officiaes dos Terços, e com sapatos os de Ordenanças : distinguirão-se sobre tudo os de Itapocará pelos agaloados de prata nas casas das fardas e dos calções, e pelas dragonas da mesma côr.

Esta descripção resentir-se-ia de uma lacuna imperdoavel, se não fosse acompanhada ainda da pintura de alguma das senhoras mais elegantes que brilhão já á frente de seus estrados ; voltaremos pois os olhos dos nossos leitores para aquelle bello e gracioso palanque, onde exactamente se vão encontrar as vistas e as attentões de grande numero de espectadores.

É o palanque do Sr. Raphael, rico fazendeiro e proprietario do lugar.

O palanque se mostra todo forrado de seda branca, as cortinas já corridas erão de seda azul com apanhados da mesma côr guarnecendo a cimalha, e com formosos laços de fitas separando-os, e prendendo grandes e custosos festões nos dous angulos superiores da tribuna.

A frente do palanque está occupada por algumas senhoras, das quaes tres devem merecer muito especial menção.

No centro, sentada em uma cadeira de espaldar com assento de couro ornado de caprichosos labores, vê-se uma senhora, que contará talvez bem perto de cincoenta annos : seus cabellos, que devião ter sido formosissimos, mas que começam a embranquecer, prestão-se ainda a um elegante penteado : traz um vestido de seda côr verde-mar bordado de ouro ; das orelhas pendem-lhe ricos brincos de ouro com grandes diamantes no meio, e tintos de preto por detraz : cahe-lhe em tres voltas sobre o collo um precioso rosario, do qual pende um relicario de subido valor, tudo d'aquelle mesmo metal : calça, emfim, sapatos de setim branco bordados como o vestido, com os bicos um pouco revirados, com os saltos altos e forrados de setim, e com o laço no lugar da altura.

Esta senhora chama-se Alda, e é a esposa adorada de Raphael.

Embora tenham já passado para ella os annos da mocidade, adivinha-se que teria sido encantadora : sua estatura é alta, e ainda mais o parece por sua demasiada magreza : tem a fronte ainda bella, posto que, como exprimindo uma dôr interna e profunda, seus supercilios tendão sempre a contrahir-se, e a encrespem com algumas rugas levantadas por essa contracção ha-

bitual; seus olhos azues como o anil, langorosos e tristes derramão vistas doces e melancolicas em torno d'elles: suas palpebras um pouco roxeadas, cerrão-se molle e vagarosamente como uma nuvem escura que por momentos nos esconde o brilho de uma lua formosa: seu rosto é comprido, oval e pallido; o nariz, justamente proporcional, apenas deixa notar que pende um pouco, e tão pouco que mal se percebe, sobre o labio superior: dir-se-ia que uma afflicção abafada deprime e abate todo seu semblante: sua boca seria por certo graciosa, se os musculos labiaes não se curvassem tambem, cedendo talvez á mesma causa: a despeito de sua magreza, tem o collo e o peito perfeitamente encarnados: uma virgem lhe invejaria a cintura, uma princeza as mãos, e uma fada ou um sylpho os pés pequenos e mimosos.

Alda tinha sido uma belleza; alguma dôr occulta perturbava a harmonia dos traços de seu rosto, que o tempo, e quiçá o soffrimento não haviam podido ainda desfigurar.

À direita de Alda sentava-se uma moça de dezeseis annos: trazia um vestido de seda branca tambem bordado de ouro, e em tudo mais trajava como a esposa de Raphael: brincos, ro-

sario, o relicario, e enfim ainda os sapatos n'ellas duas se assemelhavão.

A moça chama-se Branca, e é sobrinha e pupilla de Raphael.

Imaginae uns cabellos longos, finos, bastos e annelados e de uma côr que medeia entre o castanho e o preto; uns cabellos que soltos ondêão em mil caracões sobre um peito alabastrino e sobre as mais formosas espadoas, e que destendidos, não os póde alcançar em toda sua extensão o braço de sua dona; uma fronte alta, lisa e branca como os jasmims; olhos rasgados e pretos, porém mais ternos do que ardentes; faces levemente córadas; um nariz pequeno e delicado; uma boca ornada de labios humidos e puros da côr das petalas da rosa, escondendo duas ordens de dentes iguaes, pequenos e brancos como a neve; um rosto um pouco redondo e resplandecendo com o viço da juventude, com a pureza da innocencia, e com a serenidade de uma vida calma e ditosa; uma covinha graciosa no mento, duas outras não menos graciosas nas faces, quando um celeste sorriso as vem abrir; um collo pouco alto, mas perfeitamente torneado; um peito, que arfa suavemente, como se os mais angelicos desejos de leve se agitassem dentro d'elle; seios que se adevinhão bellos, palpitanes e ento-

nados, como pombinhos brancos prestes a abrir o vôo; uma cintura que com as duas mãos se abrange toda; braços de perfeição admiravel, mãosinhas de cherubim, que ninguem apertaria sem receio de as quebrar, e, finalmente, pés delgados, pequenos e macios, e tereis feito uma idéa aproximada da suave belleza de Branca, se lhe ajuntardes uma estatura mediana, e um corpo flexivel e delicado, e se puderdes conceber a graça, que um sopro divino parece derramar nos modos, no movimento, no olhar, no rir, e no falar dos seus escolhidos.

Do outro lado de Alda está sentada uma outra moça da mesma idade de Branca: chama-se Iveta: é filha da ama de leite da pupilla de Raphael; é collaça, e irmã de criação de Branca.

Iveta penteou-se e vestio-se como sua collaça: a seda de seu vestido é sómente um pouco inferior ao da pupilla de Raphael, os bordados são de prata: traz ao pescoço um relicario de ouro pendendo de um cordão de coraes vermelhos: os sapatos são tambem bordados de prata, e tem os saltos pintados, em vez de os ter forrados de setim, como as duas primeiras senhoras.

A mãe de Iveta era uma india arrancada do seio do deserto e das trevas do paganismo pela

luz benéfica da religião: antiga cathecúmena dos jesuitas, achára nas agoas do baptismo a regeneração de sua alma, e na sociedade dos portuguezes um esposo, que morrendo prematuramente lhe deixára uma filha, verdadeiro e completo typo d'essa raça ardente e impetuosa, que proveio da união e da mistura dos europeos com os gentios do Brasil.

Esbelta e graciosa, Iveta tem os cabellos negros e tão compridos que, quando os solta, ficão a um palmo do chão; os olhos pretos, ardentes, e á flôr do rosto brilhão talvez demasiadamente atravéz de longos cilios, e a despeito das sobrelhas também muito pretas, e que se desenhão arqueando-se levemente sobre as orbitas: a proporção suave e bella de seu nariz é apenas perturbada pela dilatação um pouco exagerada de suas narinas, que ás vezes parecem respirar ondas de ar abrazado: seus labios vermelhos e bellos são grossos e parecem tão proprios para abrirem o céo de um riso de amor, como para acompanharem com um gesto atrevido um olhar de desprezo, que cahisse de seus olhos: seus dentes são de admiravel brancura, e como se ainda mais alguma cousa devesse vir augmentar a magia d'essa formosa boca, um buço quasi preto e finissimo, delicada e voluptuosamente se

desenha por sobre o labio superior, tornando-se mais pronunciado ao terminar-se um pouco acima do ponto, em que se encontram os labios: em seu rosto, da côr do jambo, brilhão de mistura ardor e pureza, assim como abaixo de seu collo garboso e alto involuntaria voluptuosidade arfa em um peito anhelante, e liso como a superficie de um lago agitado pela brisa: a delgadeza de sua cintura torna ainda mais evidentes as proporções desenvolvidas, e encantadoras de seu corpo: suas mãos, um pouco compridas, nem por isso são menos bellas, e protestão a favor da harmonia que guardão com seus pés, escondidos a todas as vistas pela barra do vestido.

Mas o que torna sobre tudo Iveta interessante e perigosa para aquelle que a contempla, é uma atmospherá de ardente voluptuosidade, que parece rodeal-a: seu olhar tem um fogo que abraza; seu sorrir tem um feitiço que attrahe; seus gestos um não sei que, que provocão, e seu andar produz uma impressão que allucina.

Depois d'estas tres senhoras, com as quaes trataremos mais de perto no correr d'esta historia, seguiam-se no palanque de Raphael algumas outras amigas, comadres e afillhadas de Alda: e, emfim, exactamente por detraz da cadeira de Branca, via-se uma velha cabocla vestida decen-

temente, e olhando com uma indisivel expressão de orgulho para Iveta, e muitas vezes tambem inclinando a cabeça para melhor contemplar a sobrinha de Raphael.

Essa velhá cabocla chama-se Cyriaca: é a mãe de Iveta, e a ama de leite de Branca.

Muitos invejosos, que apesar seu não podião arrancar os olhos do florido palanque, criticavão desapiadadamente a velha cabocla; e d'entre os pobres, aquelles que não tinham no coração um só átomo de generosidade para bemdizer a felicidade e a abundancia que lhes faltava, e em que vivia a collaça de Branca, tomavão a nobre gravidade de seus modos por altivez, e no meio dos motejos, graçolas e insultos que contra ella em voz baixa dirigião, chamavão-a — *Iveta, a mameluca.*

Tambem a moça não se daria por offendida se os ouvisse chamal-a assim: desde criancinha se habituára a ser por todos chamada a principio por gracejo, e depois por habito — *Iveta, a mameluca.*

Mas os motejos e as censuras se suspenderão. a curiosidade dos espectadores accendeu-se de subito, porque os foguetes que ao perto estouravão e as trombetas, charamelas e atabales, que soavão, e os gritos e applausos da multidão, que

chegava, annunciavão que os cavalleiros ião entrar no circulo.

Um momento depois a cavalgada executando uma pequena volta por fóra do circulo, entrou pela porta do oriente. Adiante vinhão os tocadores de trombetas, charamelas e atabales.

Seguião-se immediatamente os bobos, que apenas entrárão na arena quebrárão a ordem da cavalgada, lançando-se em desordem pelo circo: erão uns oito mascarados, cada qual vestido mais grotescamente, cada qual mais miseravelmente montado: um enterrára na cabeça um grande chapéo de palha de taquaruçú arranjado á guiza de chapéo de tres bicos, e trazendo uma vassoura em lugar de pluma: outro apresenta-se com uma coifa branca coberta de grandes laços de fitas de mil côres em vez de chapéo: este vestio uma horrivel e monstruosa casaca feita de retalhos de cem diversos pannos; aquelle primã na extravagancia dos calções, e nos remendos das velhas botas; aquelle outro cavalga um feio pequirã, que traz uma esteira servindo-lhe de xai-rel; ainda um outro, emfim, que se mostra vestido á feição de macaco, vem dando saltos em cima de um enorme, ossudo e magro passista, que por unico ornamento tem um longo cipó prendendo-lhe primeiramente o queixo, e divi-

dindo-se depois em duas pontas, de que o cavalleiro se serve em falta de redeas.

A entrada dos bobos foi saudada com applausos e gargalhadas geraes, que elles proprios á porfia trabalhavão por provocar, fazendo mil tregeitos e gatimanhos, e simulando quédas de cavallo.

Logo depois dos bobos apparecêrão duas azê-molas carregadas de feiches de cannas, e de outros objectos necessarios ás cavalladas: vinhão adereçadas com ricos reposteiros, e conduzidas por azemeis muito bem vestidos.

Seguião a estes os dous escudeiros e os pagens, levando á dextra ginetes que vinhão cobertos de vistosos telizes, e trazião pendentes do lado esquerdo dos arções das sellas as adargas dos cavalleiros, nas quaes brilhavão ós motes e as diyisas.

Finalmente entrárão os cavalleiros, precedidos pelos *padrinhos* ou mestres das cavalladas, e marchando emparelhados a dous de fundo, levando as lanças bem traçadas, e assentados os punhos acima das coxas, fizerão a volta de todo o circulo, cortejando as damas e as pessoas gradadas que dos palanques os saudavão.

Os padrinhos abrião a marcha na frente dos cavalleiros: vinhão vestidos de casaca, collete e

calções pretos, meias por cima dos calções e botas: trazião na cabeça chapéos de tres bicos com plumas pretas: trajavão pois vestes negras, que ainda mais fazião sobre-sahir os ricos babados brancos com borlas, nos quaes se arrematavão suas grayatas: finalmente, vastas capas tambem pretas lhes cabião dos hombros, e podia cada uma d'ellas envolver o corpo de seu dono.

Após os padrinhos entrarão os cavalleiros dous a dous, como já dissemos; formavão elles duas filas, ou *quadrilhas*, como se intitulavão. Simulando até certo ponto no jogo das cavaliadas os antigos torneios, tinhão os cavalleiros, recorrendo a todos os meios que pôde sugerir a arte, imitado as armaduras antigas, de modo que vestindo todos elles sómente setim e sedas, parecião cobertos de pesadas peças de ferro.

Os cavalleiros havião-se esmerado em seus vestidos, adornos e armas, tanto, quanto pretendião esmerar-se no desempenho do jogo, que ião executar: cada qual trabalhára por apresentar-se mais rica e brilhantemente.

As duas quadrilhas distinguião-se apenas pela côr dos mantos que trazião; os cavalleiros de uma das quadrilhas usavão todos mantos de setim azul, os da outra de setim branco, trazendo uns

os mantos ornados com cercaduras douradas, e outros com cercaduras de prata.

Em tudo mais furtárão-se á monotonia do uniforme, deixando a cada um o direito de vestir-se ao proprio gosto.

Nas celadas de fingido ferro tremião ao vento plumagens de diversas côres: uns vestião armas quarteadas de branco e azul, perfiladas de ouro: outros mostravão-se vestidos em cossoletes de armas brancas; estes trazião armas verdes, aquelles armas verde-louro: em alguns as calças erão pagiças e rôxas, com guarniçõs conformes: em outros de selim branco ou azul assoguilhadas, e todas de muita obra: estes lançavão sobre as armas uma banda preta com rondas de prata: aquelles uma pagiça, outros uma côr de rosa; e todos, enfim, trazião borzeguins e esporas castelhanas ou mouriscas.

Já dissemos que nenhum d'estes cavalleiros se cobrira de armaduras de ferro, mas todos simulavão trazêl-as, apresentando-se sob um aspecto verdadeiramente guerreiro.

Cavalgavão ginetes ricamente ajaezados, trazendo as crinas e as caudas enfeitadas com fitas, cujas côres condizião com as dos competentes cavalleiros: as sellas, as rédeas, as cabeçadas, os rabichos, e as pontas das cilhas erão amarel-

las nos ginctes d'aquelles, que tinham os mantos brancos; e azues nos outros: os xaireis erão uniformes com os enfeites e peitoraes de guizos; as ferragens, copos dos freios e os estribos, da quadrilha azul erão dourados, e os da outra prateados.

Havia verdadeira ostentação de riqueza e luxo: tambem os cavalleiros erão todos filhos dos mais ricos e nobres senhores do lugar. Um dos padrinhos era Raphael, e o outro um portuguez, velho official de milicias, fazendeiro tão abastado como aquelle.

Depois de haverem rodeado todo o circulo, e cortejado as damas e senhores dos palanques, as duas quadrilhas se separarão, e cada uma precedida pelo seu competente padrinho foi occupar o seu posto nas duas portas: o posto occupado pela quadrilha chama-se castello, e conforme a côr dos mantos, dizia-se o *castello azul*, ou o *castello branco*. O primeiro cavalleiro de cada quadrilha chama-se *quadrilheiro* ou *guia*. Algumas d'estas denominações se tem modificado com o tempo.

Já os musicos occupavão os seus tablados, já os pagens e escudeiros tinham recolhido os ginctes á dextra aos barracões para esse fim destinados; já os cavalleiros havião abraçado suas

adargas: mais um instante... e as cavalhadas não começar.

Anselmo e André, os dous lavradores, que tinham jantado com o *Forasteiro* no alto do *Outeiro das pedras*, achavão-se postados não longe da *porta do oriente*.

Apenas entrarão os cavalleiros, o curioso André, lembrando-se das ultimas palavras do *Forasteiro*, contou-os duas vezes, e achando só dezoito, e não vinte, como aquelle desconhecido lhes affirmára, exclamou, puxando pelo braço do tio :

— São dezoito, tio Anselmo, está vendo, que são dezoito cavalleiros sómente, afóra os padrinhos?

— E que tem isso, André?

— Pois vossa mercê não se lembra, que o tal *Forasteiro* gritou-nos, que havíamos de contar vinte?

— E vinte contareis, disse uma voz rouca.

Os dous lavradores voltarão os olhos e virão um vulto embuçado n'um ponche negro, que ia retirando-se d'elles, e se approximando da *porta do oriente*.

— E esta !... disse André, que ficára de boca aberta.

— Silencio, André, acodio Anselmo: cala-te ;

elles vão começar... olha, lá estão os padrinhos mandando sair as quadrilhas.

Com effeito, elles ião começar; mas sentio-se um ruido e movimento estranhos do lado da *porta do oriente*, e logo depois o povo que estava d'esse lado principiou a gritar:

— Cavalleiros! cavalleiros!...

Um momento mais, e soou uma trombeta: os dous padrinhos reunirão-se e forão juntos saber o que occorria.

Todos os olhos, todas as attenções estavam voltados para a *porta do oriente*.

Dous cavalleiros seguidos de seus pagens aproximárão-se: um d'elles parou a alguma distancia, em quanto o outro se adiantou, e chegando-se aos padrinhos, pedio-lhes permissão de tomar parte nas cavalhadas com o seu companheiro.

— E vão ser vinte! murmurou André boquiaberto.

— Cala a boca, tolo: disse-lhe o tio, que entretanto não estava menos admirado.

O cavalleiro, que se adiantára, foi logo conhecido: era um nobre e rico mancebo de uma dás freguezias visinhas: o outro trazia viseira, e queria guárdar o incognito.

Os padrinhós hesitavão á vista d'aquelle mys-

terio ; mas o cavalleiro, que tinha o rosto descoberto, asseverou que respondia pelas qualidades, e pelo primor do seu companheiro, e á vista d'isso e das acclamações entusiasticas do povo, abriu-se a têa, e a permissão foi dada aos dous recém-chegados.

No instante mesmo em que os dous novos cavalleiros ião entrar no circulo, uma mão forte e pesada pegou no joellio do cavalleiro de viseira, e uma voz mysteriosa lhe murmurou estas palavras :

— Vai: desconhecido para todos, eu te conheço, e *ella* te reconhecerá: vai, e sê feliz.

O cavalleiro hesitou... pareceu querer reconhecer aquelle que lhe fallára ; mas vendo escapar-lhe o vulto negro de um homem embuçado, arremetteu logo para dentro do circulo.

O cavalleiro, que primeiro se adiantára vestia armas verdes com debruns de ouro, calças de setim branco altas, e assoguilhadas ; o seu manto era azul : trazia por divisa na adarga duas mãos, que se apertavão mutuamente : era um voto de amizade.

O segundo cavalleiro vestia-se todo de negro : a celada era d'essa côr, assim como as plumagens, que sobre ella vacillavão : negras erão as armas, negras as calças, negra a manta, negra

a adarga, onde por divisa via-se simplesmente uma perpetua branca, por baixo da qual lia-se a palavra — *sempre* —; o manto branco dos cavalleiros do castello d'essa côr pendia-lhe dos hombros: cavalgava um ginete alaranjado, com crinas e cauda pretas, tendo d'esta mesma côr os braços dos joelhos, e as pernas dos curvilhões para baixo.

Segundo o uso, fizeram os dous novos cavalleiros a volta do circulo, cortejando os espectadores: um, conhecido de muitos, pôde ouvir o seu nome repetido por centenaes de bocas: o outro, trazendo o rosto occulto com a viseira, foi apenas chamado pela côr de suas armas « o cavalleiro negro ».

Ou fosse que a influencia do mysterio emprestasse ao desconhecido graça, que talvez não tivesse, mostrando-se com o rosto descoberto, ou fosse que realmente n'elle se encontrassem todos os primores da arte da cavallaria, certo é, que as attenções de todos os circumstantes n'elle se fixarão, os olhos de todas as damas n'elle se tinham cravado, e ao passar por diante do palanque de Raphael, Branca e Iveta parecêrão ou admiradas ou sorprendidas, e como que uma á outra se interrogarão com um olhar ávido, e de repente trocado.

Emfim, os dous cavalleiros se recolherão : um foi misturar-se com os do castello azul, em quanto o das armas negras, agradecendo com expressivo gesto, todos os offerecimentos de precedencia, occupou o ultimo lugar da quadrilha branca.

Ao som de musicas guerreiras começarão as cavalhadas, como é do costume, pelas escaramuças ; as duas quadrilhas correm, e encontram-se, e ora separando-se, ora encontrando-se de novo, fingem atirar golpes de lança, descarregão tiros de pistola, ou cruzão no ar suas espadas : o espectaculo, que offerecem as duas quadrilhas escaramuçando juntas, renova-se ainda entre dous cavalleiros de cada vez, sabindo um de cada castello.

É bello então de vêr-se a firmeza e a graça dos cavalleiros, o ardor impetuoso dos cavallos, a certeza no atirar e no aparar dos golpes, e as espadas e as armas brilhando ao reflexo dos raios do sol.

Cada quadrilha, deveriamos tel-o dito antes, é guiada pelo primeiro cavalleiro, por alguns chamado — o quadrilheiro — e por outros simplesmente — o guia —. O castello azul tinha por quadrilheiro Jorge, o *Triste*, ou, como outros o chamavão, o *Filho do Onça*. Era um mancebo formoso como uma mulher bella ; mas d'essa for-

mosura feminina, que não assenta bem no rosto de um homem; trazia armas verdes, cavalgava um ginete castanho dourado, e tinha por divisa na sua adarga um coração traspassado por uma setta de gentio.

Que quereria significar aquella divisa?.. Jorge, o noivo presumido de Branca, devia, segundo todos esperavão, trazer na adarga uma divisa allusiva á encantadora moça, de quem devia ser em breve o feliz esposo; mas esse coração traspassado por uma setta semelhante ás que usavão os indios do Brasil, não se podia naturalmente entender com Branca, descendente de portuguezes.

Depois das escaramuças seguiu-se a corrida das cabeças: quatro plinthos se achavão levantados em distancias iguaes uns dos outros na paliçada: sobre cada um d'estes quatro plinthos os pagens vierão collocar uma cabeça de papelão, ou grande mascara: duas d'essas cabeças chamavão-se de Tifeu, uma de Medusa, e a ultima de Polyfemo. Além d'estas quatro, mais duas forão depostas no chão e no meio da praça.

Contra essas cabeças arremette um cavalleiro de cada castello: as dos plinthos são, a todo correr dos cavallo, feridas com lança, dardo e

pistola: para ferir as do centro os cavalleiros lanção seus ginetes a toda brida, e dobrando-se a tempo, devem tocal-as com um golpe de espada dado de detrás para diante: fortuna ou destreza entre todos os cavalleiros, tres sómente obrárão o grande primor d'esta ultima carreira; o primor consiste em apanhar a cabeça com a ponta da espada, atiral-a ao ar, e cortal-a depois em dous pedaços, sem jámais moderar-se a carreira do cavallo. Os tres cavalleiros forão — Jorge, o quadrilheiro do castello branco, e o cavalleiro das armas negras.

As carreiras das cabeças succedeu o desafio das *alcanzias*. Chamão-se *alcanzias* umas formas de barro finas e ôcas, que se cozem com pouco calor, para mais facilmente se quebrarem: tem a feição de uma pequena laranja, e costumão pintal-as de diversas côres, e enchel-as de flôres, ou prender dentro d'ellas formosos passarinhos.

Os cavalleiros recebem de seus pagens tantas *alcanzias*, quantas podem conter em grandes bolsos, que para esse fim trazem: logo o quadrilheiro de um dos castellos arroja o seu cavallo para o castello contrario, e desde que d'elle se aproxima, atira ao ar, como em desafio, algumas *alcanzias*: o guia da quadilha opposta

aceita o desafio, e parte: então o desafiante inclina-se bem sobre o pescoço do cavallo, debruçando-se para a parte direita, e cobrindo-se com o escudo pela esquerda, e foge para ir buscar o lado esquerdo do seu castello, em quanto o desafiado lhe joga quantas alcanzias pôde, que devem todas ir quebrar-se sobre a adarga do contrario.

Apenas o desafiante se recolhe, o segundo cavalleiro da primeira quadrilha sahe, e tomando o papel de desafiado, repete a mesma scena, que é emfim desempenhada successivamente por todos os cavalleiros.

Ao desafio das alcanzias seguio-se o dos canas: é pouco mais ou menos como o precedente: em vez de se atirarem alcanzias, que se recebem nos escudos, atirão-se canas verdes do comprimento de cinco palmos, que os adversarios cortão no ar com um golpe de espada.

Vem ainda depois d'este a corrida do *estafermo*. O estafermo é um meio busto de madeira, semelhando a figura de um homem com um arnez no braço esquerdo, e com um azorague de oito palmos de comprimento na mão direita: prende-se o estafermo em um poste em torno do qual elle gyra com rapido movimento, logo que recebe o menor impulso no arnez.

Ambas as quadrilhas formarão-se em linha de batalha defronte do estafermo: Jorge, o guia da quadrilha azul, sahe da fileira, e arremette a toda brida, dirige a carreira de modo que o estafermo lhe fique á mão esquerda, e quando perfila com elle, fere-lhe o arnez com a lança, de que vai armado: o estafermo roda em torno do poste; o azorrague sibila nos ares; mas Jorge, o *Triste*, tinha ferido a tempo. Os bravos são.

A Jorge segue o outro quadrilheiro, e depois d'este um por um todos os cavalleiros: os applausos do povo e as musicas festejavão aquelles que escapavão ao fatal azorrague, em quanto estrondosas gargalhadas da multidão confundião ainda mais os infelizes que, em seu proprio corpo, ou no de seus cavallo, recebião o golpe do azorrague do estafermo.

Tanto se assemelhou com o desafio das alcanzias o das canas, como se assemelha com a corrida do estafermo a corrida da barquinha; em vez de um busto, uma barquinha pendurada a um candieiro por prisões que a segurão pelo gurupés e pela pôpa: em vez do azorrague do estafermo, a barquinha entorna a agua. de que está cheia, sobre o cavalleiro

menos déstro que n'ella tocou com a lança, e não soube escapar a tempo.

Todos estes jogos de corridas tinhão sido geralmente executados com habilidade, galhardia e destreza, e cada um d'elles offerecêra ao publico bem agradável espectaculo. Nas escaramuças se applaudira o bello effeito de brilhantes grupos de cavalleiros; na corrida das cabeças o acerto e promptidão dos golpes; na das alcanzias, vião-se, ao quebrarem-se estas, cobrirem-se de flôres os escudos e os cavalleiros, ou voarem, escapando assim de suas prisões, canarios e beija-flôres, que ião pousar nos palanques, ou se perdião de vista buscando as matas visinhas.

O cavalleiro de armas negras tinha até então primado em todos os jogos: cada vez que corria alcançava uma victoria; manejava a lança com tanta graça como destreza; não lhe falhára nunca um golpe de sua espada, nem um só instante perdêra, descuidoso ou abalado, a firmeza com que na sella se conservava; e seu foomoso alazão, ardente como a flamma, seguro como a fidelidade, ligeiro como o raio, obedecia á mão que lhe manejava as rédeas, como uma machina á chave que lhe imprime um movimento calculado.

Entretanto os *bobos* não se conservavão ociosos; de cada vez que os cavalleiros terminavão uma corrida ou um jogo, lá ião elles representar em caricaturas o mesmo quadro: correndo as cabeças, este apejava-se diante de Polyfemo para furar-lhe o olho: aquelle fingia cahir desmaiado, encarando a cabeça de Medusa, enquanto outro parava o seu pequirá para chegar a acertar um golpe: nas escaramuças brigavão ás vezes uns com os outros, e, depondo as lanças, jogavão o sôco; mas era principalmente nas corridas do estafermo e da barquinha, que estava o triumpho dos pobres bobos: coitados! aproveitavão todas as vergalhadas de um, e todos os banhos da outra.

A multidão batia palmas, e desfazia-se em gargalhadas, animando os bobos a repetirem as suas burlescas proezas.

Alguns espectadores, que por engraçados gostavão de ser tidos, excedião-se até o ponto de dirigir a palavra aos bobos, chamando por seus nomes de baptismo aquelles que, a despeito das mascaras, havião sido conhecidos.

— Olhem o Antonio tamanqueiro! gritava um d'esses: ó tamanqueiro! apanha a espada que te cahio da bainha furada!

— Não faz mal, respondia o bobo reconhe-

cido; tenho outra espada melhor guardada dentro da tua boca.

— Afonso Lopes! clamava outro d'ali: que é da tua cabelleira de ninho de guaxe?

— Larguei-a, dizia o outro bobo, larguei-a, por ser muito inferior á cabelleira que tomastes no jantar de hoje.

O povo então apupava os engraçados, tomando o partido dos bobos, que, se algumas vezes respondião com tal qual espirito, quasi sempre perdião por desenxabidos ou *realmente bobos*.

Emfim, chegou a hora da corrida das argolinhas: é o momento suspirado pelas damas, e preferido pelos cavalleiros.

A corrida das argolinhas é a mais interessante e a mais desejada entre todas as que se executão nas cavalhadas; porque os cavalleiros que têm a felicidade de tirar argolinhas assumem o direito de preñar com ellas as pessoas a quem mais desejão provar affecto ou respeito, e de ordinario vão offercel-as ás damas de seus amores, recebendo em troco lenços e flôres.

Os pagens collocarão a trinta passos da porta do oriente um candieiro, como o que tinha servido para o estafermo e para a barquinha.

As duas quadrilhas reunirão-se como n'aquellas duas corridas, formando-se em linha de batalha defronte do candieiro.

Um pagem foi pendurar uma argolinha de canotilho de ouro, que ficou presa pelo fiel pendurado do gancho do candieiro.

Um cavalleiro fez o seu ginete sabir da linha e avançar alguns passos: era Jorge; seus olhos como que procurárão o palanque de Raphael, e no primeiro instante parecêrão desprender chammias abrasadoras; um sorriso animador abriu-se em seus labios quasi sempre comprimidos.

O povo, que conhecia o projecto de casamento de Jorge e Branca, pensou que o cavalleiro procurava um olhar de amor de sua noiva.

Mas do fundo do palanque de Raphael ergueu-se o vulto de um homem que, com um lenço, fez um signal de approvação ou de animação a Jorge: era Claudio Goes, que se mostrava a seu filho, e este em vez de alentar-se, empallideceu e hesitou.

— Eia! disse-lhe ao ouvido Raphael, que era um dos padrinhos; eia! nma argolinha de ouro para a sua noiva.

Jorge não respondeu.

Dado o signal, o cavalleiro partio; e tão certo corria o seu cavallo, e tão bem dirigida e firme estava á sua lança, que antes de tempo já os applausos soavão; mas... ao ir tocar a argolinha, a lança por um movimento inexplicavel da mão do cavalleiro, desviou-se um palmo do alvo.

— É incrível!.. disse em voz alta Claudio Goes.

— É incrível: repetio Iveta em meia voz.

Branca não disse palavra, nem fez movimento algum.

O guia da quadrilha branca sabio, e mais feliz do que o primeiro, ganhou a argolinha.

Seguirão depois d'este um por um todos os cavalleiros: a destreza ou a fortuna premiou a alguns d'elles.

O ultimo foi o cavalleiro das armas negras, que mais uma vez teve de ser objecto dos applausos e das acclamações do povo.

Finda esta carreira, os cavalleiros felizes forão offerecer as argolinhas, que tinhão ganho.

Os guias das duas quadrilhas acompanhãrão, como cavalleiros de honra, ao das armas negras, que se dirigio graciosamente ao palanque de Raphael, e levantando a lança offereceu a Branca a sua argolinha d'ouro.

A sobrinha de Raphael córando de pejo, e de alegria, e córando ainda mais ao perceber um sorriso malicioso nos labios de Iveta, recebeu a argolinha, e prendeu na ponta da lança do cavalleiro o seu lenço branco.

Ouvio-se um longo sussurro em toda extensão da estacada: era o povo que approvava a acção do cavalleiro desconhecido, e da bella dama escolhida.

Jorge nem se mostrou sentido, nem zeloso.

Os cavalleiros voltárão de novo a formar-se outra vez em linha; porque devião repetir ainda duas vezes a corrida das argolinhas.

Começára a soprar fresca a brisa da tarde, e a despeito de todos os cuidados, a argolinha, que se suspendera no gancho do candieiro, vacillava, mudando de posição a cada instante pelo impulso do vento.

Tornára-se de extrema difficuldade a corrida; não importa: Jorge rompeu a carreira, e tão infeliz como da primeira vez, sua lança afastou-se ainda da argolinha.

— Foi o vento! disse com raiva Claudio Goes.

— Não foi o vento, balbuciou outra vez Iveta. O outro quadrilheiro tocou com a ponta da

lança na argolinha, mas perdeu-a porque não pôde impedir que ella cahisse na arena.

Mais outro, mais dous, mais oito cavalleiros... e a brisa servia de justa desculpa a todos elles.

Lá sahe Paulino, o *Esquivo*... finalmente, quebrou o encanto, e foi victoriado.

Seguem-se os outros, e todos perdem: eis o ultimo... é o cavalleiro desconhecido: o imprudente deixou na lança atado o lenço de Branca: restão-lhe apenas duas pollegadas de lança para tirar e conter a argolinha: os padrinhos apontão-lhe o erro, e elle por unica resposta atira seu cavallo a toda brida.

Um grito geral saúda o cavalleiro: ganhou segunda argolinha; mas d'essa vez a ninguem a quiz offerecer.

Terceira corrida: a fortuna protege emfim a Jorge, pois que a brisa serenou por momentos: eil-o vai... e perde!

— Que miseria! exclamou Claudio Goes.

— É calculo, murmurou comsigo mesma Iveta.

Aproveitando a serenidade do ar, os cavalleiros se apressão, e demonstrão muitos d'elles que fôra a brisa a causa da desfortuna passada.

Chega a vez do desconhecido: ainda não partio e já a multidão o acclama: os vivas se

ouvem, os bravos resoão, e no meio d'elles o cavalleiro rompe a carreira: mas chegando a vinte passos do candieiro, atira na arena a lança, solta as rédeas sobre o pescoço de seu ginete, cruza os braços sobre o peito, e passa por baixo da argolinha curvando a cabeça.

Não quiz mais triumphos: ganhára uma argolinha para offerecer a Branca: uma outra que guardára, ninguem sabe para quem: desprezou a terceira.

Emquanto os cavalleiros offerecem as argolinhas vencidas na ultima corrida, fazem os bobos suas grotescas proezas no mesmo jogo: prendem ao gancho do candieiro grandes rodas de cipó ou de palha, correm e tirão-n'as, como podem ou querem, e vão depois offerecel-as áquelles dos circumstantes, a quem devem mais zombarias n'essa tarde, e cuja posição social não torna imprudente ou perigosa essa vingança de bobos.

Finalmente a carreira dá despedida põe termo ás cavalhadas: as musicas retumbão; e os cavalleiros formados em duas filas, como tinhão entrado, percorrem o circulo, levando na mão direita um lenço branco, que agitão, como dizendo adeos ás damas e aos circumstantes.

Alguns pretendem, que o cavalleiro das ar-

mas negras levára na mão o lenço de Branca, e que o beijára ao passar por diante d'ella; e dizem mais, que então a sobrinha de Raphael se erguera um pouco, talvez para melhor deixar ver a sua argolinha de ouro presa no lugar do coração.

Os cavalleiros sahem pela porta do oriente, guardando a mesma ordem com que tinham entrado: fóra do circulo os dous, que inesperadamente se haviam apresentado, despedem-se dos padrinhos e dos companheiros: o que não trazia viseira dirige a Raphael por si e por seu companheiro os devidos agradecimentos, e instados ambos para tomar parte nos divertimentos, que devem ter lugar á noite, aquelle aceita por fim o convite, enquanto o desconhecido persiste em retirar-se.

Debalde perguntão quem é, debalde procurão adivinhar quem seja o cavalleiro das armas negras; feitas com gesto gracioso as ultimas despedidas, elle dá de rédea ao seu ardente ginete, que n'uma impetuosa carreira encobre-se primeiro em uma nuvem de poeira, e logo depois desaparece em uma volta da estrada.

Cavalleiros, damas e povo, que deixão o circulo e sobem a collina para tornar á povoação, fazem todos uma só pergunta:

— Quem será o cavalleiro desconhecido ?

E tambem Branca e Iveta, sorrindo-se uma para outra, perguntão-se muitas vezes :

— Quem será o cavalleiro das armas negras ?



III.

O mascarado.

PERO.

Oh! não se esconda, senhor embuçado, que já o des-
embuçou a minha perspicácia.

BERNARDIM (*tirando a espada*).

Arreda, que heide passar.

PERO.

Passareis, passareis, senhor das saudades; passa-
reis como quizerdes, mas não sem vos eu conhecer.

(GARRET — *Um Auto de Gil Vicente*).

A nascente povoação de Itaborahy achava-se engolfada em uma noite de prazeres e de encantos.

A nova matriz, e as casas que a cercavão, ainda bem pouco numerosas, estavam crivadas de luminarias, que não brilhavão bastante sómente porque a lua plena e clara inundava de sua luz mysteriosa e bella a festiva povoação.

O largo da Matriz e as ruas (ainda despidas de casas), que n'elle se vinhão abrir, mostravão-se atonetados de povo, surgindo aqui e ali do meio da multidão os carros cobertos de colchas ou esteiras, que tinhão conduzido as familias dos lavradores.

Vião-se encostados ás portas das igrejas ranchos de moças sentadas a conversar, tendo diante de si, em pé, os velhos paes, que as guardavão cuidadosos, olhando desconfiados para os mancebos que passavão e observavão.

Adiante, em uma pequena casa, ou em uma barraca, familias amigas, ou ligadas pos laços de parentescos, dansavão alegremente ao som da viola e dos rudes cantos de um habilidoso *tocador*, que improvisava cantigas ao tio embasbacado, e ás *primas* já maliciosas.

Toda essa multidão que passeava, que ria, folgava, e dansava, se reunia para gozar os divertimentos marcados para a noite, e que devião constar de dansas de mascarados, e de um vistoso fogo de artificio.

Entretanto uma grande parte do povo parava diante de uma casa que era das melhores da pequena povoação, e que se mostrava toda brilhante de luzes e ruidosa de alegria.

Essa casa, que pertencia a Raphael, era as-

sobradada, e tinha quatro janellas de frente olhando para o largo da Matriz; de ambos os lados da casa se estendia um muro de tijolos, o qual se prolongava muito para traz, fechando assim o quintal, que representava um quadrado oblongo.

Raphael tinha, logo ao começar da noite, regalado o povo com uma excellente ceia servida em mesa publica, sob um vasto barracão, e reunindo em sua casa os cavalleiros que haviam corrido as cavalhadas, e muitas familias de sua amizade, dava um sarão brilhante, que desafiava a curiosidade da multidão, que não podendo ser admittida nas salas, se contentava com olhar para as janellas.

Do lado de fóra os observadores designavão uns aos outros certas figuras que vião passar na sala por defronte das janellas, e conversavão sobre a festa, e a respeito do que durante o dia occorrêra.

— Olhe, dizia um, aquella cabeça linda e graciosa, é sem duvida alguma a da Sra. D. Branca.

— Veja... lá passa a *mameluca*, que está dansando o minuete.

— Aquelle é Adolpho.

— E aquelle outro é Jorge.

— Coitado! como vae triste... parece que a lembrança da sua má fortuna na corrida das argolinhas o está perseguindo no meio do sarão!

— Qual! triste sempre elle anda.

— Pois ao menos agora devia parecer alegre: não é qualquer cousa ir ser esposo de uma moça como a Sra. D. Branca, que a par de tanta formosura tem tão grande riqueza.

— Ora... quem sabe se o casamento se realisará... o mundo dá tantas voltas.

— Pois que! a cousa estava decidida ha tres dias, e talvez que no primeiro domingo o Sr. vigario nos faça ouvir o pregão antes da missa.

— Sim... sim... devia ser assim; mas...

— Mas o que?

— Não se lembra do *cavalleiro negro*?

— Que tem o *cavalleiro negro*?

— Offereceu uma argolinha de ouro á Sra. D. Branca.

— Que importa isso?

— Ha quem jure, que ella conhece o tal desconhecido.

— Como?

— E que esperava vê-lo chegar para tomar parte nas cavalhadas; ora, se isto fosse verdade...

— Que tinha?

— Seguia-se, que o *Filho do Onça* já achava o lugar occupado no coração da moça.

— Ainda mal que nada d'isso é verdade; disse um outro observador intromettendo-se na conversação, que entre dous lavradores se havia travado.

— E porque?

— Porque o dinheiro é que vale, e o maldito usurario tem caixões de ouro enterrados, e portanto hade casar o filho com quem lhe parecer, e ainda mesmo com a Sra. D. Branca, que merecia ser esposa de um filho de vice-rei.

— Pois eu digo, que não acontecerá assim, acudio um outro; até hoje de manhã o casamento podia ter lugar; mas, desde as cavalhadas que se tornou impossivel.

— E a razão?

— A razão é que, digão lá o que quizerem, e pensem o que pensarem, a Sra. D. Branca ama o *cavalleiro negro*, e não ama o *Filho do Onça*.

— Ora esta agora é boa!

— Para mim é cousa decidida: se ella amasse a Jorge, havia de sentir e mostrar-se triste quando o vio perder todas as tres argolinhas,

e todos nós vimos que, nem córou, nem pareceu magoada.

— Isso é verdade... é verdade... disserão algumas vozes.

— E se ella não amasse o *cavalleiro negro* não se lembraria por certo de pregar com um alfinete a argolinha de ouro, que d'elle recebeu, na parte esquerda do peito, e exactamente por cima do coração.

— Homem, e mesmo!.. disse um.

— Dado o caso que tudo assim seja, acudio o terceiro que fallára, não é menos certo que o Sr. Raphael e o usurario tratarão o casamento da Sra. D. Branca com Jorge; e todos sabem que o *Onça* fará tudo para lançar as unhas no dote da moça, e que o Sr. Raphael é um homem mais teimoso do que o nosso capitão-mór.

— Sim; mas é que vossa mercê esquece, que o *cavalleiro negro* deve ser alguma cousa n'esta vida, e que ainda quando seja pobre, como Job, e desvalido, como todos os pobres, tem a seu favor alguém, que póde mais que o Sr. Raphael e que o usurario juntos.

— Quem, então?

— O *Forasteiro*.

— O *Forasteiro*?.. exclamarão a um tempo

os quatro ou cinco que formavão o grupo conversador, e que se chegarão uns para os outros, como assustados.

— É verdade: todos aquelles que estavam perto da porta do *oriente*, quando os dous cavalleiros entrárão, virão um velho embuçado em um ponche negro fallar amigavelmente ao desconhecido: ora, esse velho tinha os cabellos, e a longa barba, tão brancos como o algodão: trazia na cabeça um chapéo desabado, por baixo do ponche percebia-se, pendendo de seu lado esquerdo, uma espada curta; e portanto era *elle*.

— Elle?..

— Sim, o *Forasteiro*.

— Quem sabe?

— Olhe, o tio Anselmo, e o seu sobrinho André o conhecêrão, e podião conhecê-lo bem, porque jantárão hoje com elle no *Outeiro das pedras*.

— Mas que poderá fazer o *Forasteiro*?

— Boa pergunta! o *Forasteiro* faz e consegue tudo quanto quer: vive pobrementemente, e gasta com os pobres rios de dinheiro: d'onde lhe vem a riqueza?... ninguem sabe; mas elle a tem: é um velho de mais de sessenta annos, e comtudo dizem que tem mais força do que

quatro homens juntos; que é que lhe conserva o vigor, apezar dos annos?... ninguem o póde dizer; mas elle o conserva: além d'isso, que é que elle não sabe?... já curou tres doentes desenganados pelo licenciado Pero Lucas; conhece a todos nós, ás nossas familias e aos nossos paes e avós mortos ha dez e ha vinte annos, e nenhum de nós o conhece; nada como um peixe, corre como um veado, apparece em toda parte de dia e de noite, e sempre quando menos se espera; e, em uma palavra, é um sabio, que falla latim como um padre, segundo dizem!

— É um homem extraordinario!

— Sim, um homem que, onde chega, faz sempre e sómente o bem, e que entretanto causa medo á gente! é um homem que adivinha; um homem que descobre todos os segredos; um homem que não receia nada; que vive como uma féra no centro das florestas; um homem que tem fogo nos olhos; e que jámais deixa ver um sorriso nos labios! o seu poder não é natural por certo; a sua vida é cheia de mysterios: é um homem, emfim, que atterra!

— Eu já ouvi dizer uma cousa horrorosa...

— O que?... o que?

— Que elle tem pacto com o diabo! murmurou um dos do grupo com voz tão baixa que mal se ouviu.

E logo fizeram todos o signal da cruz.

— Não... não... menos isso; porque até hoje ainda ninguem o accusou de haver feito mal algum.

— Mas então que é elle?

— A julga-o pelas suas obras, é um amigo do pobre, um protector seguro do desvalido, um defensor poderoso do opprimido.

— E porque então nos assusta o nome do *Forasteiro*?

— É uma tolice nossa, da qual elle não tem culpa alguma.

— E que poderá fazer o *Forasteiro* a favor de D. Branca e do seu cavalleiro?

— O *Forasteiro* póde tudo quanto quer.

— Mas devéras elle fallou ao *desconhecido*?

— Fallou: posso affirmar-o, que mais de cem de entre nós o virão fallar-lhe em voz baixa.

— Portanto conhece-o?

— Está visto.

— E quem será o *cavalleiro negro*?

— Quem sabe... talvez algum fidalgo lá da cidade.

— Não, não; menos essa: gente da cidade não monta a cavallo com aquella sciencia.

— Da nossa freguezia não é elle.

— D'aqui não póde ser... nós conhecemos a todos os nossos mancebos.

— Se fosse algum filho do *Forasteiro*...

— O *Forasteiro* não tem filhos, nem parentes: vive só e isolado no centro de uma floresta, como um rochedo no meio do mar.

— Olhem, se a Sra. D. Branca sabe quem é o *cavalleiro negro*, mais alguma pessoa o hade saber tambem.

— Sim: o *Forasteiro*.

— Fóra elle.

— Quem, então?

— Iveta — a *mameluca*.

— N'esse caso tambem a velha Cyriaca.

— Vá com essa! a *mameluca* nem mesmo a sua mãe confiaria um segredo da sua collaça.

N'este ponto forão interrompidos os lavradores, que assim conversavão, pelos gritos e applausos da multidão, que se vinha approxi-
mando do lugar em que elles estavam.

— Que será? o fogo?...

— Não: são sem duvida os mascarados.

Erão com effeito os mascarados.

Duas turmas de mascarados, os de uma, com

pretensões de serios, vestidos todos ricamente á mourisca; e os da outra, francamente grotescos, trazendo as roupas mais extravagantes e ridiculas, que a imaginação ou o acaso lhes sugerira, tinham sahido a dansar pelas casas, antes de ir dansar para o povo, em um tablado, que para esse fim se levantára no meio do largo da Matriz.

Os *mouros* vinhão adiante e desafiavão a admiração do publico pela riqueza de seus vestidos: dirigião-se á casa de Raphael.

Seguião de perto aos *mouros* os outros, que trazião todos horrendas mascaras, fingindo velhos tortos, narigudos, desdentados, e carecas, cada qual mais feio, mais repulsivo, mais desfigurado por senões enormes. As crianças ao vêl-os agarravão-se, chorando de medo, com suas mães, emquanto o povo, batendo palmas e levantando altas vozerias, victoriava ós mascarados, que com tão máo gosto ridiculisavão e caricaturavão a velhice.

Os mascarados endireitando para casa de Raphael, ião pela rua fazendo tregeitos, dando saltos, e sapateando grotescamente afim de mover mais entusiasticos applausos da multidão, que os cercava, e que muitas vezes transformava os *bravos* em uma verdadeira assuada.

De repente novos e ainda mais estrepitosos gritos partirão de um lado do largo, onde o povo, comprimindo-se para uma e outra banda, deixava no meio aberta e livre uma passagem, como se recuasse diante de um touro, que o tivesse investido.

O que chegava não era um touro, era simplesmente um novo e inesperado mascarado.

Vinha, vestido não, mas ornado ao modo dos selvagens: trazia na cabeça um grande e brilhante cocar; cabia-lhe da cintura até o meio das côxas, e enfeitavão-lhe também os punhos formosos adornos de pennas; escondia o rosto com uma mascara, que tinha as orelhas e o labio inferior desfigurados com grandes furos; dos quaes pendião rudes fios de pedras de diversas côres: prendêra muitos guizos nos punhos, nos braços, nas pernas, na cintura e no cocar.

— Viva o indio! viva o indio! bradava a multidão.

E o indio, veloz como a flexa escapada ao arco manejado pelos filhos da sua raça, atirou-se adiante da turma dos *mascarados-velhos*, dando saltos verdadeiramente admiraveis, andando com as mãos sobre a terra, e com os pés voltados para a lua, e soltando de instante a instante

guinchos e *uivos* furiosos, ou imitando com a voz e com o assobio o canto das aves, o zumbir dos insectos e o bramar das feras.

Menos por ser um hospede ou companheiro intromettido na sua companhia, mas principalmente por se haver tornado o objecto exclusivo da attenção e dos applausos do publico, o chefe dos *mascaras-velhos*, ardendo no fogo da inveja, avançou para o traquinas recém-chegado, e já sem pôr cuidado em disfarçar a voz, deu-lhe ordem de se afastar, e declarou que o não queria misturado com os mascareados da sua dansa; mas o *indio* fez-lhe ouvir em resposta um terrivel bramido, e agil como uma onça, saltou sobre os hombros do chefe das *mascaras-velhos*, e agarrou-se-lhe ao pescoço: tal foi porém o impeto, com que o fez, que cahirão ambos por terra com grande prazer do povo, que desatou em ruidosas gargalhadas, e em *vivas* freneticos ao *indio*.

O *mascara-velho* acabava de provar tão evidentemente a força, a destreza e o peso do *indio*, que, levantando-se, não fez mais questão d'elle, e reunindo-se aos seus, apressou o passo, e tratou de entrar logo na casa de Raphael.

De sua parte o *indio* tambem não o perseguiu mais, e guinchando, uivando, zumbindo, bra-

mando, e saltando sem cessar, entrou com os outros mascarados na casa designada.

Raphael tinha reunido no seu sarão as mais formosas e interessantes senhoras, e os mais elegantes cavalleiros, que havião concorrido á festa. A sala estava pois cheia de convidados; todas as senhoras sentavão-se de um lado, e inteiramente separadas dos homens, que occupavão o outro lado da sala.

No intervallo dos minuets e de outras dansas, que se executavão, conversavão as senhoras umas com as outras, e de sua parte tambem os cavalleiros: apenas um ou outro ancião podia uzar do direito de seus cabellos brancos para ir entender com alguma moça, dirigindo-lhe um leve gracejo: os mancebos vingavão-se da excessiva severidade dos costumes da época, dizendo furtivamente com os olhos e com o lenço o que lhes não era permittido dizer com os labios.

Reinava verdadeira alegria na sala: uma unica senhora se mostrava melancolica, era Alda; mas essa sempre tão triste como boa, sempre tão abysmada em reflexões, como se pesasse sobre sua cabeça um grande infortunio, desde muito que, apezar do mysterio de sua tristeza, tinha acostumado a todos a vel-a assim

cahida n'esse abatimento d'alma, e a ninguem mais admirava por isso.

Entre os homens, Raphael estava cuidadoso e preocupado, embora se esforçasse por não parecer-o. Claudio Góes, o *Que*, nem ao menos procurava disfarçar o despeito que o agitava, e em que ardia. Raphael sem querer pensava a todo instante no *cavalleiro negro*, e começava a recer que o coração de sua sobrinha não estivesse tão livre como até então acreditára. Claudio Góes não podia esquecer a infelicidade de seu filho na corrida das argolinhas, e tendo perfeito conhecimento de sua destreza, attribua o desacerto de sua lança não ao acaso, não ao vento, não á desfortuna: mas ao firme proposito de não prender com uma argolinha de ouro aquella que lhe destinavão para esposa. E tanto mais d'isso se convenia Claudio Góes, quanto se recordava que pouco antes da hora das cavalladas ordenára a seu filho, que a ninguem, senão a Branca, offerlasse as *argolinhas de ouro*, que gahasse no jogo que ia correr.

Afóra Alda, que nunca se mostrava alegre, Raphael, que observava cuidadoso sua sobrinha, e Claudio Góes, que desconfiava de seu filho, todos os mais estavão satisfeitos, e se entrega-

vão exclusivamente aos gozos dos prazeres d'aquella noite de festa: muitas vezes tambem se lembravão do *cavalleiro negro*; muitas vezes uns aos outros se perguntavão, quem seria esse cavalleiro desconhecido e mysterioso, que viera inesperadamente tomar parte nas cavalhadas; muitas vèzes perseguião com perguntas indiscretas e inuteis ao companheiro do desconhecido; ainda algumas vezes tambem as camaradas de Branca em segredo gracejavão com ella a respeito do seu bello cavalleiro; mas nem por isso brillava menos a alegria que em todos os semblantes se mostrava accesa.

Erão pouco mais ou menos nove horas da noite, quando o sarão de Raphael foi interrompido pela entrada das dansas de mascarados.

Os *mouros*, que se apresentarão primeiro, excutirão suas dansas socegada e regularmente; mas os *mascaras-velhos*, que entrarão depois, trazião já comsigo um verdadeiro inimigo da ordem no *indio* desconhecido, que se reunira a elles.

Desinquieta, impertinente, estrepitoso e infatigavel o *indio* misturava-se com a turba dos mascarados, fazia-os errar nas melhores figuras de suas dansas, perturbava e ensurdecia a todos com seus guinchos e uivos, com seu zumbido e seus

bramidos ; andava arrastando-se pela sala quasi com a velocidade de uma serpente, e saltava sobre as cadeiras, e d'ellas sobre os hombros dos mascarados com a ligeireza de um macaco. Muitas vezes tambem fugia d'entre os mascarados para ir fazer tregeitos e gatimanhos diante das senhoras, que reenavão suas cadeiras receiosas do turbulento *indio*, que chegava mesmo a dirigir-lhes a palayra, affectando os modos e o fallar dos selvagens.

O *indio* desastrado, que assim tão inesperadamente apparecêra, tinha-se approximado por diversas vezes de Branca : mas encontrando sempre a seu lado ou Alda, ou Raphael, que desconfiado o observava, fazia ouvir seus guinchos, e logo se afastava aos saltos : depois de algum tempo, e quando estava já a terminar a danza dos velhos, deu um pulo sobre uma cadeira, e como se quizesse depois saltar no meio da sala, fez tão grande esforço, que a cadeira voltou-se e elle foi cahir aos pés de Iveta, que a alguma distancia estava sentada.

A moça deixou ouvir um pequeno grito arrancado pelo susto ; o *indio* levantou-se logo e aproveitando a confusão, que com a sua desastrada, ou bem fingida quéda causára, disse em voz baixa ao ouvido da collaça de Branca :

— Iveta... preciso fallar-te ; vae ao portão em quanto se queimar o fogo.

A *mameluca* recuou um pouco espantada, e ia talvez gritar outra vez, quando o *indio* avançando para ella soltou um bramido retumbante, e disse-lhe outra vez abaixando a voz :

— Não grites, Iveta ; eu sou o *cavalleiro negro*, e preciso fallar-te.

Nada póde exprimir o assombro que de subito se accendeu no rosto de Iveta ; o *indio* comprehendeu, que lhe convinha attrahir a attenção de todos os circumstantes para que ninguém reparasse na admiração e no pasmo em que ficára a *mameluca*, e atirou-se pois ao meio da sala, fazendo novas e mais entrepitosas loucuras.

Raphael, que desde o começo da dança começára a observar o turbulento mascarado, procurou saber do director, ou chefe da dança, quem elle era, e suas desconfianças redobrá-rão, quando veio ao conhecimento do modo porque se apresentára inesperadamente na rua ; determinou pois reconhecê-lo a todo custo, e sahindo por um momento da sala, ordenou que não deixassem retirar-se o mysterioso *indio* sem consentimento seu.

A ordem dada, embora em segredo, foi cor-

rendo de boca em boca, e passando de ouvido em ouvido até chegar a Iveta: quando a *mameluca* soube do que se tratava, pareceu fiar no primeiro instante aterrada; mas logo depois como se houvesse tomado uma resolução, levantou-se, e indo ter com a sua bella collaça, encontrou-se de passagem com o *indio* e fingindo-se medrosa dos momos e tregeitos desordenados que elle fazia, escondeu o rosto com o lenço, e deixou escapar estas palavras:

— Desconfião... fuge...

O *indio* não mostrou ter ouvido cousa alguma; voltou-se porém para o lado da porta, e vio-a meio cerrada, e como que guardada por seis ou oito homenzarrões, que tinham os olhos sobre elle: ainda assim não pareceu suspeitar nada, e continuou a doudejar pela sala.

As dansas dos *mascaras-velhos* tinhão-se em fim acabado, e elles se forão retirando, e passando um a um pela porta da sala: Iveta procurava debalde disfarçar a perturbação, que sentia, e que podia trahil-a... o ultimo dos *mascaras-velhos* ia já retirar-se... todos os olhos embebião-se no travesso *indio*... Raphael voltava-se finalmente para dirigir-se a elle: mas de repente, e sem que ninguem o esperasse, o *indio*, rapido como o pensamento, de um salto

foi parar junto de uma janella, de outro lançou-se no meio da rua, e desatando a correr desesperadamente por entre o povo, desappareceu a todos os olhos.

Durante alguns momentos a confusão e o ruído, que reinavão na casa de Raphael, se misturárão com os gritos e vozeria do povo, que applaudia ou apupava o *indio* que fugia a todo correr.

Depois o povo foi cercar o tablado, onde os mascarados *mouros* e *velhos* executavão as suas dansas, e os amigos de Raphael começárão a fazer juizos sobre o mysterioso *indio*, e a pretender adivinhar quem elle fosse.

— É celebre! dizia um; dous desconhecidos em menos de doze horas!

— Dous?... acudio outro; quem sabe se o *indio* mascarado não é o cavalleiro de viseira? quem sabe se elle não trocou as armas negras por ornamentos de pennas?...

— Eu juro que dava mil cruzados para saber quem é elle; disse Claudio Góes.

— E quem descobrisse o segredo ao velho *Onça* com a mira nos mil cruzados, levava calote seguro; observou um mancebo fallando ao ouvido de outro.

— Metade do segredo já está conhecido.

— Como ?

— Já sabemos que o *indio* é o mesmo *cavalleiro negro*.

— Duvido d'isso, senhores; disse o cavalleiro que tinha acompanhado o desconhecido nas cavalhadas.

— E porque ?

— Porque, o amigo, que veio em minha companhia tomar parte nos vossos jogos, deve estar a esta hora bem longe d'aqui; e se tivesse querido ou podido vir gozar este bello saráo, nada o impedia aceitar o convite que lhe fez o Sr. Raphael.

— Mas então que diabo de *indio* foi este ?

— Fosse quem fosse, senhores, e ainda bem que nos não deu desgosto algum ! acudio Raphael; esqueçamos o *indio*, os saltos que deu, e a bulha que fez, e tratemos de aproveitar a noite, que nos vai fugindo nas azas do prazer: não se diga que um louco mascarado nos fez esquecer a dança, a musica e o folgado.

— Mas eu dava mil cruzados para saber quem elle era ! repetio Claudio Góes.

— Á dança ! á dança, senhores ! exclamou Raphael.

O saráo continuou ainda vivo, alegre e brilhante por uma hora, no fim da qual foi de novo in-

terrompido pelos primeiros foguetes, que subirão ao ar annunciando o começo do fogo.

As senhoras corrêrão para as janellas, accomodando-se o melhor que lhes foi possível para bem apreciarem o grande fogo que se ia queimar; os homens deixarão a sala, e forão collocar-se na rua em uma longa fila por baixo das janellas.

— Vem para perto de mim, Iveta; disse Branca: guardei um lugar para ti.

— Não, não; constipei-me esta noite, e receio que o sereno me faça mal.

— Mas de tão longe das janellas não poderás ver cousa alguma.

— Sinto doer-me a cabeça, minha irmã; vou recostar-me e descansar um pouco.

— Ah! não te gabo o gosto, Iveta; não se vê todas as noites um fogo como este.

— Paciencia; mas o que eu sinto não é gosto, que se gabe; é dôr, que me obriga a ir descansar alguns momentos.

— Pois vae, teimosa, vae; que eu prometto fazer-te inveja, descrevendo-te o fogo, que não queres ver.

A *mameluca* sahio da sala, e dirigio-se para o interior da casa, em quanto Branca e todas as senhoras se entregavão ao gôzo do espectaculo, que devia rematar a festa.

Dentro em pouco foi Iveta esquecida de sua propria collaça; o fogo occupava todas as attentões, ora encantando os olhos com a vivacidade e brilhantismo de suas vistas, ora desafiando ruidosas gargalhadas, ou dando lugar a movimentos de confusão e de susto nos momentos em que terriveis *busca-pés*, escapados por acaso, e doudejando pelo meio do povo, punhão em desordem as mulheres, e em pranto as crianças, que deixavão ouvir gritos de terror, obrigavão a correr e a pular aos homens, e fazião desemcabrestar os cavallos, e espantavão os bois, que sómente a muito custo erão sostidos pelos carreiros.

Em quanto esta scena, ao mesmo tempo festiva e tumultuosa, se estava passando no largo da Matriz, a *mameluca* segura de que por ninguém era observada, atravessou ligeira e furtivamente a sala de jantar e a cosinha, e sahindo para o quintal, deitou a correr, vencendo em poucos instantes toda sua extensão, e parando apenas diante de um portão, que no fim d'elle havia.

Ao mesmo tempo que Iveta parava, um homem trepando com admiravel presteza pelo muro dobrou a cabeça para dentro do quintal, e perguntou em voz baixa:

— És tu, Iveta?

— Sim, sou eu mesma.

— Ah! obrigado!

— Falla um pouco mais alto, disse Iveta; ninguém nos espreita, creio eu, e preciso reconhecer bem a tua voz; porque ainda tenho medo de que não sejas o *irmão-velho*.

— Cavalleiro-negro, indio, ou irmão-velho, como melhor te parecer, *mameluca*; respondeu o homem, que estava trepado no muro, deixando ouvir uma voz sonóra e já não contrafeita.

— Oh! ainda bem: agora estou socegada.

— Conversemos pois.

— Sim, mas depressa, porque podem dar pela minha ausencia e vir alguém procurar-me.

— Porque não trouxeste contigo a mãe Cyriaca?...

— Não sabia se te convinha confiar-lhe o teu segredo: hoje tens feito loucuras, irmão-velho.

— Não ha que reparar; é o meu costume.

— Mas hoje tem sido demais.

— Como?

— Quem te mandou apparecer nas cavalhadas, e tomar parte n'ellas?

— Tive vontade de offerecer uma argolinha de ouro a Branca.

— E depois para que te mascaraste de noite

e vieste disfarçado em *indio* a uma casa onde não podes nem deves entrar?

— Exactamente por isso: como eu não podia, nem devia entrar na casa de Raphael, entrou o *indio* por mim.

— E para que?

— Eu precisava absolutamente fallar a Branca, ou pelo menos a ti, Iveta.

— Pois bem; eis-me aqui.

— Iveta, queres saber porque tenho hoje praticado o que chamas loucuras?... é porque uma grande desgraça nos ameaça, um golpe terrível está prestes a cair sobre nossas cabeças.

— Como?... que ha então?

— Ah! com razão suspeitava eu, que nem tu, nem Branca sabião o que nos está preparado!

— Mas que é? que é?

— Nada menos do que um casamento já convencionalmente entre o paé do noivo, e o tio da noiva.

— Um casamento! um casamento! meu Deus!... e de quem?

— De Branca.

— Oh! é impossivel!...

— Nada mais certo, Iveta.

— E com quem?... dize, dize: quem é o noivo?...

— O noivo?... é Jorge, o *Filho do Onça*.

Iveta pôde apenas abafar um grito, que lhe partio do coração; mas tão fórte abalo lhe causou a noticia, que acabava de ouvir, que estendeu os braços para apoiar-se no muro, e não o podendo alcançar, tentou dar um passo e cahio por terra desmaiada.

O homem, que conversava de cima do muro, sempre rapido e prompto, apenas vio cahir a bella moça, firmou as mãos sobre o muro, e lançou-se dentro do quintal, levantando immediatamente Iveta nos seus braços; deu porém esse salto tão de repente, e tão sem cuidado, que uma capa, em que se embuçava, escapou-lhe dos hombros, assim como se lhe desprendeu do rosto a mascara de indio, que ainda trazia, e mostrou-se então aos raios da lua um alto e elegante mancebo, de cabellos e olhos negros, e de formosa cabeça.

O ar fresco da noite reanimou em pouco tempo a pobre Iveta, que apenas recuperou os sentidos, afastou-se docemente do seio do mancebo, onde estivera apoiada, e murmurou baixinho:

— Meu Deos!

E levantou para o céu seus olhos pretos e brilhantes, como se do céu sómente lhe podesse vir remedio para a dôr que sentia.

— Iveta! Iveta! minha irmã, que tens?...
perguntou o mancebo cuidadoso.

— O que eu tenho?... nada mais: estou
boa; agora separemos-nos.

— Não te deixarei ir assim sósinha, Iveta.

— Oh! já não soffro mais nada; sabes, que
é impossivel que me acompanhes; e se não
tens mais alguma cousa, que me dizer, adeos!

— Pois bem, Iveta; ainda uma palavra.

— Falla depressa.

— Eu preciso, eu quero absolutamente fallar
a Branca.

— Quando?

— Esta noite.

— É impossivel: seria uma nova loucura.

— Àmanhã.

— Duvido que o possas conseguir.

— Eu o exijo, eu o quero...

— Ah, meu irmão, muitas vezes se quer o
que se não pôde alcançar!

— Iveta!

— Depois d'ámanhã vae encontrar-nos no
ingaseiro do Tingidor.

— Oh! mas como heide eu viver até depois
d'ámanhã?

— Como Branca e eu viviremos. Agora, cum-
pre que nos separemos: adeos!

— Adeos, Iveta!

E os dous jovens apertando affectuosamente as mãos um do outro, separarão-se.

O mancebo ficou parado no mesmo lugar até ver desaparecer Iveta, que se retirava com a cabeça baixa, e passos vagarosos; logo porém que a moça entrou em casa, tornou elle a embuçar-se na capa, e a esconder o rosto com a mascara, feito o que, trepou sôcegradamente pelo muro, e saltando para o lado de fóra, se foi retirando cauteloso; mas tinha apenas avançado alguns passos, quando de uma moita de arbustos, que cresião ao pé do muro do quintal de Raphael, surgio um vulto negro, que veio parar á beira do caminho.

O mancebo parou tambem, e disfarçando a voz, disse ao vulto:

— Quem quer que sejas, afasta-te: eu quero passar.

— Sim, e depressa; nem eu venho tomar-te o caminho, respondeu o vulto; mas não contrafaças a voz, porque eu te cõheço, mancebo! passa, e vae depressa... tua velha mãe adoptiva ha muito que cuidadosa te espera; vae!

O joven mascarado estremeceu pela primeira vez, reconhecendo-se descoberto; atirou-se po-

rém immediatamente para o vulto, e com voz quasi ameaçadora perguntou-lhe:

— E tu quem és?

O vulto deixou cahir no chão um grande chapéo desabado, que lhe cobria a cabeça, levantou nobremente o rosto, que até então conservára occulto entre os braços, e á luz brilhante e clara da lua alvejárão como a neve seus longos cabellos brancos, e sua comprida barba da mesma côr.

— Conhece-me, disse elle.

— Oh! exclamou o mancebo; serás pois a minha sombra?... serás tu sempre?

— Sempre: respondeu o velho.

Era o *Forasteiro*.

IV.

Iveta e Branca.

« Porque te lastimas, joven donzella?...
teus dias não pertencem ainda á primeira
mocidade?... »

DAINO.

Era já alta noite.

Muito havia que a multidão que concorrêra ás festas da inauguração da nova matriz de Itabora-hy, tinha deixado a modesta povoação : succedêra o silencio a esse ruido immenso dos gritos dos carreiros, do relinchar dos cavallos, e mais que tudo isso, das vozes encontradas, das despedidas, e dos brados com que se chamavão os companheiros de viagem ; gritaria e estrepito prolongados de um povo, que se retira depois de uma festa concorrida, e que até certo ponto se pôde comparar a um exercito em debandada.

Uma longa hora tinha já corrido depois que o ultimo *carro* descendo a ladeira da povoação deixára ouvir de longe o seu *rincho* triste, monotonico e continuado, que viera avivar saudades nos corações de alguns que na povoação havião ficado.

Era já alta noite: reinavão as trévas e o silencio; as luminarias da igreja se tinhão apagado todas: os donos das casas havião feito recolher os lampeões e as luzes com que se illuminavão suas portas, e a lua, que tão formosa brilhára no alto do céo, escondendo-se por detraz de um monte, como que cahira adormecida em um leito de nuvens, ou se abysmára no mysterio do horizonte. Reinavão as trévas.

Atravez dos véos de espessa cerração descobria-se apenas uma luz-sinha fraca e isolada sahindo de uma das casas da pequena povoação.

A casa era de Raphael, e a luz partia de uma saleta, que deitava para o quintal duas janellas, das quaes uma se achava aberta.

A figura graciosa de uma mulher apparecia debruçada sobre essa janella.

Era Iveta.

A pobre *mameluca*, como a chamavão, e como teremos de chamal-a muitas vezes, apesar da impropriedade da denominação, a pobre *mameluca*,

que se fingira doente ao principiar o fogo para acudir ao chamado do *indio*, voltára da sua entrevista com elle verdadeiramente incommodada.

A noticia do proximo casamento de sua collaça com o filho de Claudio Góes, produzira n'ella tão forte e tão dolorosa impressão, que entrando de novo em casa, atirou-se sobre um banco da sala de jantar, e ficou por algum tempo arquejando anciada, como se tivera um peso enorme esmagando-lhe o coração.

Tão occupados estavam todos com o fogo, que nem Branca, nem a propria Cyriaca repararão na ausencia prolongada de Iveta; mas, emfim, o fogo terminou, e a sobrinha de Raphael, deixando a janella, e encontrando-se face a face com Cyriaca, perguntou:

— E Iveta?

A velha cabocla sentio-se como ferida por uma justa reprehensão, e por unica resposta ia voltar-se para procurar a filha, quando Branca precipitou-se apressada diante d'ella.

Chegando á sala de jantar e encontrando sua collaça pallida, tremula e abatida pela dôr, Branca estava a ponto de soltar um grito e de pedir soccorro.

— Silencio, minha irmã; disse Iveta contendo-a; eu estou doente... e nada mais.

— Oh!... mas...

— Silencio!... nem uma palavra... silencio!

— Iveta!

— Branca! por nós ambas, silencio: entendes?... por nós ambas... por nós ambas...

Branca sem comprehender o que lhe queria dizer sua collaça, chegou-se para ella, e apalpando-lhe a fronte, exclamou:

— Oh! o teu rosto está frio como a neve, tens a testa coberta de um suor ainda mais frio... tu vás desmaiar..

— Já desmaiei: murmurou a *mameluca*.

— Iveta!

— Silencio, Branca: eu sinto passos... alguém chega.

Era Cyriaca, que chegava, e que correu para a filha, a quem abraçou ternamente.

— Minha mãe, apressou-se a dizer Iveta; eu estou incommodada; mas é preciso não fazer bulha... é preciso que ninguem mais saiba que estou soffrendo.

— Minha filha, e porque?

— Oh!... porque me perguntarão o que é que eu soffro, e o que deú lugar aos meus soffrimentos.

— E então?

— Então?... repito, que é necessario que to-

dos ignorem o que em mim se passa: eu lhe contarei tudo depois, minha mãe: agora não; agora voltemos para a sala... sinto-me um pouco melhor... vamos.

E a fim de não ser demorada por novas observações, ou por embaraçadoras perguntas, Ivetta ergueu-se, enxugou o suor, que lhe inundava a fronte, e passando adiante de sua mãe e de sua collaça dirigio-se para a sala.

— Que quer dizer isto, menina?... perguntou a velha indigena á sobrinha de Raphael.

— Ah! eu não sei, mãe Cyriaca; mas seja o que fôr, é preciso não dizer nada: ouviu?

A velha abaixou a cabeça e retirou-se para dentro, murmurando palavras imperceptiveis, enquanto Branca voltava a reunir-se á sua collaça.

Uma hora depois o sarão chegava ao seu termo, e os convidados de Raphael retiravão-se todos, uns para suas casas na povoação, e a maior parte para seus *sitios e fazendas*.

Dentro em pouco todas as portas e janellas se fechárão e todas as luzes se apagarão na casa de Raphael: só uma janella ficou aberta; só uma luz se conservou accessa. Essa luz e essa janella erão de uma saleta, onde Ivetta devia dormir, e que communicava com uma outra que fôra destinada a Branca.

No momento em que se recolhião, a sobrinha de Raphael abraçando sua collaça, perguntou-lhe em voz baixa :

— Tens somno já, Iveta?... olha : se não tens somno, eu voltarei d'aqui a alguns instantes para conversarmos.

— Não, Branca ; esta noite, não ; minha cabeça me pésa ; quero ver se durmo.

— Mas tu estás soffrendo ainda, Iveta, e se não fosses má, deixar-me-ias dormir a teu lado.

— Minha mãe queria por força dormir ao pé de mim ; eu porém tanto instei, que acabou por deixar-me só : bem vês, minha irmã, que nossa boa mãe Cyriaca ficaria mal comigo se eu...

— Está bem, está bem, feia ! não acabes ; eu adivinho o que pretendias dizer-me : és uma teimosa insupportavel : adeos ! boa noite.

— Boa noite, Branca.

Iveta ficou só, e não se despio, nem apagou a luz, nem tão pouco se deitou ; sentou-se na cama, e ficou algum tempo a meditar ; no fim de meia hora, pouco mais ou menos, sentio-se ainda mais incommodada e afflicta ; tinha a cabeça pesada e tonta, o rosto abrasado, e os labios seccos e ardentes : pareceu-lhe que ia sufocar dentro d'aquella saleta fechada : levantou-

sê: fôl pé por pé até á porta do quarto de Branca; abrio-a de manso cerca de meio palmo, e applicando o ouvido, julgou ouvir a sua amiga resonando tão docemente, como uma criança que dorme: tornou a fechar a porta, e indo direita a uma janella, abrio-a, debruçou-se sobre ella, e ficou outra vez pensando.

A noite era fria como todas as noites do mez de Junho; mas além do rigor do inverno, além do orvalho que o céo lentejava, uma brisa enregeladora soprava vivamente: Iveta parecia insensível a tudo isso, e completamente abysmada em suas reflexões, nem sentia que a brisa lhe atirava sobre os cabellos, sobre o rosto e o seio o orvalho que cahia peneirado das nuvens.

Depois de um longo e doloroso scismar, a agitação em que se achava Iveta, como que foi serenando, e de repente a pobre moça desatou a chorar, soluçando com indisivel expressão d'angustiã.

Que dôr immensa era essa que a *mameluca* escondia no silencio das trévas, e na solidão de seu quarto?... que motivo a obrigava a derramar essas lagrimas, que ella tão mysteriosamente enxugava do manto da noite?

A *mameluca* não fallava: como tinha em silencio meditado, assim, sem nada dizer, chorava: mas uma leve e delicada mãosinha pousou de leve

sobre seu hombro, e uma voz doce e amiga murmurou a seus ouvidos :

— Tu choras, Iveta?

A *mameluca* voltou-se assombrada, e como se a tivessem apanhado commettendo um crime ; encontrando porém a seu lado a querida collaça, em vez de responder-lhe, abraçou-se com ella, e continuou a chorar com mais força ainda.

Branca deixou que a companheira chorasse por algum tempo mais, e só quando percebeu que se abrandava aquelle pranto, lhe disse ternamente :

— Minha irmã, tu escondes no coração uma grande dôr, e isso é muito mal feito ; olha, eu não saberia nunca occultar-te um só segredo : deixa dizer-te : no meio d'essa tão profunda magoa, tu és má para mim.

— Ah! Branca! Branca!...

— Que tens?... falla ; quem sabe se eu poderei consolar-te?!

— Tu, minha irmã? tu?... tu consolar-me?... ah! e quem sabe tambem se terás necessidade de quem te console?...

— Iveta! queres assustar-me?

— Oh! não : muito pelo contrario, eu tenho procurado occultar-te os meus soffrimentos sómente para demorar os que tens de provar tambem : Branca, era melhor que não tivesses vindo

a meu quarto; porque pelo menos dormirias o resto d'esta noite.

— Que ha pois?... falla... oh, minha Iveta, eu tenho medo... falla!

— Choremos juntas, irmã; o raio que me fere, te fulmina tambem...

— Mas explica-te!

— Vamos em breve ser ambas muito desgraçadas... oh! muito!

— E como?... acaba.

— Irmã... irmã... tu vás casar.

— Eu?!?! perguntou Branca recuando um passo espantada.

— Sim, tu mesma!

— Tu estás louca, Iveta.

— Não, não, infelizmente não: vão casar-te, irmã.

— É impossivel!

— Oh! exactamente foi assim que eu disse: *impossivel* foi a palavra que me sahio dos labios, quando elle me deu a fatal noticia.

— Elle quem, Iveta?

— Elle mesmo.

— Mas quem é *elle mesmo*, minha irmã?

— O *indio*, Branca; tu não conheceste o *indio*?

— Sim... sim... suspeitei que fosse elle: dize, era *elle mesmo*?...

— *Elle mesmo!*

— E então?

— Não conseguindo fallar-te na sala, fingio cahir ao pé de mim, e fallou-me.

— Que te disse elle, Iveta?

— Pedio-me uma entrevista.

— E tu?

— Fui.

— Onde?

— No portão do quintal.

— Quando?

— Na hora do fogo.

— Ah! e me disseste que estavas doente!

— Querias que diante de todos te confessasse a verdade?

— Perdôa, Iveta; mas que te disse elle?

— O que talvez todos sabião, menos nós duas sómente.

— Explica-te...

— Que o Sr. Raphael contractou o teu casamento...

— Impossível!... exclamou Branca de novo.

— Não... não... é verdade, minha irmã.

— O meu casamento?... e com quem?

— Oh Branca!

— Falla!

— Com o Sr. Jorge, balbuciou a *mameluca*.

— Iveta!

— Branca!

— Oh! não! não!... isso não é possível.

— É mais que certo, minha irmã, *elle* m'o disse tremulo e agitado, e nós sabemos ambas que *elle* não mente.

— Meu Deos! meu Deos!... exclamou Branca apertando a cabeça com as mãos.

Iveta não disse nada, chorava.

— Ah... e *elle* que te disse mais?

— Que queria absolutamente fallar-te.

— E tu que respondeste, Iveta?...

— Prometti-lhe.

— Para quando?

— Para depois d'âmanhã.

— Onde?

— No *ingaseiro do Tingidor*.

— Iremos pois, minha irmã.

As duas moças ficarão por alguns minutos em silencio, chorando e soluçando ambas, abraçadas uma com a outra. Foi Branca a primeira que outra vez fallou :

— Um dia de tanto prazer, uma tarde de tanta felicidade, como acabarão para mim!

— O meu coração previo mais cedo esta desgraça, Branca: olha, quando eu vi o Sr. Jorge, tão destro, tão habil cavalleiro, perder todas as

argolinhas, disse logo comigo : *aquillo é algum infortunio para mim!*

— Oh !... e eu que nunca amei, que não amo, que não poderei jámais amar a Jorge, como se deve amar a um esposo ! exclamou Branca.

— E eu que o amo !... murmurou Iveta com voz lugubre.

— Mas elle resistirá... elle resistirá !...

— Elle quem ?

— Jorge.

— Jorge resistir?... e por quem ?...

— Por ti, Iveta.

— Por mim?... pobre *mameluca!*

Foi tal a expressão de dôr, com que Iveta pronunciou essas palavras, que a sua amorosa collaça não pôde reter as lagrimas, que um momento antes havia suspendido, e apertando-lhe as mãos contra o peito, disse-lhe ternamente :

— Ah, minha irmã, que pensas ?!

— Penso, e digo o que é verdade, Branca : julgas, por ventura, que deslumbrada pelo amor, que me tens, e pelo carinho com que por tua familia sou tratada, ignoro o lugar que me pertence, o lugar que me é imposto, como a todos os da minha raça ?

— Iveta !

— Sou filha de cabocla, Branca ! nas minhas

veias corre o sangue dos vermelhos filhos do deserto, embora misturado com o sangue do portuguez, que no dizer de seus irmãos, foi bem vil para casar-se com a cathecúmena Cyriaca.

— Oh! tu és má!

— Não, não: eu sou franca e justa. Se Jorge amasse a uma filha, ou descendente pura de portuguezes, talvez que pudesse lembrar-se de resistir á vontade de seu pae; mas elle ama simplesmente a Iveta — a *mameluca!*

— Que tem isso, louca?

— Que tem?... ah, Branca, ou tu és muito innocente para não ver os terriveis prejuizos que condemnão a minha raça ao abatimento; ou és muito boa para nunca te lembrares d'elles, e mesmo para d'elles zombares, como até hoje tens feito; mas não julgues o mundo, não julgues os outros por tí, minha irmã; porque tu és candida, pura e santa como um anjo, e a maior parte dos homens são máos e vaidosos.

Branca não respondeu, e Iveta logo depois continuou:

— Jorge resistir! e de que modo?... olha: quando seu pae lhe impozer a sua vontade, creio bem, que elle terá fortes desejos de oppôr-se a essa ordem cruel, porque na verdade eu me supponho amada; mas o triste mancebo hade cur-

var a cabeça, e não saberá nem ao menos procurar uma evasiva; porque Claudio Góes lhe perguntará a quem elle ama, pois que chega a não agradecer a gloria que lhe preparão de ser esposo de Branca, e o misero não poderá responder a seu pae, e talvez que sinta subir-lhe ao rosto o rubor do pejo, lembrando-se que a sua desgraça o fez amar uma *mameluca*.

— Iveta! Iveta! a desgraça quasi sempre nos torna injustas.

— Como?... onde está aqui a injustiça?... ah, minha irmã! não sabem todos que eu sou filha da cathecúmena Cyriaca, gentia nascida e creada no deserto?... quem ignora a raça a que pertence Iveta a *mameluca*?... e que posição occupão na nossa sociedade os miseros selvagens de quem descendo?... oh! nós o vemos! aquelles que não preferem a independencia que d'antes gozavão nas suas *tabas* agrestes, ou são escravos dos colonisadores, ou deixão-se arrastar desprezados e abatidos pelos ultimos degrãos da escala social: a miseria de meus paes reflecta sobre mim: eu tenho um grande peccado original, Branca; eu sou Iveta a *mameluca*!

— Tu és formosa, minha irmã; formosa, como a estrella d'alva; formosa, como eu quizera sel-o.

Iveta apertou entre as suas as mãos de Branca, e respondeu :

— Supponhamos, que seja assim: qu'importa isso?... uma pobre mulher do povo, por mais bella que seja, poderá lutar sem imprudencia com uma grande e rica fidalga no empenho de conquistar o coração e o nome de um nobre cavalleiro?...

— Às vezes póde, Iveta; e tu então, que és pura e virtuosa, pódés ainda muito mais.

— Devia ser assim, Branca; eu o sinto; mas o mundo não pensa d'esse modo. A virtude, a innocencia, a pureza, uma vida sem mancha, um passado fiador irrecusavel do futuro, não supprem o que se chama *nobreza de sangue*: ha sómente uma cousa, que póde levantar o plebeo até o fidalgo; um certo encanto poderoso e forte, que póde transformar o sangue de não sei que miseravel côr do triste plebeo em sangue *azul* dos fidalgos — é o dinheiro!... eu porém sou pobre, minha irmã, sou da terra do ouro, é verdade: mas esta terra de ouro, em que nasci, é como os seios de uma ama escrava, que dão á força o seu melhor leite aos filhos alheios, ainda que os proprios chorem pela falta d'elle.

— Portanto... ia dizendo Branca...

— Portanto, disse Iveta interrompendo sua collaça; portanto, eu vou ser muito desgraçada.

— E eu, Iveta, e eu?!!

— Tu, minha irmã; quem sabe?...

— Ah! se é certo que meu tio contractou já o meu casamento com Jorge; que recurso me resta para escapar á desgraça?...

Iveta olhou com olhos espantados e ardentes para sua collaça.

— Que queres dizer? perguntou ella.

— Não me olhes assim, Iveta: não me olhes assim, que me fazes mal: eu poderia persuadir-me de que, pela primeira vez na tua vida, duvidaste de tua collaça.

— Perdão, Branca; perdão!... exclamou Iveta escondendo o rosto no seio da amiga.

Branca tinha sorprendido um raio fugitivo e rapido de nascente ciume no rosto da collaça; e esta, franca e nobre, não hesitára em confessar a idéa sinistra, que pela alma lhe passára como um relampago.

Branca respondeu:

— Socega, minha boa Iveta: tu me conheces condescendente e franca; juro-te porém, que nada será capaz de me obrigar a dar a mão de esposa a Jorge.

— Branca! Branca!

— Não m'ò agradeças, irmã; eu seria bem capaz de fazer por ti ainda mais do que isto; devo porém confessar-te, que a resistencia que heide oppôr a este projecto de casamento, será inspirada principalmente pelo amor que tributo áquelle que tu sabes.

— Obrigada sempre, minha irmã, obrigada!

— A desgraça, que eu receio, e de que te fallava, consiste só nos trances porque terei de passar, no rigor que meu tio hade empregar comigo, na vida de lagrimas, enfim, que viveirei de hoje por diante.

— Esperança, Branca, esperança!...

— Esperança!... oh! bem tristes e fracas podem ser minhas esperanças.

Iveta olhou para o horisonte: o dia vinha rompendo.

— Repara, disse a *mameluca* apontando para o oriente; repara, minha irmã: a cerração é densa... as trevas envolvem tudo ao redor de nós; d'aqui a uma hora porém o sol brilhará sobre nossas cabeças, e seus raios vivificantes derretendo a cerração e extinguindo as trevas, derramarão enchentes de luz, que darão vida, e mostrarão, coberta de festivas galas, a natureza.

— E pensas...

— Penso e creio que hasde ser feliz... penso e creio que tuas lágrimas se enxugarão, e que depois de alguns dias de amargura virão para ti annos de felicidade, como para a natureza brilha a luz do sol depois das trevas da noite.

— E tu, Iveta?

A *mameluca* fez tristemente um movimento com a cabeça, e disse:

— Eu não serei feliz; o coração me adevinha horriveis desgraças... tenho o coração cheio de luto... eu não serei feliz.

— Iveta!... minha Iveta!

— Entretanto voltemos-nos para aquelle que póde tudo; rezemos, minha irmã, rezemos por nós ambas, rezemos juntas.

E as duas moças ajoelhando-se ao lado uma da outra começárão a rezar, com os olhos pregados no céo.

Quando brilhou o primeiro raio do sol, ellas rezavão ainda.



V.

O engeitado.

Lá se escuta o som do vento
Na solidão pavorosa
De uma noite tenebrosa
Um innocente gemer...
Que tigre de raça humana
No maior agastamento
Póde ouvir este lamento
Sem jámais se enternecer ?

J. Eloy Ottani.

Vinte e tres annos, pouco mais ou menos antes da época em que succedêrão os factos que acabamos de expôr, teve lugar uma scena triste e enternecedora, que tendo intima relação com esta historia, não póde deixar de ser referida.

Em uma noite escura e feia, e já em horas avançadas, vinha rinchando pela estrada que da Praia-Grande se estende para Itaborahy, um carro puxado a bois e seguido por alguns cavalleiros.

Viajavão todos em silencio, como se viessem tristes; mas apesar do rincho do carro e do tropear dos cavallos, muitas vezes se ouvião distinctamente os soluços de alguém que parecia chorar com a dôr mais profunda e desesperada.

Era uma dôr de coração de mãe; a dôr mais vehemente e despedaçadora de entre todas as dôres: a dôr sanctificada no Gólgotha pelas lagrimas sagradas da Rainha das virgens.

Constança, respeitavel senhora itaborahyense, voltava para sua fazenda depois de ter na cidade do Rio de Janeiro abençoado, quiçá pela ultima vez, a Raul, seu filho unico, que lbe era arrebatado pela inquisição, e que preso ia ser arrastado para Portugal.

Qual o crime de Raul?... ninguem o sabia ao certo: dizião uns que fôra apanhado em uma noite trajando habitos de frade franciscano, e que portanto incorrêra em horrivel crime de sacrilegio; asseveravão alguns de seus amigos que elle cahira victima de uma nefanda traição armada pelo seu companheiro da infancia o joven Raphael: ninguem porém se animára a tomar ás claras a sua defeza: tão grande era o medo de cabir no desagrado, ou de desafiar as suspeitas e antipathias dos delegados do terrivel tribunal do santo officio!

O que parecia certo era, que Raphael, falso amigo de Raul, concorrêra de algum modo para a desgraça d'este; porque sendo sempre recebido como um filho na casa de Constança, nunca mais alli apparecêra desde a fatal noite da prisão, e no meio de suas lagrimas a pobre mãe amaldiçoava o companheiro de seu querido Raul, como a causa unica do golpe tremendo que lhe desfebára a sorte.

Constança correra, como dissemos, á cidade do Rio de Janeiro, em soccorro de seu filho; mas a despeito dos esforços sobre-humanos, que fizera, e do dinheiro avultado que espalhára a mãos cheias, tinha conseguido apenas a dolorosa consolação de abraçar e de abençoar o misero preso, alguns minutos antes do seu embarque.

O adeos, que rebentára de seus labios, abraçando pela ultima vez seu filho, fôra repassado de toda a angustia de uma despedida de moribundo: que esperanças poderia ter Constança de tornar a ver o infeliz Raul, quando erão as garas da inquisição, que o arrancavão de seu seio?... um homem preso pela inquisição, era quasi um finado: a inquisição era a porta da eternidade; era um tumulo.

A desolada mãe conservara-se na praia até que a seus olhos desapareceu o navio que lhe rou-

bava metade de sua alma: não enlouqueceu de dôr, porque era catholica, e tinha fé em Deos; mas cahio nos braços de seus amigos, e emfim voltava para sua fazenda esmagada pelo peso enorme de seu immenso infortunio.

Não ha viagem mais monótona, nem mais demorada, do que a que se faz em um carro puxado a bois, principalmente quando a estrada, que se tem de vencer, é de extensão de perto de oito legoas, como a que vai da Praia-Grande a Itaborahy, do qual era visinha a fazenda de Constança.

Era já tarde, e a noite estava tenebrosa: os viajantes ião atravessando uma floresta, que, além de um pouco longa, tinha uma reputação sinistra, e reputação tão justamente adquirida, que se sustentou até bem poucos annos. Contavão-se já n'aquelle tempo numerosos e fataes casos de viajantes accomettidos por salteadores, que n'aquelle floresta achavão couto seguro e preferido: alguns caçadores, que tinham ousado penetrar no interior d'ella, asseveravão ter encontrado esqueletos humanos, restos pavorosos das victimas immoladas pelos ladrões.

A floresta que de um outro lado, e ao bordar outra estrada, toma o nome de *mato dos mundéos*, é a mesma, que se chamava, como se cha-

ma ainda, *mato do gambá*, na estrada por onde ião passando os nossos viajantes. Esse nome, aliás muitissimo prosaico, e de infeliz lembrança de *mato do gambá*, tirou-o ella de um ribeiro pelo qual é banhada.

A tremenda nomeada d'aquelle sitio, a recordação de algumas scenas de sangue e morte de que elle fôra theatro, a hora adiantada da noite e a sua escuridão, o silencio, que reinava, tudo emfim concorria para inspirar receios e idéas lugubres aos viajantes: á excepção de Constança, que só da sorte de seu filho se occupava, todos os outros e ainda os mais animosos sentião-se dominados pela influencia da reputação terrivel, que tornava tão desagradavel aquella floresta; os cavalleiros tinhão-se chegado para perto uns dos outros, e trazendo nas mãos pistolas engatilhadas, marchavão cuidadosos.

Em uma volta da estrada appareceu á entrada do bosque uma luz que parecia partir de uma lanterna: o dianteiro do carro fez immediatamente parar os bois, e correu tremendo a avisar á sua senhora e aos cavalleiros. Constança estremeceu da cabeça até aos pés, como se a visinhança do perigo a tivesse arrancado de sua profunda afflicção; mas vendo que os cavalleiros se dispunhão a avançar para o ponto, onde se mos-

trava a luz, bradou com voz alterada ao carreiro :

— Vamos!... para diante!

E o tom com que o disse foi tal, que o carreiro obedeceu logo : o carro seguiu ; e quando passava por diante da luz, surgiu do bosque um homem todo embuçado em um longo capote, e exclamou :

— Pelo amor de Deos, meus bons senhores, pelo amor de Deos!

— Que é isto?... perguntarão os cavalleiros...

— Pára o carro! gritou Constança.

O carreiro fez parar os bois, e o embuçado aproximou-se ; abriu o capote, e ouviu-se no mesmo instante o vagido de uma criancinha, que parecia ter despertado ao contacto do ar frio da noite.

— Que quer, senhor?... perguntou Constança com um tremor de voz, que não estava de modo algum em relação com a coragem, ou sangue frio, que até então mostrára.

— Senhora dona, disse o embuçado, eu procuro amparo e protecção, procuro misericordia, para uma desgraçada creatura, que acaba de nascer, e que não tem pai nem mãe!

— Como?

— É um engeitado, senhora ; um filho que

não tem mãe, e que vos pede pelo amor de Deos que vos compadeçaes d'elle, e que queiraes ser sua mãe...

A criancinha chorava dolorosamente; Constança desatou a chorar tambem, e respondeu por entre soluços:

— Oh! pois bem! eu sou uma pobre mãe, que acaba de perder o unico filho que o céo lhe concedêra; recebo pois em nome de Deos e da Virgem Maria o pobre filho que apenas nasceu, e já não tem mãe!

— Eil-o, senhora dona; é um menino.

— Como se chama?

— Ainda não está baptisado.

— O nome de seu pae?

— Oh! não m'o pergunteis! chama-se desgraçado.

— O de sua mãe ao menos...

— A mãe do pobresinho sois vós, senhora.

— Virão reclamal-o um dia?

— Nunca.

— Ah! pobre criança!

— Velai por ella, minha boa senhora.

— Eu o juro pela Santa Virgem, que é a mãe e a protectora de todos os infelizes!

— Ella vos abençõe, e abençõe o misero engeitado.

O embuçado depoz um menino, nascido por certo a bem poucos dias, no collo de Constança, e envolvendo-se de novo no seu longo capote, apagou a luz da lanterna, que na mão trazia, e sumio-se internando-se pela floresta.

A criancinha adormeceu bem depressa aqucida no collo de Constança.

A viagem continuou sem o menor incidente, e chegando ao romper da aurora na sua fazenda, a boa senhora, que não quiz confiar o seu filho adoptivo aos seios de nenhuma de suas escravas, mandou immediatamente procurar uma ama.

Apresentou-se uma cabocla já baptisada e casada com um portuguez, a qual acabava de perder um filho, que morrera poucos instantes depois de nascer: era uma mulher socegada e de bons costumes, muito conhecida de Constança, pois que ao pé de sua fazenda morava: foi immediatamente recebida como ama do engeitado.

Essa cabocla chamava-se Cyriaca.

Alguns dias depois o menino foi levado á pia baptismal, onde Constança lhe servio de madrinha, e lhe deu o nome de Leonel.

Bem depressa o amor tomou exclusivamente a si o levar ao cabo a obra que tinha sido começada pela caridade: o pequenino engeitado era

tão galante, o seu sorrir tão feiticeiro, o seu olhar tão puro, que Constança começou a amal-o com verdadeira afeição maternal: no fim de poucos mezes já elle conhecia pelas pisadas a sua mãe adoptiva, e estendendo-lhe de longe os bracinhos, como que lhe pedia beijos e caricias.

Nada faltou a Leonel: vestia rendas e sedas, tinha sempre velando ao pé de seu berço ou Constança, ou Cyriaca, que extremosamente o amava: via satisfeitos todos os seus voluveis caprichos de criança, e quando principiou a andar e a balbuciar as primeiras palavras tornou-se o encanto de sua madrinha e de sua ama.

O primeiro pezar que sentio foi aos quatro annos de idade, quando se separou de Cyriaca, que tornou para o *sítio* e companhia de seu marido: consolava-se porém d'essa contrariedade, porque Constança o mandava levar de passeio todos os dias á casa da — *mãe Cyriaca* —, que era como elle tratava á sua ama, a qual sempre tinha de reserva para *seu filho* fructas, ovos e doces.

Aos sete annos era Leonel o mais travesso, o mais infatigavel, e ao mesmo tempo o mais engraçado dos meninos: subia ao pincaro da arvore mais alta para roubar aos innocentes pas-

sarinhos o ninho que de longe descobria com seus olhos de lynce; corria horas inteiras em torno do campo da fazenda no lindo *pequira*, que sua madrinha lhe dera para satisfazer um de seus caprichos; matava com a certa bala do seu bodoque a andorinha, que passava voando; e depois de passar toda uma manhã, ou uma tarde toda a lidar em violentas travessuras, voltava para casa, e atirava-se nos braços de Constança coberto de suor, com as faces abrasadas, com os cabellos em desordem, e arfando de fadiga.

No meio, porém, d'aquellas façanhas de criança traquinas, brilhavam já n'elle ricos dentes de um coração generoso e nobre: o aspecto da miseria fazia-o esquecer os seus mais estimados brinquedos; encontrando um pobre obrigava-o a receber todo o dinheiro que por ventura trazia consigo, e se sua madrinha não lhe havia dado as pequenas moedas de prata, com que muitas vezes costumava contentar a sua ambição de mepino, tomava então o pobre pela mão, levava-o consigo á presença de sua mãe adoptiva, e ahi obtinha sempre para elle pão, vestidos e dinheiro.

Brincando com os meninos filhos dos vizinhos, nunca mostrára uma só vez distinguir o

filho do rico do filho do pobre, e se no ardor das travessuras alguma desavença se originava, e naturalmente a luta seguia á desavença, Leonel apparecia necessariamente do lado do mais fraco, e a sua intervenção decidia de prompto a victoria, porque elle tinha uma intrepidez, que só podia ser igualada pela força de seu braço e pela agilidade de seu corpo.

De intrepidez, de força e de agilidade tinha Leonel com effeito uma grande fama espalhada por seus camaradas; mas o que elles tomavam por bravura, era exactamente o que Constança considerava o principal defeito de seu filho adoptivo; era a temeridade e a imprudencia com que Leonel affrontava todos os perigos, sem se abater nem se exaltar, e com um sangue frio e abandono de si proprio, que fazia com razão recear bem desagradaveis e funestas consequencias.

Tal era Leonel, aos sete annos de idade, quando um acontecimento para elle inesperado veio encher de alegria o seu innocente coração.

Um dia chegando á casa da mãe Cyriaca, achou-a de cama, e correndo para ella assustado, perguntou-lhe com vivo interesse:

— Mãe Cyriaca: você está doente?...

A amorosa cabocla sorriu-se docemente por aquella demonstração de amizade do travesso menino, e apresentando-lhe uma criancinha recém-nascida, respondeu-lhe :

— Não, meu filho ; estive doente, mas já estou boa : ôlhe, tenho uma irmã-zinha para você.

Com effeito, a mãe Cyriaca tinha no dia antecedente dado á luz uma galante menina.

Leonel saltou de contentamento, fez mil caricias á sua irmã-zinha, e, não podendo conter-se, correu para casa, e foi dar parte á sua madrinha do que acabava de saber.

Mas se o nascimento da menina lhe causára a mais agradável surpresa, não menos agradável foi a que sentio alguns dias depois ainda na casa da mãe Cyriaca.

Leonel não deixava mais passar um dia sem ir duas vezes visitar a sua pequena irmã-zinha, e acontecia sempre, que de manhã a achava mais bonita do que na tarde antecedente, e logo na tarde do mesmo dia descobria-lhe novos encantos, que lhe tinham escapado de manhã.

Assim se passarão duas semanas, e em uma tarde em que Leonel veio fazer a sua indispensavel visita á sua irmã-zinha, apenas entrou em casa da mãe Cyriaca, foi logo correndo para o

berço da criança ; mas em lugar de uma, encontrou duas meninas.

— Agora são duas, mãe Cyriaca!... exclamou elle batendo palmas.

— Sim, meu filho, são duas irmãs, que eu guardei para você.

Leonel chorou de alegria, depois rio-se, depois saltou pela casa, e enfim sentou-se junto do berço, e ali se deixou ficar contemplando as duas meninas até o anoitecer.

Tres dias depois as duas meninas forão baptisadas na mesma hora e na mesma pia.

A primeira chamou-se — Iveta.

A segunda — Branca.



VI.

A perpetua branca.

— Oh, mamãe, mamãe, disse ella entrando em casa : se soubesseis como corremos tanto hoje !...

Eu guardava silencio.

— E tu, meu filho, me perguntou minha mãe : tu não dizes nada ?... porque traz o teu rosto esse *ar* de tristeza ?

Eu tinha o paraíso no coração.

Foi uma tarde, de que me não poderei esquecer mais nunca !

Victor Hugo.

A segunda menina, que a mãe Cyriaca apresentára ao travesso Leonel, e que se baptisára com o nome de Branca, era filha de uma irmã de Raphael. A pobrezinha fôra marcada com o sello do maior infortunio um momento depois de passar do seio materno para o abysmo da vida : o seu primeiro grito de dôr misturou-se com o ultimo suspiro de sua mãe : a morte e a

vida encontrarão-se em um mesmo instante, e sobre um mesmo leito.

Sentindo, que ia morrer, a infeliz mãe, que conhecia e estimava a mãe Cyriaca, recomendou, que só a ella fosse confiada a pobre orphã, que deixava no mundo, e o misero esposo, que nunca podéra negar cousa alguma a sua mulher, cumprio a sua ultima vontade com tanto maior empenho, quanta era a confiança que elle proprio depositava na boa Cyryaca.

Bem que n'aquelles tempos, ainda mais do que agora, se impozesse aos filhos o dever muitas vezes injusto de perpetuar os odios que por ventura separavão os paes; nem por isso foi necessario impedir que se vissem e que juntos brincassem o engeitado e afilhado de Constança, e a sobrinha de Raphael.

Uma excellente razão houve para isso.

Os paes de Branca finhão tomado o partido de Constança, e considerando Raphael como o causador unico da desgraça d'aquelle de quem se dizia amigo, retirárão-se de um irmão e cunhado, cujo procedimento os envergonhava diante dos homens.

Constança foi naturalmente sensivel a esta prova de amizade, e de generosos e nobres

sentimentos, e apertou ainda mais os laços que a união com os dous parentes do seu ligadal inimigo.

Assim poderão Leonel e Branca brincar muito á sua vontade todas as vezes que se encontrão.

Os primeiros tempos da criação de Branca forão passados sempre no *sítio* da mãe Cyriaca, e ainda depois, e só por excepção, ião ás vezes as duas crianças passar com ella dias na fazenda de Pedro de Almeida, que embora amasse extremosamente sua filha, vendo-se viuvo e só, preferia com razão deixar Branca confiada aos vigilantes cuidados d'aquella mulher, que merecia a mais plena confiança, a trazel-a para sua casa, onde por muitas horas em cada dia, elle teria de deixal-a sómente cercada de escravas.

O *sítio* da mãe Cyriaca demorava entre a fazenda de Constança e a de Pedro de Almeida; meia legoa apenas havia entre uma e outra, e portanto a distancia não impedia a Leonel de ir todos os dias visitar a mãe Cyriaca e suas irmã-zinhas; nem mesmo o severo capellão de Constança, que se encarregara de ensinar a lér e a grammatica ao desinquieto Leonel, podia estorvar estes encontros diários; por-

que o menino conseguia sempre dar lição sabida, a tempo de montar depois no seu *pequira*, e correr a encontrar-se com Branca e Iveta.

Mais velho que ellas sete annos, Leonel carregou-as ao collo nos primeiros mezes, depois ensinou-as a andar segurando-as pelos brachinhos, e finalmente fez-se d'ahi por diante o seu *mestre de travessuras*. Que habilidade de mestre, e que progresso de discipulas!...

Os tres meninos se não se julgavão, pelo menos tratavão-se como irmãos.

Branca e Iveta chamavão a Leonel o *irmão-velho*; porque era realmente muito mais velho que as duas: nas primeiras idades sete annos marcão uma enorme differença.

Leonel e Branca chamavão a Iveta — *irmã* — quando com ella fallavão seriamente; mas se estavam em horas de gracejo e zombaria, — *mameluca* — era o nome que lhe davão.

Branca era tratada por ambos simplesmente com o título de *irmã*.

Quando Leonel chegou aos doze annos, e as duas meninas aos cinco, já pouca differença se poderia notar entre o mestre e as discipulas, na arte das travessuras: erão todos tres igualmente turbulentos e traquinas; vencendo o menino as

duas companheiras só na força, no vigor, e na idade.

Até então, e ainda durante alguns annos depois, Leonel que amava muito a ambas as irmãs, tinha uma predilecção decidida por Iveta.

Era uma predilecção bem facil de se explicar.

Iveta tinha todo o ardor, toda a impetuosidade e todo o fogo da sua raça: acompanhava o *irmão-velho* nas mais violentas travessuras, corria e saltava pelo campo, vencida de um pulo um regato, e trepava nas arvores como se fôra um menino; arrostava os ardores do sol e a fadiga de uma longa carreira, e nem mesmo se aterrava quando por acaso a tempestade a apanhava de improviso com seus dous irmãos um pouco distantes de casa: Iveta era pois muito naturalmente a companheira predilecta do ardente e infatigavel Leonel.

Não succedia o mesmo com a delicada filha de Pedro de Almeida. Travêssa como Iveta, não podia entretanto Branca mostrar-se tão forte, como ella: sentia-se abater aos raios abrasadores do sol, semelhante ás flôres da aurora; correndo pela campina ou á margem de um ribeiro, muitas vezes cahia extenuada de cansaço á sombra de alguma arvore, em quanto seus dous irmãos desaparecião a seus olhos: se um re-

gato corria diante d'ella, era preciso, que o *irmão-velho* a carregasse em seus braços para não vel-a molhar os pés-zinhos, e se emfim a tempestade rebentava sobre as cabeças dos tres meninos longe de casa, Branca tremia sempre de medo, e agarrava-se com Leonel, que tinha então de trazel-a carregada.

O que porém tornava Iveta uma *camarada* mais digna de confiança, do que sua collaça; era, que a *mameluca*, por mais quédas que dêsse, e por mais que soffresse d'esses ligeiros sinistros, tão frequentes no meio das travessuras das crianças, nunca chorava, nem fazia queixas; Branca, pelo contrario, desatava a chorar pela mais insignificante contrariedade.

Iveta era uma heroína, e Branca uma chorona; e por isso Leonel, sem deixar de amar a Branca, preferia Iveta; pelo menos foi assim, até que o afilhado de Constança chegou aos seus dezoito annos.

N'essa época forão as cousas mudando imperceptivelmente de face: o *irmão-velho* principiou a sentir, que a preferencia que até então dera sempre á filha da boa Cyriaca ia pouco a pouco desaparecendo, não porque diminuisse a affeição que a ella consagrava; mas porque crescia-lhe no coração a amizade que votava a Branca.

Tambem havia ainda uma excellente razão para se explicar esse phenomeno: as duas meninas já tinham tocado os seus onze annos de idade, e Leonel entrava nos dezoito.

As duas collaças erão ambas muito formosas. Iveta podia ser apresentada como um typo d'essas *bellezas morenas*, bellezas fascinadoras e ardentes, que respirão fogo e fogo dardejão de seus olhos negros como o carbunculo, e brilhantes como os raios do sol; Branca tinha em um rosto de jasmim faces em que se advinhavão rosas mal encobertas pelo véo de uma cutis alva e assetinada; seus olhos bellos, languorosos e ternos não abrasavão, não captivavão á força, mas exhibião de doçura e de suavidade o coração e fazião escravos-voluntarios. A formosura de Iveta era como o fogo do raio; a de Branca suavisava a alma, como o orvalho do céo ao homem perdido nos areaes da Arabia.

Leonel, que representava a força, pôde arrostar o poder dos olhos, que impunhão amor; mas deixou-se escravisar pelo encanto dos olhos, que convidavão a amar.

Se porém até pouco antes dos onze annos de idade Branca parecia doer-se, quando pensava que seu *irmão-velho* amava mais a Iveta do que a ella, e com afagos e meiguices procurava

sempre tornar-se tão cara a Leonel, quanto Iveta se lhe fazia, com as travessuras, em que o acompanhava; d'essa época em diante começou a modificar o seu procedimento, e como que receava acariciar de mais o *irmão-velho*.

Os mezes forão correndo, e esta mudança se foi tornando cada vez mais sensível, ao mesmo tempo que cada vez mais se augmentava também a amizade que por Branca sentia Leonel.

Ás vezes no meio dos seus folguedos Iveta sorprendia sua collaça parada á sombra de uma arvore meditando melancolicamente e com os olhos cravados no chão; e esquecendo que Branca já tinha treze annos, batia palmas loucamente e gritava:

— *Irmão-velho! irmão-velho!* olha nossa irmã como pensa nas cousas do outro mundo!

Branca despertava de sua terna meditação, córava, como se houvesse acabado de praticar uma acção má, e para occultar o seu enleio, deitava a correr pela campina.

E então por sua vez ficava Leonel parado, acompanhando com os olhos a graciosa fugitiva, que corria, e bem-dizendo a brisa e o impulso da carreira, que fazião voar os anneis dos cabellos da formosa menina, e que levantão um pouco seu leve vestido, deixando ver

seus pés ligeiros e mimosos e suas pernas até o tornozelo.

Um dia os tres irmãos reunirão-se como de costume, e como de costume Leonel trouxe flores e frutas, que repartio com as duas meninas: depois sahirão a passear.

Quando se sentirão um pouco fatigados, sentárão-se na relva; Iveta e Branca ao lado uma da outra, e Leonel defronte d'ellas.

Passárão-se alguns instantes de silencio, e Iveta começou a fallar.

— Não gósto d'isto assim, disse Iveta; quando a gente está calada, parece que se acha triste, e eu tenho medo de offender ao bom Deos, mostrando-me triste. Vocês dous cada vez se tornão peiores! d'antes tudo era rir e brincar; agora andão pensativos e distrahidos, como se tivessem grandes negocios de que tratar!... não gosto d'isto assim, repito.

— Pois falla tu, Iveta; disse Leonel.

— Estou vendo que me não ouve fallar! fallo, sim, e começo agora por dizer, que em breve ficarei mal contigo, *irmão-velho*.

— Mal comigo? e porque?...

— Ah! porque?... olha: ha muito tempo que eu estou para queixar-me de ti, e sempre

tenho deixado a queixa para o dia seguinte; mas agora chegou o dia.

— E como ella se finge séria!

— Séria e bem séria que estou...

— Vamos á queixa.

— Antigamente, quando eramos todos crianças, o senhor meu *irmão-velho* não fazia distincção entre mim e minha irmã; trazia-nos as suas frutas, e as suas flôres, e as repartia comnosco com uma igualdade, que não causava ciumes, e agora...

— Agora...

— Das frutas não digo nada; a respeito porém das flôres, senhor meu *irmão-velho*, porque é que as mais bonitas são sempre para Branca, e nunca para mim?...

— Iveta!... disse Leonel meio-confundido.

Iveta desatou a rir, vendo Branca toda córada de pejo.

— Ainda hoje! ainda hoje, continuou; tu me trouxeste uma rosa muito feia, e deste um formoso botão da mesma flôr a minha irmã: pois olha, é muito bem feito! a rosa tenho-a eu, apesar de feia, ainda nos meus cabellos: e o botão?... pergunta a Branca o que fez d'elle; tanto o prezou que o deitou fóra.

E rio-se de novo com infantil alegria.

Leonel olhou tristemente para a collaça de Iveta, cuja perturbação augmentava a cada momento.

— Deitaste fóra o botão de rosa que eu te dei, Branca?... perguntou Leonel com voz sentida.

A moça enleuada e tremula balbuciou apenas:

— Eu... não... nem sei... só se foi, quando corremos, que o perdi...

— Ah! mas Iveta correu tambem, e nem por isso a rosa lhe cahio dos cabellos.

Leonel curvou a cabeça por alguns instantes; depois ergueu-se e disse:

— Passeemos...

Branca, de tão commovida e vergonhosa que estava, pareceu não attender ao convite de Leonel; mas Iveta tomando-lhe a mão, puxou por ella, e obrigou-a a levantar-se, e como reparasse então que a irmã tinha os olhos cheios d'agua:

— Tola! exclamou: pois por tão pouco choras?... eu estava brincando, minha irmã!

E abraçou-se com ella.

Branca chorou ainda mais, e querendo esconder suas lagrimas, fez um esforço para arrancar-se dos braços de Iveta: mas ao recuar o

primeiro passo, saltou-lhe do seio um botão de rosa.

— O botão de rosa!... exclamou Iveta.

Leonel viu abrir-se o céu diante de seus olhos; Branca sentio-se desfallecer, e com voz sumida murmurou tremendo:

— Então... tinha-me cahido no seio...

Antes nada dissesse.

Iveta lançou um olhar, onde se lia a surpresa e a curiosidade sobre os seus dous companheiros, e tornando logo a rir-se de ambos, como já tinha feito, perguntou:

— Passeamos, ou não?...

— Passeemos, disse Leonel avançando.

— Espera, *irmão-velho*, tornou a *mameluca*; a nossa boa irmã está tão perturbada e confusa, que é capaz de esquecer o botão de rosa que lhe saltou do seio; vou apanhal-o.

Apanhou-o com effeito, e dirigindo-se a Branca, disse:

— O bom filho á casa torna, como diz nossa mãe.

E abraçando de novo a irmã, deitou-lhe o botão de rosa no seio.

Em todo o passeio e no resto da tarde Branca não olhou mais uma só vez para Leonel.

Iveta, esperta e maliciosa, como o póde ser

uma mocinha de treze para quatorze annos, que tem tido sempre a educação da virtude, começou a desconfiar que havia o quer que fosse de novo nos corações de seus dous irmãos; e curiosa, como todas as moças de todas as idades, sentio-se arder em desejos de conhecer o segredo d'aquelles corações; teve porém bastante paciencia para esperar que o *irmão-velho* se retirasse, e que se achasse inteiramente a sós com Branca, para pedir á sua collaça a decifração do mysterio.

Quando Leonel se despedio das duas irmãs, estavam ellas já em companhia da mãe Cyriaca; a noite estendia seu véo nebuloso pelos valles, e portanto não pôde Iveta sahir de novo com Branca, nem afastar-se da porta da casa. A mãe Cyriaca não deixou mais suas filhas, senão no instante em que ellas se forão deitar.

Dormião ambas no mesmo quarto, e suas camas estavam lão perto uma da outra, que podião conversar em segredo, sem receiar que podessem ser ouvidas por sua mãe, que dormia em um quarto contiguo.

Iveta esteve algum tempo calada esperando que Branca lhe dissesse alguma cousa; mas reparando que ella, apezar de suspirar de instante a instante, não se resolvia a quebrar o silen-

cio, deliberou-se a encetar a conversação, que desejava.

— Que tens, irmã? estás doente?... perguntou.

— Não, Iveta.

— Suspiras tanto hoje!

— Suspirar?... eu?

— Sim, tu.

— Só se é sem sentir... póde ser que eu não sentisse. Como estava pensando...

— Pensando em que, Branca?...

— Ora... pensando.

— Minha irmã, eu quando penso é sempre em alguma cousa, e suppunha, que te devia acontecer o mesmo.

— Sim; mas ás vezes a gente pensa em tanta cousa ao mesmo tempo, que é como se não pensasse em cousa nenhuma.

— Confia-me sempre algum dos teus pensamentos, Branca.

— Erão tolices de criança, Iveta.

— Não faz mal; eu creio que sou da tua idade.

— Ah, Iveta, não é melhor que durmamos?

— Não; eu quero que tu falles.

Branca não respondeu. Iveta deixou passar alguns momentos, e perguntou:

— Então, irmã?

— Não posso, disse Branca suspirando.

Iveta conhecia bem o coração de sua collaça; e sabia que, fingindo-se enfadada, triumphava sempre d'ella, que era boa, meiga e amorosa, como a mais santa das creaturas: deu portanto á sua voz um accento melancolico e resentido, e disse:

— Boa noite, Branca.

— Ah, Iveta! acudio a collaça: parece que vás ficar mal comigo?

— Ora... mal contigo porque?

— Porque eu não quiz fallar.

Iveta não deu resposta alguma. Branca incommodou-se com aquelle silencio da irmã, e finalmente resolveu-se a satisfazel-a: tambem sua alma tinha necessidade de expandir-se em uma confidencia, e ali, no retiro d'aquelle quarto e sem luz, o seu pudor de virgem soffria menos ao confessar o estado de seu coração.

Se se accrescentar a isto o quasi encanto que acha aquelle que ama pela primeira vez, em fallar de seu innocente e sagrado sentimento a uma pessoa em quem deposita confiança, facilmente se explicará o porque Branca se deixou vencer por Iveta, sem teimar por mais tempo em guardar silencio.

— Então desejas que eu te diga tudo, minha irmã?... perguntou a moça tremendo.

— Se quizeres, Branca.

— Pois bem... chega-te bem para cá... oh! mas não te rias de mim, Iveta!

— Eu, minha querida Branca?... não me conheces ainda?...

— Muito... muito... é por isso que me resolvo a fallar; porém o que vou dizer é um segredo, que se tu o revelasses a alguém, me farias por isso morrer de vergonha.

A curiosidade de Iveta tornava-se cada vez mais anhelante.

— Não tenhas medo, disse ella: tu sabes que eu te amo como a minha mãe, e um pouco mais do que ao nosso *irmão-velho*.

Ouvindo este ultimo nome Branca estremeceu.

— Falla pois, Branca.

Branca principiou com voz tremula, e apenas perceptivel.

— Iveta, dize-me primeiro: tu amas muito ao *irmão-velho*?...

— Muito, Branca.

— E como é que o amas?... tu o amas do mesmo modo que o amavas quando eramos crianças?...

— Tal e qual, minha irmã.

— Ah Iveta!... e porque é que eu tambem não o heide amar assim?...

— Como?... pois tu já não queres bem ao *irmão-velho*?... já não o amas?...

Branca sentou-se de repente na cama, e disse sempre em voz baixa, mas com inexprimivel ardor e sentimento :

— Oh!... se o amo!...

— Explica-me então isso, Branca.

— Tomára eu, que tu m'o explicasses, Iveta!

Tomou então a moça uma larga respiração, e proseguio animando-se pouco a pouco, á medida que o seu pudor de virgem ia sendo vencido pela paixão, que do seio lhe rompia em labaredas.

— Escuta, Iveta : até ha dous annos eu amava Leonel, e com elle brincava, como tu mesma o fazias : meus olhos se encontravão com os d'elle, os meus sorrisos com os seus, a minha mão apertava a sua, eu me deixava carregar apertada no seu seio, sem que minhas faces corassem, e sem que eu me sentisse estremecer...

— E desde dous annos?...

— Lembras-te?... Leonel nos trazia todas as tardes cestinhas de flôres, e eu consentia que elle coroasse minha cabeça com grinaldas de botões de rosa, e que enfeitasse meus cabellos

com jasmim e amores-perfeitos: depois elle beijava meus cabellos, dizia que eu era o seu anjinho, e corriamos juntos cobrindo a relva de flôres, que cabião de minha cabeça: eu ria-me de tudo, e nem ao menos me sentia morrer de pejo, se Leonel me beijava na face: o seu beijo não tinha fogo que abrasava: era um beijo de irmão; lembras-te, Iveta?...

— Lembra-me, sim.

— Isso foi até ha dous annos.

— E desde dous annos?...

— Ah ! desde dous annos tudo isso mudou para mim: como se mudou? não sei.

— Mas que sentes?

— O que eu sinto é uma cousa, que se não diz, que se não explica: sente-se.

— Branca... tudo que estás dizendo é extraordinario; porque eu não sinto nada, e sou para Leonel a mesma que era d'antes.

— É porque tu és feliz, Iveta!

— Quando começaste a experimentar esse sentimento novo, de que fallas, minha irmã?...

— Quando?... tambem não sei: não me é possivel determinar a hora, nem o dia, nem a semana, nem o mez: foi um sentimento que pouco a pouco veio se derramando em meu co-

ração, como a aurora que vem também pouco a pouco accendendo-se no céu.

— Mas se elle é como a aurora, deve ser bem bonito, Branca !

— Sim, é bello como o sol ; mas queima e abrasa também como elle.

— Explica-te mais, minha irmã.

— Ouve: desde dous annos que, sem eu, saber como, sem que alguém me avisasse, me aconselhasse, me dissesse cousa alguma, comecei insensivelmente a pensar, que Leonel não sendo meu irmão, não me devia beijar nas faces ; depois, porque não sei, não pude mais me sorrir para elle sem sentir meu rosto arder no fogo do pejo ; não pude mais encontrar fitos em mim seus lindos olhos pretos sem cravar no chão os meus ; nunca mais nossas mãos se apertarão, que a minha não estremecesse ; e quando passeamos no campo, ou nas margens do *Tingidor*, ou do *Varzea*, sinto-me sempre possuida de um vago receio, que também não se explica, que é prazer ainda, mas que não é mais o prazer antigo. Oh, Iveta ! meu coração está cheio de contradicções inexprimiveis ! se Leonel tarda um momento, se passa um instante sem chegar, além da hora em que costuma apparecer ; parecc-me que me falla alguma cousa

que é essencial para minha vida; logo porém que o avisto, ainda de longe, é tal o meu sobresalto, que mais se assemelha á dor, do que á alegria!

— Branca, eu vou agora entendendo um pouco o que tu sentes...

— Às vezes vem-me á idéa que Léonel poderia encontrar no mundo uma outra mulher, a quem amasse mais do que a mim...

— E então?...

— Então, Iveta, penso que se tal acontecesse, eu havia de morrer.

— Branca!

— Emfim... minha cabeça de louca, ou meu coração inflammado repete-me todas as noites, todos os dias, e a todos os instantes, que pois que Leonel não é meu irmão...

— Deve acabar por ser teu marido, disse Iveta concluindo a phrase.

— Ah Iveta!...

— Pois sim; não ha nada mais claro, nem mais justo, nem mais possivel...

— Minha irmã!

— Digo-te isto, Branca; digo-t'ó de todo o meu coração.

— Pensas assim?...

— Certamente.

— Como tu és boa, Iveta !

— Sim ; se estivesses mais perto de mim davas-me até um beijo : pois bem, repito, que não ha nada mais claro, nem mais justo, nem mais possivel : entretanto, Branca ! o que eu ainda não comprehendo é a razão porque andas agora sempre triste e pensativa !

— Iveta, quando sentires o que eu sinto hoje, comprehendel-o-has.

— Que é que tu sentes, Branca?... amas o *irmão-velho*, e fazes muito bem em amal-o : mas porque o amas, segue-se que devas abysmar-te em profundas melancolias?... olha : se chegar a minha vez de amar, juro que heide amar muito, sem que por isso deixe de viver alegre e satisfeita, como vivo agora.

— Pobre, ou antes feliz Iveta !

— Pobre ou infeliz, o que quizeres ; mas o que é verdade é, que o amor não deve ser senão uma fonte de alegrias e de felicidades : olha, eu amo minha mãe, a ti, e ao *irmão-velho*, e todos esses amores me dão delicias e ventura : todos os outros amores hão-de ser como esses, ou não serão amores.

— Ama, como eu, e verás.

— O que tem o teu amor?... por acaso Leonel te paga mal o que por elle sentes?... pelo

contrario: até de um certo tempo a esta parte demonstra bem claramente que te ama muito mais do que a mim: que te falta pois?

— Nada, e muito, Iveta!

— Não entendo isso, Branca; e de hoje por diante eu tomarei conta de ti; acabarão-se todas as tuas meditações e tristezas... sou eu que t'ó digo; não quero mais que te mostres triste: de amanhã para sempre havemos de rir, passear, brincar, e correr como d'antes: não é assim?

— Não, Iveta: a minha vida tem de soffrer uma modificação. Eu não brincarei nem corrierei mais pelos vales, e pelas margens dos rios com Leonel, como até aqui. O sentimento que se accendeu em meu coração me avisa de que não sou mais uma criança, e se eu fizesse ainda o que tenho feito até hoje, teria de que córar diante de Deos e de ti. Oh! tambem por tua causa... aquelle botão de rosa, que hoje saltou do meu seio, faz com que eu não possa fitar meus olhos nos olhos de Leonel sem córar igualmente diante d'elle.

— Minha pobre irmã!

— Já te disse tudo, Iveta; depositei no teu coração o segredo que no meu conservava encerrado: não me atraioarás, eu o sei; agora descancemos; boa noite.

— Boa noite, Branca; repetio Iveta com voz levemente melancolica.

E adormecêrão ou fingirão dormir.

D'essa hora de terna confidencia por diante, Branca tornou-se ainda mais reservada e perturbada sempre que se achava em companhia de Leonel, porque o seu mimoso segredo já tinha sido confiado a uma terceira pessoa, que embora fosse muito sua amiga, e a tratasse como irmã, sempre a fazia córar á menor acção, e á phrase mais ligeira, em que podêsse transluzir o terno sentimento que se aninhava em seu peito.

Leonel, que tão cheio de ardor e de esperança se ausentára na tarde em que vira saltar do seio de Branca o botão de rosa que lhe havia dado, voltára, no dia seguinte, nas azas de fogo de um amor, que já se reputava correspondido e feliz; mas teve de retirar-se desconsolado e afflicto, porque a mais querida de suas irmãs se recusára a sahir ao passeio costumado pelo valle, e não lhe soubera pagar os sorrisos que lhe déra e o olhar abrasado com que a olhára mil vezes.

— Estará doente hoje, indisposta, cansada, ou mesmo Iveta se arrufaria com ella, ou seu pae se terá negado a satisfazer algum de seus

caprichos de moça? perguntou elle a si mesmo: paciencia... ámanhã heide encontral-a menos triste, e saberá pagar-me a tarde que hoje me fez perder.

Assim pensára Leonel, procurando explicar o procedimento de Branca; mas o dia seguinte, e depois d'esse mais outro, mais dez, mais cem, vierão á porfia lançar-lhe a amargura e o desespero no coração.

— Que lhe fiz eu para tratar-me assim?... perguntava o mancebo a si proprio: será crime adoral-a, como se deve adorar aos anjos do Senhor Deos?

Branca teimava no seu proposito: sem maltratar, sem negar a Leonel nenhum signal de fraternal amizade, esquivava-se comtudo a facilitar-lhe qualquer occasião de se achar a sós com elle; ao vel-o chegar estendia-lhe a mão como d'antes; recebia as flôres que o mancebo lhe trazia, conversava agradavelmente com elle; não passeava porém mais, senão acompanhada pela mãe Cyriaca.

Estas contrariedades em lugar de arrefecerem, não fizerão senão atear ainda mais o amor que Leonel consagrava a Branca. O character impetuoso e ardente do engeitado de Constança não se pôde dobrar com paciencia nem com

resignação a esses primeiros golpes de uma aparente adversidade. O mancebo sentio-se cada vez mais arrebatado pela paixão, e acreditando-se infeliz, não vendo provas évidentes da felicidade porque suspirava, no proprio acanhamento, e nos receios e perturbação de Branca, entregou-se como louco ás garras do mais desesperado soffrimento.

Seu rosto tomou a còr pallida e a expressão abatida e deprimente de um padecimento profundo: seus olhos afundárão-se; seu corpo emmagreceu visivelmente, e a alegria habitual de seus modos trocou-se por uma tristeza silenciosa e rude. Passava os dias scismando e as noites velando. Exasperava-se quando lhe perguntavam o que soffria, e quando o inquerião sobre a causa de sua teimosa melancolia.

Esquecêra ou aborrecêra todos os prazeres ou distracções, de que se mostrára até então apaixonado: um só de seus antigos habitos conservava: era a visita diaria que todas as tardes fazia á mãe Cyriaca e a suas duas irmãs.

Constança observava cuidadosa e afflicta o seu querido afilhado: a mãe Cyriaca chorava muitas vezes ao vel-o.

Iveta accusava Branca de demasiada crueldade, e Branca principiava a perder o valor, com

que por tanto tempo se esquivára a corresponder claramente ao amor de Leonel.

Uma tarde chegou o mancebo á casa da mãe Cyriaca mais cedo do que costumava; estava mais pallido e mais triste do que nunca; mas tinha os olhos brilhantes de um fogo que se poderia dizer sinistro.

A mãe Cyriaca havia sahido, e Branca não se achava com a sua collaça.

Iveta estremeceu encarando Leonel.

— Que tens, *irmão-velho*?... perguntou ella: sabes que nos vás infelicitando a todos com essa afflicção, que te consome?

— A todos?... disse Leonel; não Iveta; a mãe Cyriaca, a minha madrinha, a ti, eu o creio; a todos, não.

— *Irmão-velho*, tu te esqueceste de nomear nossa irmã; se Branca te ouvisse, ficaria mal contigo.

Leonel sorriu-se tristemente.

— Póde ser, balbuciou elle.

— Irmão, irmão, não digas assim! olha, eu nunca te perguntei a causa de teus soffrimentos, porque a adivinhei...

— Tu?

— Sim, eu.

— Adivinhaste-a?

— Sim... respondeu Iveta hesitando; adivinhei-a.

— Iveta, tu não sabes mentir, córas quando mentes.

— Leonel!

— Vamos pois, minha irmã: qual é a causa dos meus soffrimentos?...

— Tu amas.

— Sim, eu amo: mas a quem?...

— Amas a Branca, Leonel.

O mancebo fez-se côr de sangue.

— É isso: ella t'ò disse?

— Supponhamos que assim fosse: faria ella mal em confiar-me esse segredo?

— Não; mas é claro que eu sou bem desgraçado, Iveta!

— Leonel!... tu não sabes o que dizes.

— Ella sabe que eu a amo, Iveta; ella vê como eu soffro, Iveta; ella deve comprehender que a paixão, que me devora, é capaz de me obrigar a fazer loucuras... e entretanto... tu o vês, Branca me despreza!

— Meu irmão...

Leonel interrompeu a *mameluca*.

— Irmã, Branca me descarregou por tuas mãos o ultimo golpe; eu te agradeço; um des-

engano completo vale o dobro de uma dubia e louca esperança: adeos!

— Escuta, Leonel.

Era tarde; o mancebo saltou sobre o cavallo, e partio á desfilada, não querendo attender aos gritos de Iveta que o chamava.

A pobre moça precipitou-se para o quarto de Branca, a quem encontrou chorando desesperadamente.

— Tu o matas, minha irmã!... exclamou ella.

— Oh! não!... não!... não me digas isso... eu o salvarei!...

Na manhã seguinte um portador da fazenda de Constança trouxe uma noticia, que derramou a afflicção e o mais acerbo pezar na casa da mãe Cyriaca: Leonel, cansado da vida de ocio, que vivia, e desejoso de adquirir, por seus proprios esforços, riqueza e nome, que não tinha, participára á sua protectora que partiria a procurar fortuna e gloria ao romper da proxima aurora. Uma resolução de Leonel era sempre infallivelmente realisada: o mancebo ia portanto ausentar-se.

O dia passou-se em lagrimas: de tarde Leonel appareceu: estava frio e calmo: vinha fazer as suas despedidas.

A mãe Cyriaca e Iveta abraçárão-n'ó e mo-

lhárão-lhe as faces e o peito com o seu pranto : Branca, que não correu a abraçal-o, chorava tambem recostada a uma mesa, e com o rosto escondido entre os braços.

Depois de algum tempo gasto em soluços, queixas e vãs rogativas, Leonel disse :

— Antes de partir quero tambem despedirme das arvores, dos bosques, e dos lugares tão caros á minha infancia... eu volto já.

E sahio.

— Louco!... disse a mãe Cyriaca.

— Infeliz!... disse Iveta.

— Ingrato!... balbuciou Branca.

A *mameluca* lançou sobre a irmã um olhar, onde quasi que se lia a colera ; mas logo serenou vendo-a erguer-se com o rosto incendiado, e os olhos vermelhos, menos do pranto que tinha vertido, do que do fogo que os abrasava.

— Não partirá!... exclamou : oh meu Deos! não partirá!... é impossivel... seria o mesmo que matar-nos... porque pelo menos eu morreria de dôr!

E como arrependida do que acabava de dizer, correu para dentro.

Entretanto, Leonel visitára, talvez para mais nunca vel-os, os sitios queridos, onde passára os dias mais bellos da sua vida ; no fim de uma lon-

ga hora de passeio voltou, e antes de entrar em casa, quiz tambem pela ultima vez dizer o seu adeos de despedida ás flores de um jardim-zinho que havia contiguo á casa da mãe Cyriaca.

Entrou ; mas logo aos primeiros passos deu com os olhos em Branca, que provavelmente o esperava.

O mancebo pareceu hesitar. Branca avançou para elle, e com os olhos arrasados de lagrimas, perguntou-lhe :

— Com effeito : queres partir, Leonel?

— Sim, minha-irmã ; é absolutamente necessario que eu parta.

— Absolutamente necessario? e porque?

— Porque... oh!... não m'o perguntas.

— Leonel! tu não partirás.

— É inevitavel, Branca.

— Ah! eu t'o peço.

— Pedes-me um impossivel.

— Leonel!... sou eu que t'o peço... é a tua... irmã, que o pede.

— Custa-me a dizer-te que não ; mas eu heide partir.

— Leonel!... repetio ella acompanhando seu olhar de fogo com um sorriso cheio de meiguice e de encanto.

— Jurei que havia de partir: disse o mancebo cravando os olhos no chão para não vê-la.

— Leonel!... disse ainda ella com o mesmo olhar de chammas, com o mesmo sorrir de magia, com uma voz doce e meiga como a melodia de um anjo, e apertando entre as suas uma das mãos do mancebo.

— Não: já agora heide partir.

Branca deixou cahir a mão, que apertava, e dando á sua voz um tom menos doce e mais positivo, disse:

— Não partirás: eu t'o prohibo.

Leonel ergueu a cabeça e olhou para a bella moça.

— Tu me prohibes?... e porque, Branca?

— Porque tu me matarias, Leonel!...

— Branca!

— Leonel!...

— Oh!... eu comprehendo e te agradeço: a tua piedade será para mim uma consolação na ausencia: adeos!

— Leonel! eu não quero que tu partas! eu t'o prohibo, repito!

— Branca, sabes tu que eu já resisti á minha madrinha, á mãe Cyriaca, e a Iveta?

— Oh!... e por ventura não sou eu...

— Acaba!

— Não partirás, Leonel!

— Acaba o que pretendias dizer-me...

Branca não teve coragem: suas faces tingi-
rão-se de vivo rubor, e sua cabeça cahio sob o
peso do pudor virginal sobre seu peito.

— Adeos, Branca! disse Leonel.

A moça tremula, e com o rosto sempre ca-
hido, levou as mãos ao seio, tirou de dentro
d'elle um botão de rosa já murchô, e apertan-
do-o entre seus formosos dedinhos mostrou-o a
Leonel, e murmurou doce e ternamente:

— Não partirás, Leonel!

— Branca!... exclamou o mancebo cahindo
de joelhos.

— Leonel!... tu ficarás comnosco?

— Oh!... mas eu te amo loucamente!

— E ficarás comnosco?

— Porém tu?... tu me amas?

— Leonel!

— Falla!

— Ah!... não tenho eu dito de mais!...

— Amas-me então?

— Sim... muito...

— Branca!...

— Tu ficas, Leonel?

— Oh... para sempre!...

— Vem gente... exclamou a moça arrancando

sua mão de cherubim dos labios ardentes de Leonel.

O mancebo ergueu-se, e um instante depois appareceu Iveta chorosa.

— Iveta, disse Leonel, eu tenho uma cabeça de doudo.

— Eu o penso, meu irmão, e tanto que pretendes deixar-nos.

— Mas se eu já mudei de resolução!

— Como?... bradou a *mameluca*, rindo-se e chorando ao mesmo tempo.

— Vem; eu te contarei: vamos de passeio ao *ingaseiro do Tingidor*

— Vamos... mas Branca...

— Tambem ella, está visto: não virás conosco, Branca?

— Sim, *irmão-velho*, vamos.

— Antes de tudo porém quero enxugar as lagrimas da mãe Cyriaca.

E saltando e correndo, como dez annos antes, Leonel foi dar a feliz noticia á mãe Cyriaca.

Iveta abraçou-se com sua bella collaça.

— Ainda bem! ainda bem!... disse ella.

— Oh! mas custou-me muito!

— E agora?

— Sinto-me feliz.

Leonel chegava outra vez, e dando o braço ás

duas formosas moças, partio para o *ingaseiro do Tingidor*.

Iveta sentio que com a alegria lhe vinhão de novo as suas costumadas inspiraões de gracejo e de zombaria.

— Mas como foi isto!... perguntou ella: conta-me como mudou o nosso *irmão-velho* de resolução, Branca?...

Leonel sorrio-se e Branca fez-se vermelha.

— Então, não me respondes?... como foi que se operou este milagre, Leonel?...

Nenhum dos dous respondia.

— Peior! continuou a terrivel Iveta; um se põe a rir, e a outra fica vermelha?... aqui ha segredo... vejão lá, que se não me dizem, eu adivinho... Leonel sabe que eu adivinho tão bem como um feiticeiro... fallão ou não?...

— Iveta, disse Branca de repente, corramos!

— Branca! respondeu Iveta: olha que está ventando!...

A amada de Leonel tornou-se ainda mais vermelha.

— Iveta, disse este; não zombes de um sentimento, que esteve a ponto de nos tornár a todos desgraçados: não abusemos da felicidade.

— Ah! já confissão?... pois então dou-lhes os parabens, nada mais digo.

O passeio continuou tão agradavelmente, como bem se pôde pensar: dentro em pouco a confiança da amizade foi vencendo tanto, quanto o pudor da mais nobre das donzellas pôde deixar vencer em uma conversação; e Iveta, conforme disse, teve occasião de ir aprendendo umas cousas, que ella não sabia, e que precisava muito aprender.

Entretanto, as lições que ouvia erão simplesmente de um amor innocente e puro, que podia ser confessado aos ouvidos de Deos; lições, que a natureza ensina, e que, perfilhadas e dirigidas pela virtude, fazem sim córar a innocencia; mas não deixão nem o mais leve remorso no coração.

Para Leonel e Branca a aurora da felicidade acabava de despontar no céo do mais santo dos amores.

Passeando, rindo e brincando, chegarão finalmente os tres jovens ao sitio, para onde se tinham dirigido.

Era o *ingaseiro do Tingidor*.

Entre o rio Aldêa, que banhava a fazenda de Constança, e o rio Varzea, que atravessava o campo da fazenda de Pedro de Almeida corria ainda um pequeno ribeiro, a que chamavão, e chamão ainda o *Tingidor*, que passava por muito perto do sitio da mãe Cyriaca.

Em uma de suas margens havia um lugar encantador : era um muito limitado campo-zinho quasi circular, sempre coberto de verde gramma, cercado por todos os lados de arvores frondosas, e dominando um valle formoso, e grande extensão do ribeiro, que em mil voltas se espriguiçava murmurejando : á beira do *Tingidor* um *ingaseiro* se elevava molhando suas raizes na agua clara e transparente.

Embaixo d'aquella arvore feliz, sempre se encontrava uma sombra propicia de tarde, mercê da qual se gosava da frescura das auras, dos gorgeios dos gaturamos, das sabiás, dos coleiros, e do encanto do somnolento murmúrio do ribeiro.

Era esse, desde muitos annos, o sitio da predilecção dos tres filhos da mãe Cyriaca, e ainda uma vez n'esse dia de amorosa dita se dirigirão para passar o resto da tarde.

Chegarão, como fica dito, ao *ingaseiro do Tingidor*, e sentárão-se, como costumavão, as duas moças aos lados de Leonel.

— Ha que tempo ! disse o mancebo : ha que tempo que não vinhamos a este lugar aprazivel !... não tinhas saudades, Branca ?

— Muitas.

— D'ora ávante havemos de voltar aqui todas as tardes : não é assim ?...

— Sim ; atreveu-se Branca a dizer , embora sem olhar para Leonel ; sim ; mas tu tambem , *irmão-velho* , nunca mais te lembrarás de partir para longe de nós .

— Oh ! nunca , nunca mais .

— E se algum dia te entrar na cabeça o fazer uma loucura igual á que tinhas projectado effectuar amanhã?... perguntou Iveta .

— Branca me fará chegar á razão empregando o seu talisman .

— O seu talisman?... e qual é elle?...

— Dize , Branca .

A moça córou , sorriu-se e respondeu :

— É um botão de rosa , Iveta .

— Ah!... é o tal botão-zinho de rosa , que te saltou do seio n'aquella tarde ! bem fiz eu em apanhal-o .

— É verdade ; acudio Leonel ; Branca tem um talisman para vencer as minhas loucuras ; mas se alguma vez ella se mostrar má para mim , onde acharei eu um igual talisman , com que possa triumphar da sua crueldade?...

Branca olhou para Leonel , e com seu instincto de amante , comprehendeu o que elle queria dizer : depois de hesitar um momento , levantou-se e foi direita a um mimoso arbusto ,

coberto de flôres, que perto do ribeiro se mostrava. Era um pé de — perpetuas brancas.

A moça colheu a mais bella e viçosa das flôres, e tornando para o *ingaseiro*, offereceu-a a Leonel dizendo :

— Eis ahi o teu talisman, Leonel : é uma *perpetua branca* : sabes o que quer dizer ?

— Dize.

— Quer dizer : *sempre*.

— *Sempre* !... oh é a divisa mais nobre, que poderia tomar um cavalleiro !

Leonel parecia louco outra vez ; mas de prazer.

— Como vocês estão adiantados !... exclamou Iveta ; e o mais é, que começão a me fazer desejos de amar tambem !

— Pois ama, Iveta ; disse Leonel.

— Não ames, não, irmã ; disse Branca.

— O que me parece, tornou Iveta, é que o tal amor, que vocês sentem, é uma cousa que rebenta no coração sem se sentir... mas... ve-
jão só... o sol entrou, e nós ainda estamos fóra...

— É verdade !... voltemos para a casa.

Voltarão com effeito os tres jovens, e mais alegres do que nunca em outro tempo o tinham feito ; a alegria porém de cada um d'elles se demonstrava ou se occultava de modo especial.

Iveta mostrava-se contente e expansiva sem procurar conter as explosões de sua alegria.

Branca cobria o prazer que lhe inundava o seio com o véo do pudor, que lhe avermelhava o rosto.

Leonel arrancado inesperadamente pelas mãos da mais risonha e bemfazeja fortuna, do abysmo, em que se queria precipitar, tinha a alma tão cheia de felicidade, que a cada instante seus olhos se enchião de lagrimas, e o seu semblante exprimia tão agitadamente o jubilo, que ás vezes seria difficil adivinhar na sua physionomia o sentimento de que se achava possuido.

Quando chegarão á porta da casa, avistarão a mãe Cyriaca.

— Então, meus filhos, estaes contentes?

Branca vio o olhar de sua ama fito em seu rosto, e para occultar a perturbação que lhe causava, exclamou :

— Oh! muito! muito!... tornámos-nos crianças como ha cinco annos!... corremos e brincámos como n'esse tempo!

— Mas tu, Leonel? quasi que me parecees triste!

— Eu triste, mãe Cyriaca?... eu triste?... ah! os anjos, que me abrirão as portas do

céo, deverião fechal-as outra vez se eu estivesse triste!...

D'ahi a um instante, quando mais desapercebidos estavam os tres jovens, a mãe Cyriaca estendeu o braço, e sem ser sentida por elles, lançou, com os olhos em lagrimas, uma bênção piedosa sobre as cabeças de Leonel e Franca.

A ama tinha descoberto o terno segredo de seus dous filhos!



VII.

A saudade rôxa.

Menina, que serás martyr,
Anjo, que serás mulher.

V. Hugo.

Em tudo quanto diz respeito ao amor, a mulher dos nossos dias é a mesma mulher de todos os seculos! Debaixo d'esse ponto de vista a civilisação nada póde aperfeiçoar, e nada destruir. Eva subsiste sempre.

O amor transpira do coração de uma mulher, como o perfume do seio de uma rosa.

A menina adivinha amor antes de ser moça; a moça sonha com amor antes de ser amante.

Quando o amor não rebenta de repente no coração da moça, como uma flôr precóce: a

moça aproxima-se, encaminha-se para o amor, levada pelo instinto, ou pela curiosidade, como a borboleta de azas brilhantes, que vòa para a luz em que deve arder!

Arranquem uma menina recém-nascida do regaço de sua mãe, e vão creal-a na solidão de um deserto; accendão no espirito de outra menina todos os pharóes scintillantes com que a educação e a instrucção a deve dirigir sabia e prudentemente no caminho da vida; a desterrada do deserto e a discipula da civilisação sentirão amor da mesma maneira; a segunda o explicará melhor que a primeira; mas esta não o experimentará menos que a outra.

O porque, é a natureza, que o deve dizer. O que nós sabemos é, que a mulher ama como as aves gorgeão, como as flôres rescendem, como as estrellas brilhão, como o fogo arde no seio da terra, e como o desejo desponta no seio da alma.

O amor é o unico e verdadeiro mestre de si mesmo: planta que nasce espontaneamente, brota no coração, e abre uma flôr, que deve ser colhida.

A curiosidade com que a mulher que ainda é anjo, procura saber o que é amor, não é mais do que o primeiro perfume da flôr do co-

ração, que ainda contém as suas pétalas envolvidas em botão.

No seio de Iveta o amor era ainda a flôr em botão; mas o seu primeiro perfume já tinha transpirado do coração, porque Iveta perguntava já o que era amor.

Branca poderia ter satisfeito a curiosidade de sua collaça, porque o amor amanhecera na sua alma como a flôr precóce.

O amor de Branca e de Leonel aguçava a curiosidade de Iveta; ella desejava conhecer, experimentar esse sentimento poderoso e despotico, que n'um momento tinha o poder de trocar os risos em lagrimas, e o pranto em alegria.

A borboleta approximava-se da luz.

Porque quereria ella amar?... não tinha visto o amor lançar o desespero na alma de Leonel, e abrir uma fonte de lagrimas nos olhos de Branca?... a afflicção de seus amigos não deveria ter sido uma lição de experiencia proveitosa para ella?

Porque ainda assim queria Iveta amar?

Porque as aves gorgeão, as flôres rescendem, as estrellas brilhão, a terra tem no seio o fogo, que arde, e a alma o desejo, que aspira.

A experiencia é sempre vã e impotente quando se trata de amor: uma provém da razão, o

outro nasce do coração ; nada tem que ver uma com o outro.

E o amor tem demais a seu favor o acaso, que sempre o favorece para abrir-lhe o primeiro vôo.

E depois?... depois o horisonte da vida é vasto para dar-lhe espaço a seus vôos : e desde que bate as azas a primeira vez, qu'importa o resto?... feliz ou desgraçado, é sempre amor.

Um acaso veio saciar o desejo de Iveta... inda mal para ella.

O acaso foi uma quéda ; tambem não importa isso ; o amor é cego, segundo o pintão ; não admira pois que comece ás vezes e começasse n'este caso por uma quéda.

Eis aqui a historia do amor de Iveta.

Uma tarde, em que Leonel tinha ido visitar suas duas irmãs na fazenda de Pedro de Almeida, descansavão os dous jovens amantes sentados sobre um outeiro verde e gracioso. O sol dourava com seus ultimos raios a cupula das florestas do occidente ; a poucos passos corria manso e vagaroso o tenue Varzea ; a hora do crepusculo approximava-se.

Leonel e Branca olhavão-se, suspiravão, e sorrião-se : a felicidade radiava no semblante de ambos !

Amavão-se como dous anjos ; a vida era para elles a bemaventurança, e o mundo o paraíso.

A virtude e a innocencia sagravão os laços de flôres, com que amor prendera aquelles dous corações.

Em seu terno e doce meditar, ao pé um do outro, Leonel e Branca havião esquecido a propria Iveta, que perto d'elles estava em pé observando-os curiosa.

— Que embriaguez ! pensava Iveta olhando para seus dous irmãos de criação ! que viver tão differente do viver de todos ! o amor que tem o seu mundo á parte, os colloca entre o céu e a terra, muito acima dos homens, e apenas abaixo dos anjos. Oh ! quando chegará tambem a minha vez de amar e ser amada !... como eu heide saber amar, meu Deos !... com que ardor, e com que fogo !... com que alma toda inteira abysmada n'esse mysterio a que se dá o nome de — amor !

E desatando um suspiro, repetio ainda :

— Quando chegará tambem a minha vez de amar e ser amada, meu Deos !...

Mas de subito a attenção de Iveta foi absorvida por um novo objecto.

Um joven cavalleiro atravessava o campo da fazenda a toda disparada de seu cavallo : debal-

de lutava, e empenhava todos os seus esforços para suspender o violento e rebelde animal; o ginete já não obedecia ás rédeas, e cego de raiva lançava-se aavez do campo sem escolher caminho, nem medir perigos.

A uma forte soffreada do cavalleiro, deu o cavallo tão grande salto que partio as rédeas, e abandonando o trilho, que pelo campo se estendia, como uma fita branca, atirou-se para um ponto, onde o rio se deslisava, por entre duas altas e escalavradas ribanceiras.

Rapido como o relampago, o ginete chegou á beira do precipicio, e arrojou-se n'elle com o furor e o desespero de um suicida.

Iveta, Branca e Leonel soltárão um grito de dôr e de espanto.

As duas moças ficárão immoveis por alguns instantes, e quando se lembrárão de correr ao theatró da catastrophe virão já Leonel descendo precipitadamente a ribanceira.

O joven cavalleiro estava cahido e sem sentidos na arêa, tendo metade do corpo dentro do rio.

O cavallo seguia a corrente bufando e manquejando.

Ao chegarem á ribanceira, as duas moças exclamárão ao mesmo tempo :

— Morto !

Leonel, que estava debruçado sobre o corpo do mancebo, levantou a cabeça e disse :

— Não : ainda lhe bate o coração : chamem alguém que me ajude a carregal-o para casa.

Pouco depois o mancebo achava-se deitado, e ainda sem sentidos, em um leito na casa de Pedro de Almeida.

No fim de uma hora Leonel chegou com um *Licenciado* de grande fama, o qual depois de um curto exame, achou que o doente, além de um desmaio, tinha um braço deslocado.

Pedro de Almeida e Leonel havião reconhecido o mancebo desde o primeiro instante ; era filho de um homem chamado *Claudio Góes*, e chamava-se Jorge.

Claudio Góes chegou para ver o filho, muitas horas depois do lamentavel acontecimento ; achou-o já livre do desmaio ; mas o seu estado era tão melindroso, que forçoso foi deixal-o na casa de Pedro de Almeida.

Nenhuma das duas moças tinha visto antes d'esse dia aquelle mancebo ; e enquanto se receiou pela sua vida, muito occupadas com o desgraçado fim, que o ameaçava, mal poderão reparar n'elle ; quando porém o *Licenciado* completou a dolorosa operação que reclamava o braço deslocado do doente, e deu as primeiras es-

peranças de seu restabelecimento, os olhos da mulher lançáram-se sobre o rosto do homem.

Branca declarou-o feio, porque não se parecia com Leonel.

Iveta nada disse.

Jorge era então um joven de dezoito annos; tinha o rosto oval e branco, os olhos grandes, azues e bellos, seus cabellos erãõ castanhos e annelados, sua tez assetinada, sua boca pequena e graciosa: tinha as mãos delicadas e finas como as de uma mulher: era delgado e bem feito, e seu semblante poderia ser tomado pelo de uma moça gentil, se a barba, macia e, virgem ainda, não lhe estivesse revelando o sexo.

Iveta, que não dissera nada, tinha-o achado formoso.

Dentro em poucos dias estabeleceu-se naturalmente a intimidade entre Jorge e as duas moças, que muitas vezes o ião ver em companhia de Pedro de Almeida, ou da mãe Cyriaca.

Claudio Góes quasi nunca visitava o filho, e sempre que o fazia, marcava a sua visita com um longo sermão, que prégava contra as loucuras de Jorge, lembrando-lhe com severidade que a sua quéda fôra um justo castigo, por ter comprado, sem a permissão paterna, aquelle maldito cavallo por um preço exorbitante.

O cavallo tinha custado uma dobra!

Tambem o annuncio de cada visita de seu pae assustava a Jorge, que fechava os olhos tão dolorosamente, quão doce e ternamente os conservava abertos, quando entravão no seu quarto as duas moças.

Jorge começava já a não sentir ter cahido do cavallo; Leonel, no caso d'elle, teria ido mais adiante, desejando cair de novo umas duas ou tres vezes, ainda que de cada vez quebrasse uma perna ou deslocasse um braço.

As duas bellas moças parecião a Jorge, como dous anjos que um sonho delicioso lhe pozesse velando á sua cabeceira.

Tinha ouvido fallar n'aquellas duas meninas; lembrava-se terem-lhe dito que erão bonitas: nunca porém as adevinhára tão formosas.

O olhar de Branca enchia de suavidade sua alma: o olhar de Iveta abrasava-lhe o coração. Sentio-se dentro em pouco capaz de ser um amigo dedicado da filha de Pedro de Almeida; o sentimento da amizade parecia-se com o olhar de Branca.

Quanto a Iveta, a amizade era muito fria para se parecer com o seu olhar de fogo, e não se passou muito tempo, que o coração lhe não dissesse a que sentimento se assemelhava o olhar

que tinha o poder de abrasal-o. O amor e o fogo tem pontos de contacto ou de semelhança muito salientes.

Entretanto os dias se passavão, as melhoras progressivamente se demonstravão, e Jorge, que já se sentia captivo dos encantos da filha de Cyriaca, não ousava manifestar-lhe o que por ella experimentava, em uma só phrase, d'onde transpirasse amor.

Timido e fraco por natureza, tinha medo de affrontar o poder d'aquella jôven mulher de olhos negros e brilhantes, e nem ao menos, quando a olhava apaixonado, via no vivo rubor que assomava ás suas faces côr de jambo, e na confusão em que a deixava, a confissão ingenua, incalculada e eloquente do seu triumpho ou da sua felicidade.

Iveta, a ardente *mameluca*, que tinha sonhado com amor, como uma fonte inexgotavel de ventura e de alegrias, e que tanto se havia admirado da melancolia e dos soffrimentos de sua collaça, começava a sentir por si mesma esse estado de anciedade e desassocego, esse viver de desejos vehementes, que uma alma innocente não pôde explicar mas que sente, esse scismar de horas inteiras durante o dia, e essas noites cheias de suspiros e de sonhos, tudo isso em-

fim, que cerca e acompanha o *amor* de um coração virgem, como um cortejo indispensavel e essencial.

Iveta achava-se presa do encanto dos olhos brandos e suaves de Jorge, de seu sorrir gracioso e amigo, de sua voz sonora e doce. Aquelle mancebo delicado e bello, cujo rosto tinha a lindeza mimosa de uma mulher, ajustava-se perfeitamente á natureza forte e vehemente da *mameluca*: parecia-lhe que encontrava n'esse homem formoso, e de tão melindrosa apparencia, não um senhor para obedecer-lhe como escrava, mas um *ser* quasi angelico para transformar-lhe a terra em um eden, e fazer dos dias de sua vida una corrente de flôres.

Até então porém nem uma palavra de amor trocada entre ambos; fallavão-se apenas com os olhos e sempre sem querer fazel-o; entendião-se com os sorrisos de um e o rubor do pejo da outra, e sempre sem pensar, que se estavam entendendo.

Este amor, que havia começado por um acaso, tinha de dever a sua manifestação clara e ingenua a um outro acaso.

Um dia Leonel passando de manhã pela fazenda de Pedro de Almeida, chegou para visitar suas bellas irmãs e o interessante doente.

Desde a tarde, em que Jorge cahira do cavallo, Branca e Iveta não tinham voltado ao sitio da mãe Cyriaca, e Leonel fazendo-lhes, como costumava, a sua visita diaria, teve de estreitar relações com o filho de Claudio Góes, e dentro em pouco a familiaridade e a confiança ligarão os dous mancebos.

Quando Leonel chegou, Pedro de Almeida não estava em casa, e em quanto Branca e Iveta não lhe appareção, entrou para o quarto de Jorge, a quem já encontrou de pé:

— Excellente! exclamou Leonel; dentro de tres ou quatro dias ao mais tardar, estarás bom e prompto para dar outra quèda.

Jorge sorriu-se.

Entretanto as duas moças tinham corrido á sala para receber Leonel; vendo porém que elle se achava no quarto de Jorge, onde ellas não entravão senão em companhia de Pedro de Almeida, ou da mãe Cyriaca, tornárão ambas para dentro.

Mas Iveta voltou do meio do corredor...

A grande varanda que corria em toda frente da casa de Pedro de Almeida, e que ainda ha pouco chamámos sala, abria portas para diversos quartos destinados aos hospedes, e ainda, em uma das suas extremidades, para uma pe-

quena, mas graciosa capellinha com um unico altar consagrado á Santa Virgem.

O quarto em que estava Jorge ficava exactamente ao pé da capella.

Iveta sentio um desejo ardente de ouvir o que conversavão os dous moços : Leonel já tinha grãcejado tantas vezes com ella sobre a sua predilecção por Jorge, que bem podia ser, que a seu respeito fallassem elles, que tão amigos já erão.

Curiosa e imprudente, vendo do corredor que a mãe Cyriaca deixava-se estar socegradamente sentada defronte de sua almofada de rendas, voltou para a varanda, e foi pé ante pé collocar-se junto da porta do quarto de Jorge.

Ignorava que o doente já se tinha levantado da cama ; não recebeu pois que pudesse chegar a sorprendel-a.

Acabava de praticar uma acção má ; teria de córar por isso : o primeiro castigo que o céo impõe ás donzellas imprudentes é o fogo do pejo abrasando-lhes as faces.

Iveta havia promettido a si mesma que fugiria logo depois de ouvir as primeiras palavras de Jorge.

Ouvio-lhe as primeiras palavras, e ficou ; era de esperar que assim fizesse.

Leonel continuou a sua conversação dizendo:

— Sim, em poucos dias estarás no caso de dar nova quéda; mas olha, Jorge, eu em teu lugar, não cahia senão no campo d'esta fazenda.

— Não se cahe sempre, Leonel.

— Ora que asneira! cahe-se mesmo de um cavallo magro... eu era capaz de cabir até de um cavallo de páo.

— Ainda bem que não precisas fazel-o!

— E como dizes tu isso com um ar tão triste!

— Não sabes que me chamão Jorge — o *Triste*?... — é porque o sou.

Leonel córou levemente, porque lembrou-se, que o povo injusto e máo, tornando o filho responsavel das maldades do pae, por odio que tinha a Claudio Góes, chamava tambem a Jorge — o *filho do Onça*.

Dissimulou porém, e sorrindo-se tornou:

— Não, Jorge, essa tua tristeza tem-me ares de tristeza nova...

— Não entendo bem o que me queres dizer.

— Pois eu sou inimigo de mysterios e de circumloquios, e digo sem cerimonia tudo quanto me parece que é verdade.

— Pois vamos lá, falla.

— Póde chegar alguém á varanda, e eu não quizera ser ouvido, e nem isso te faria conta.

— Vamos então para a varanda.

E tão promptamente sahirão os dous moços do quarto, que Iveta, não tendo tempo de fugir para dentro, não teve outro recurso senão esconder-se na capella.

Leonel e Jorge continuárão a conversar na varanda.

— Que ha? perguntou Jorge.

— Que ha? é, que estás triste porque te achas evidentemente restabelecido.

— Homem, essa é boa!

— E porque estando restabelecido não terás remedio senão tornar para a casa de teu pae e sahir d'esta.

— Então... eu...

— E porque, em uma palavra, tu estás apaixonado por Iveta.

— Leonel!

— É tal e qual! eu já tenho experiencia, e portanto não me engano.

Jorge abaixou a cabeça e ficou pensando tristemente.

Iveta sentia-se suffocada dentro da capella, d'onde estava ouvindo tudo.

— Acertei ou não?... perguntou Leonel batendo no hombro de Jorge: acertei ou não? dize; homem honrado não mente.

— Acertaste, Leonel.

— Ah!

— Mas de que me vale amar, adorar Iveta com toda violencia de uma paixão indomavel? eu, o triste, eu, de quem ninguem gosta... eu, o desprezado...

— Que é isso lá? estás doudo? —

— Não: disse uma verdade, que me péza.

— Tu desprezado? e por quem?

— Por todos, Leonel.

— Menos por mim, Jorge; disse o engeitado estendendo-lhe a mão, que o amigo apertou.

— Eu o creio.

— Menos tambem por umas poucas de pessoas do nosso conhecimento.

— Talvez.

— Vê lá quanta gente já! e, o que ainda mais te importa, menos por Iveta.

— Quem sabe?

— Eu.

— Tu? quem t'ó disse?

— Ora, adivinhei que ella te ama, do mesmo modo que descobri que amas a ella.

Jorge sacudio a cabeça.

— Já tenho experiencia, continuou Leonel: olha, em quanto estiveste em perigo, rezava ella horas inteiras ajoelhada aos pés do altar d'aquella capella; quando não houve mais re-

ceio pela tua vida, vinha todas as manhãs cobrir de flôres o altar, e dar graças á Santa Virgem: ora, um interesse d'estes, quer dizer alguma cousa... e depois: não vês como te olha tão perturbada?... como te falla tremendo?... como fica toda côr de rosa, quando lhe fazes o menor comprimento?... Jorge, estes signaes não falhão!

— E pensas...

— Não penso; sei de certo.

— Como?

— Até já lh'o disse...

— A quem?

— A ella: pois a quem havia de ser?

— Leonel!

— A cousa é simples: sou teu amigo, e estimo muito que ames a Iveta.

— Porém ella que disse? perguntou Jorge tremulo de amor e de esperança.

— Abaixou os olhos, e começou a revolver o lenço entre as mãos: signaes certos!...

— Mas não te disse que sim?

— E não me disse que não: signal certissimo, Jorge!

— Portanto a duvida...

— Qual duvida! ainda hontem á tarde coheu uma cestinha de saudades roxas para or-

nar com ellas o altar da capella, e quando eu e Branca gracejavamos com ella a teu respeito e exigiamos uma confissão: queres saber o que ella fez?

— Sim... dize...

— Abaixou muito os olhos, tornou-se muito vermelha, e balbuciou: « pois sim... confesso que o amo ».

— Leonel! Leonel!...

— Silencio! silencio... que eu prometti guardar segredo.

— Ah, Leonel, tu me dás a vida!

— Pois fica ahi vivendo, que eu saio e vou ver se encontro minhas bellas irmãs no seu jardim.

E o leviano e ligeiro mancebo sahio correndo, em quanto Jorge com o coração cheio de alegria, como até então nunca sentira, cahia de joelhos para agradecer a Deos tanta felicidade!

Mas de subito ergueu-se, dizendo com paixão:

— Oh! no altar! no mesmo altar em que ella rezava por mim!...

E abrindo a porta da capella, suspendeu-se de repente, encontrando-se face a face com Iveta.

A pobre moça suppoz que ia morrer de con-

usão e de vergonha; não se atrevia a levantar a cabeça, e tremula como um ramo de palmeira agitado pelo vento, nem tinha força para fugir aos olhos d'aquelle, diante de quem acabava de ser descoberto o mysterioso segredo de seu virginal coração.

Jorge hesitou no primeiro instante, julgando-se illudido por um sonho lisongeiro: duvidava de tão inesperada e tão preciosa dita; mas emfim não pôde mais resistir á realidade.

Era immensamente feliz.

Estendeu as mãos para Iveta, como um penitente eleva a sua alma para o céu.

— Não sonho, não?... é tudo verdade?... perguntou elle com os olhos brilhando por entre lagrimas de ineffavel prazer.

Iveta não respondeu.

— Oh! falle! falle!... eu tenho o meu coração suspenso á entrada do paraiso... não me faça com o seu silencio cahir outra vez nas trevas de uma duvida, que me atormenta!

Iveta fez um movimento para sahir.

— Não! não! já agora devo receber da sua bocca a sentença do meu futuro: senhora! pela imagem sagrada que do alto do altar nos está olhando, eu juro que lhe amo!

Iveta sentio dentro de sua alma misturarem-se

os sentimentos de pudor com os da mais indizível felicidade.

— Oh! falle! falle! se me ama também, se eu sou tão ditoso, que a aza de um anjo viesse tocar em meu seio, e que seus olhos lançassem um olhar benigno sobre mim: que eu o saiba pela sua bocca!

Iveta tremia convulsivamente, e chegava-se para junto do altar, como procurando a protecção divina.

Jorge deu um passo para ella e proseguio:

— Ou se o pejo lhe embarga a voz, e se antepõe ao complemento da ventura que aspiro... senhora!... que sua mão me outorgue uma d'essas flôres com que ornou o altar da mais pura das Virgens!... essa flôr fallará por nós ambos, e será para mim uma resposta favoravel, e o primeiro laço da nossa futura união... Oh! dê-me uma d'essas flôres!...

Iveta julgou que estava prestes a desfallecer; seu braço se estendeu, e sua mão foi apoiar-se sobre o altar, e... (ainda o acaso!) Iveta encontrou entre seus dedos uma flôr: era uma saudade roxa!

Jorge vio a mão e a flôr, e exclamou:

— Iveta!... minha Iveta!...

E cahio de joelhos.

Iveta estremeceu... retirou depressa sua mão do altar onde se apoiára; mas a *saudade roxa* embarçou-se entre seus dedos... escapou d'entre elles depois que a mão de Iveta estava fóra do altar, e foi cair sobre o peito esquerdo de Jorge.

Dir-se-ia que a *saudade roxa* de Iveta procurava o coração do mancebo.

— Oh! sou feliz!... disse Jorge levantando os olhos para a moça.

Mas Iveta já se tinha escapado da capella, vermelha, trémula e confusa, como se tivesse acabado de commetter um grande peccado aos olhos de Deos.



VIII.

A borboleta preta.

A mão do Fado invejoso
Vai quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que amor nos quiz prender!
Gonzaga.

Leonel e Branca, Jorge e Iveta amavão-se todos quatro na primavera dos annos e no rir mais fagueiro da vida; todos quatro com os corações cheios de esperanças e as cabeças cheias de illusões; todos quatro poetas no ardor de seus sonhos; todos quatro anjos na pureza de suas virtudes, o seu amor devia transformar para elles o mundo dos soffrimentos em um eden de indiziveis e innocentes gozos.

Leonel e Branca, Jorge e Iveta amavão-se, e vião correr os dias e os mezes nas azas do

prazer e do encanto: nenhuma dôr toldava a limpida corrente de sua felicidade; nenhuma acção má, que desmentisse a innocencia de seus amores ennegrecia com o mais leve remorso a serenidade de suas almas, e a pureza de seus sentimentos.

Fôra tentar o impossivel querer acompanhar o amor dos quatro jovens em todos os seus interessantes episodios. Uma só phrase resume toda essa historia: elles amavão-se como os homens amão aos dezoito e aos vinte annos, e as mulheres aos quinze.

N'essa idade, e quando se ama, o amor é uma religião, o coração é um altar, o objecto amado é um idolo; mas o culto que se vota a esse idolo não offende a Deos; porque o amor é um sopro divino.

Querer pintar, descrever um d'esses amores com todas as suas nuanças; querer daguerreotypar todas aquellas santas alegrias, que fazem passar uma hora em um instante, um dia em uma hora; todas aquellas passageiras melancolias, todos aquelles engraçados enfados que tornão o prazer, a felicidade mais saborosos logo depois, como essas notas desharmonicas que soltas no meio de uma melodia lhe dão mais realce e vigor; querer reproduzir esses

olhos que abrasão, e esses olhos que se curvãõ para a terra quando as faces se cobrem de purpura ; esses estremecimentos que causão duas mãos que se encontrão por acaso ; essas palavras que se decorão ; esses sonhos que se sonhão sem dormir ; esses suspiros não fingidos que contra a vontade rompem do coração ; querer, emfim, pintar o enleio, o pejo, o extasi, o enthusiasmo, a gloria ; é, repetimol-o, tentar o impossivel.

O amor da juventude, o primeiro amor, não se descreve, sente-se. Quem passou essa idade sem tel-o sentido, não o sentirã tambem mais nunca, e faz dó, porque teve incompleto o drama de sua vida, e perdeu d'esse drama o acto mais bello, mais encantador, mais sublime ; o acto, em que a terra mais se approxima do céu, e o homem mais se approxima do anjo.

O primeiro amor é o amor do espirito ; é tão nobre, que nunca se lembra de descer da alma para o corpo. É o amor da confiança, das crenças, das illusões, da fé, é um amor de fogo, mas o seu fogo parece-se com aquelle que ardia nas sarças do monte Horeb, e que não queimava as sarças :— é o fogo de Deos.

Não amesquinharemos pois um d'esses amores apertando-o ao ponto de podel-o conter nos

estritos limites de uma descripção por mais longa e completa que ella fosse.

Leonel e Branca, Jorge e Iveta amavão-se: eis tudo.

Convém no entretanto deixar já bem marcado o character de Jorge, que ainda mal conhecemos, e tornar bem evidentes alguns traços, que muito o distinguão de Leonel.

Leonel, como ficou dito, era ardente, ousado e impetuoso; olhava para o futuro com a cabeça levantada e olhos ávidos; era forte por natureza, e por educação; tinha, por assim dizer, a sua fortaleza na sua organização, e essa fortaleza havia-se desenvolvido e crescido, porque o amor extremoso de Constança nunca se lembrára de domal-a, subjugando o animo exaltado do menino que lhe fôra confiado.

Jorge era filho de um homem avarento, máo e despotico, que nunca amára senão ao seu dinheiro; desde pequenino habituára-se a ler o seu destino nos olhos de seu pae, a empalidecer ao enrugar das sobranceilhas de Claudio Góes, a tremer e chorar a um grito que lhe ouvia, e a appellar sómente, em todas as difficuldades em que se achava, para o amor de sua mãe; essa mesma consolação bem cedo lhe faltou, porque vio-se ainda em tenra idade

orphão de mãe; e desde então sempre medroso, sempre contrariado, sempre curvo e tremulo diante de seu pae, acostumou-se á sua fraqueza, e quando se tornou moço não se lembrou mais de se tornar forte; bom, condescendente para com todos, incapaz por si mesmo de fazer mal a alguém, era sobretudo um instrumento cego, um escravo submisso da vontade paterna.

Não ignorava que seu pae era geralmente aborrecido; sabia que no empenho de amontoar riquezas elle sacrificava ao prazer infernal de sua avareza ricos e pobres, a quem ás vezes fazia desgraçados, não se importando de colher thesouros ensopados de lagrimas; mas, conhecendo tudo isso, Jorge que muitas vezes tinha vergonha das acções de seu pae, nunca se animára a deixar-lhe ouvir um respeitoso conselho de filho; pois sabia que em tal caso, além de desprezado o conselho, seria o conselheiro severamente castigado.

E muitos do povo, que mal apreciavão o character de Jorge, misturavão em suas maldições os nomes do pae e do filho, e como por escarneo, e para significar os instinctos ferozes do avarento, o chamavão Claudio Góes — o Onça — ou — Claudio-onça, — tambem por escarneo chamavão a Jorge — o filho do Onça!

Outros porém que bem conhecião o nobre e infeliz mancebo, davão-lhe uma differente alcunha, que muito melhor lhe assentava; como Jorge, pela sua educação comprimida, e pela convicção da má reputação de seu pae, andava sempre abatido e melancolico, assentárão de chamal-o — Jorge o Triste.

Tal era o mancebo que merecêra a gloria de ser amado por Iveta.

Se nas breves palavras, que acabamos de escrever, não ficou bem patente o character de Jorge e as qualidades que o tornavão muito differente de Leonel; uma curta conversação havida um dia entre os dous virá dar mais luz a este ponto.

Depois de se terem prendido pelos laços de amizade, e ainda mais pela fraternidade de seus amores, os dous mancebos encontravão-se muitas vezes para conversar sobre suas esperanças e sua dita, ou para irem juntos visitar Branca e Iveta.

Uma vez, passeando juntos a cavallo, travou-se entre elles esta conversação:

— Jorge, disse Leonel: quero confiar-te um pensamento que trago ha dias na cabeça!

— Dize-o.

— Está me parecendo que já é tempo de acabar com o mysterio do meu amor.

— Como?

— Muito simplesmente: confiando tudo á minha madrinha, á mãe Cyriaca e ao pae de Branca.

— Vê como são as cousas, Leonel: o que mais me atormenta é o receio de que se venha a descobrir o amor que tenho a Iveta.

— Então porque?...

— Oh! sou teu amigo devéras, e tanto o sou que te direi o que não diria a outrem; receio, Leonel, porque Iveta é pobre, e meu pae me ordenaria que não a tornasse a ver.

— E tu que farias?

— Ah Leonel, eu padeceria muito!

— E esquecerias Iveta?

— Eu esquecel-a?... nunca; isso nunca.

— Mas, Jorge, eu tambem sou pobre como Iveta...

— Bem: e se o Sr. Pedro de Almeida ordenasse a Branca que te não visse mais?...

— Eu havia de ver Branca e havia de amal-a, apezar de seu pae.

— E se tua madrinha...

— Apezar d'ella tambem.

— Leonel: tu não crês no impossivel?

— Creio em um.

— Qual é?

— Creio que é impossível que o homem não acabe por morrer um dia.

— Mas ha obstaculos tão fortes...

— O homem é mais forte que todos elles.

— Leonel, uma gota d'agua envenenada é de sobra para acabar com o mais poderoso dos homens.

— Jorge, um homem só é de sobra para acabar com um leão, que é o mais soberbo e tremendo dos animaes.

— Então: não tremes nunca?...

— Nunca.

Jorge curvou a cabeça tristemente.

— E tu, Jorge?

— Eu?...

— Se teu pae te prohibisse absolutamente que amasses Iveta?

— Leonel, eu havia de amal-a sempre no fundo meu coração... em segredo.

— Se teu pae te ordenasse que casasses com outra mulher?

— Oh! eu me deixaria morrer...

— Bem entendido, se teu pae não te ordenasse que vivesses...

— Leonel!... a zombaria -vem bem pouco a proposito...

— Perdôa, Jorge; mas não comprehendo essa docilidade de criança, essa obediencia de escravo. Somos ambos muito amigos; mas os nossos caracteres são dous inimigos irrêconciliaveis.

— Sim; tu és forte, e eu sou fraco.

— Não digo tanto; mas tu és a prudencia, e eu sou a loucura; tu és a obediencia, e eu sou a resistencia; tu és a paz, e eu sou a guerra; tu és a quietação, e eu sou a impetuosidade: a consequencia é que cada um de nós tem os seus defeitos como os outros homens; porém...

— Porém tu és melhor do que eu.

— Não era isso o que eu queria dizer.

— Então o que era?

— Era que com todos os nossos defeitos ha muita gente peor do que nós.

Jorge sorriu-se, e a conversação parou abi, porque os dous cavalleiros acabavão de entrar no sitio da mãe Cyriaca, e de reconhecer Branca e Iveta, que os esperavão com os olhos embebidos na estrada.

Ao avistar as duas formosas meninas, Leonel e Jorge esquecêrão-se um de sua fortaleza e o outro de sua fraqueza: o primeiro sentio-se menos forte, o segundo reconheceu-se menos fraco, e ficarão ambos igualados pelo encanto e pela felicidade de seus amores.

Saltarão os dous mancebos de seus cavallos e corrêrão para Branca e Iveta ; mas ficarão tristemente sorprendidos ao encontral-as melancolicas, assim como á mãe Cyriaca que rezava sentada n'um canto da pequena sala de sua casa, e que se levantou para recebêl-os.

— Que é isto, mãe Cyriaca?... perguntou Leonel: vejo signaes de tristeza em todos estes semblantes, que sempre se mostram tão satisfeitos!... que quer dizer esta mudança?...

— Meu filho, ha cousas que se não podem explicar; estamos tristes porque tememos que alguma desgraça nos venha a acontecer...

— Mas como?... que desgraça?...

— Não sabemos; mas...

— Mas que?

— Temos máos presagios.

— Ora... mãe Cyriaca: pois é isso?...

— É, meu filho, e não é pouco; chegámos hontem, como sabes, da fazenda do Sr. Pedro de Almeida, e desde hontem reparámos todas, que o pobre *Fiel*, o cão-zinho estimado de Branca, não cessa de cavar a terra e de uivar dolorosamente! e ainda mais, esta noite sonhei com vestidos pretos e com musicas de igreja...

— É preciso não dar tanto peso aos sonhos: disse Jorge.

— Oh! os meus sonhos sahem sempre certos!...

— Pois este, graças a Deos, não hade ter fundamento algum, e será desmentido pela continuação da sua boa fortuna e dos seus prazeres.

Iveta fitou seus lindos olhos no rosto de Jorge, e disse :

— Ah! queira o céu que seja assim; mas eu temo e receio como minha mãe...

— Tambem a senhora?...

— Tambem; ainda me lembra que tres noites seguidas, antes d'aquella em que morreu meu bom pae, veio sempre uma coruja pousar na cumieira da nossa casa piando agouros terribes, que desgraçadamente se realisarão! Oh!... eu creio nos agouros!...

E a pobre moça desatou a chorar.

— Iveta! minha irmã! que loucura é essa? disse-lhe Leonel, tomando-lhe a mão.

— Se ao menos fosse eu a victima!

— A coitadinha teme que seja eu que tenha de morrer, observou Cyriaca.

— Não hade ser assim, não, Iveta; disse Branca toda tremula; olha: quem cava a terra e uiva com tanta dôr é *Fiel*, o meu pobre cachorrinho; está visto pois que sobre mim é que tem de cahir o raio.

— E eu digo que tudo isto é um temor de criança, uma fraqueza indesculpavel, que é necessario vencer. Vamos rir... vamos brincar... vamos esquecer esses tristes pensamentos.

— Não, meu filho; quando se tem sobre o coração um pezo, como este que nós temos, não se deve brincar, nem rir.

— Então deve-se chorar sem motivo?

— Tambem não; mas, pelo menos, deve-se rezar.

— Oh! sim!... rezemos, minha mãe!... exclamarão as duas meninas.

— Pois em tal caso rezaremos nós tambem.

— Sim, accrescentou Jorge; é justo: sempre se aproveita bem o tempo em que se está com o pensamento em Deos. Rezemos todos pela felicidade de tão santas creaturas.

A mãe Cyriaca olhou com viva expressão de gratidão para o filho de Claudio Góes, e logo depois abriu um pequeno oratorio, que havia sobre uma commoda, accendeu duas velas e ajoelhou-se.

Branca e Iveta, Leonel e Jorge ajoelharão-se tambem: as duas meninas quasi a par da mãe Cyriaca, e os dous mancebos a alguma distancia d'ellas.

Longa foi a oração; mas ao seu influxo pare-

cêrão ir serenando os temores e pezares das tres senhoras.

Finalmente fizerão todos cinco o signal da cruz, e já se ião levantando, quando Iveta e Branca soltárão ao mesmo tempo um grito de espanto e de dôr, e apontárão com suas tremulas mãos para um objecto que acabava de mostrar-se a seus olhos.

Uma grande borboleta preta entrára pela porta da casa, e depois de volvear em torno das moças, lançou-se instinctivamente para as duas luzes, e sapecando na chamma suas longas azas, voltou e foi cahir sobre a cabeça de Branca.

A filha de Pedro de Almeida pallida e convulsa, agarrou no misero insecto, atirou-o para longe de si, e exclamou :

— Ah!... meu pae!...

E desfez-se em lagrimas.

Ao tempo que isto acontecia, *Fiel* uivava no terreiro.

A mãe Cyriaca apagou as luzes, fechou o oratorio, e foi sentar-se no canto da sala sem dizer uma só palavra de consolação á sua filha adoptiva.

Iveta apertava entre as suas as mãos de Branca, que estavam frias como o gôlo.

Leonel e Jorge começavão por sua vez a re-

cear que aquelles funebres agouros não fossem chimeras, e que a borboleta preta podésse ser mysteriosa mensageira de alguma grande desgraça.

Reinava o silencio : nenhuma das cinco pessoas, que ali se achavão, atrevia-se a pronunciar a mais simples phrase.

Ouvia-se sómente o soluçar de Branca e de Iveta, e o sussurrar das rezas da mãe Cyriaca.

Fiel continuava a uivar.

De repente ouviu-se bater a cancella do campo: Branca deixou-se cahir sobre um banco.

— Ah! vem a má nova! disse a mãe Cyriaca: Deos se compadeça de nós!...

Ouvia-se o tropear de um cavallo.

Os dous mancebos precipitárão-se para a porta, e virão um cavalleiro que vinha correndo á desfilada.

Leonel sentio-se desfallecer, reconhecendo no cavalleiro um pagem de Pedro de Almeida.

— Quem é? perguntou a mãe Cyriaca.

Leonel não respondeu.

O pagem saltou em terra.

Leonel correu para elle.

— Que ha?... perguntou.

— É meu senhor, que acaba de morrer de repente.

— O Sr. Pedro de Almeida?!!

— Está morto.

Pedro de Almeida acabava de morrer inesperadamente, victima de uma apoplexia fulminante: Branca, sua filha unica, era pois a sua unica herdeira, e ficava senhora de uma fortuna mais que mediocre.

Mas Pedro de Almeida não deixára nem testamento, nem tinha parente algum no Brasil; e Branca, que ficára orphã, tinha de passar a ser governada por um tutor.

O tutor de Branca foi Raphael, seu tio materno.

Um abysmo separava já Leonel de Branca; porque Raphael era o inimigo figadal da velha Constança, e Leonel tinha aprendido desde criança a aborrecer o homem que fizera a desgraça do filho de sua boa madrinha.

Separada de Leonel, a consolação unica que restou a Branca, no meio da sua immensa dôr, foi a companhia e a amizade de Iveta, que não quiz viver longe d'ella; e a da mãe Cyriaca, que muitas vezes ia vel-a na fazenda do Varzea, que fôra de Pedro de Almeida, e para onde passou a estabelecer-se Raphael com sua familia.

Sobre o tumulo de Pedro de Almeida mostrou-

se Raphael erguendo-se como uma barreira entre Leonel e Branca.

O amor todo passado em risos, alegrias e esperanças, acabou!

Comêçara o amor ensopado de lagrimas.

Murcharão os risos, seccarão as fontes das alegrias; ficarão só as esperanças, que nunca morrem no coração do homem.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).